



UNILASALLE



CENTRO UNIVERSITÁRIO LA SALLE

MESTRADO PROFISSIONAL EM MEMÓRIA SOCIAL E BENS CULTURAIS

MARTA IVONE GONÇALVES DA SILVA

**TERTÚLIA ROMÂNTICA: UMA PRÁTICA
ESCOLAR NO COLÉGIO MILITAR DE PORTO ALEGRE**

CANOAS

2012

MARTA IVONE GONÇALVES DA SILVA

**TERTÚLIA ROMÂNTICA: UMA PRÁTICA ESCOLAR
NO COLÉGIO MILITAR DE PORTO ALEGRE**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Memória Social e Bens Culturais do Centro Universitário La Salle – UNILASALLE, como requisito parcial para obtenção de grau de Mestre em Memória Social e Bens Culturais.

Orientação: Prof^ª Dr^ª Zilá Bernd

Co-orientação: Prof^ª Dr^ª Patricia Kayser Vargas Mangan

CANOAS

2012

MARTA IVONE GONÇALVES DA SILVA

**TERTÚLIA ROMÂNTICA: UMA PRÁTICA
ESCOLAR NO COLÉGIO MILITAR DE PORTO ALEGRE**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Memória Social e Bens Culturais do Centro Universitário La Salle – UNILASALLE, como requisito parcial para obtenção de grau de Mestre em Memória Social e Bens Culturais.

Aprovado pela Banca Examinadora em 24 de agosto de 2012.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a Dr^a Zilá Bernd

Prof^a Dr^a Patricia Kayser Vargas Mangan

Prof^a Dr^a Nádia Maria Weber Santos

Prof. Dr. Marcelo Iserhardt Ritzel

Dedico este trabalho à professora Eva Esperança Guterres Alves, em reconhecimento aos seus dez anos de trabalho no projeto Tertúlia Romântica no CMPA.

Quando residimos por muito tempo em determinado lugar, podemos conhecê-lo intimamente, porém a sua imagem pode não ser nítida, a menos que possamos também vê-lo de fora e pensemos em nossa experiência. (Tuan, 1983, p.20-1)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço aos meus filhos pela compreensão e carinho ao longo deste percurso de estudo, pelo incentivo e afeto presencial.

Aos professores de Mestrado pelo desprendimento e disponibilidade que, de uma forma especial, contribuíram para a conclusão deste trabalho e, conseqüentemente, para meu aprimoramento profissional.

Aos colegas com os quais convivemos nesta caminhada, pelos momentos de discussão e pesquisa compartilhados na cumplicidade, de ajuda e amizade, obrigada.

Aos meus queridos ex-alunos que, de forma solidária e desprendimento, deixaram registradas, no *blog Memórias da Tertúlia Romântica*, suas lembranças vivenciadas na prática educativa.

Obrigada aos amigos Clotilde Maso e Silvio Schuh pela ajuda, incentivo e refúgio carinhoso nos meus momentos bons e tensos desta caminhada.

Mesmo que a palavra “obrigada” signifique tanto, não expressará por inteiro o quanto as colegas e amigas Eva Esperança Guterres Alves e Ione Vinhais contribuíram na construção deste estudo, disponibilizando materiais audiovisuais e fotos de seu trabalho na Tertúlia.

Obrigada a todos por estarem sempre presentes, pela determinação, fé, e principalmente pelo Amor de vocês.

RESUMO

A presente investigação estuda a construção da memória coletiva de ex-alunos e de professores, desenvolvida a partir de um projeto interdisciplinar envolvendo História e Literatura com o segundo ano do Ensino Médio, ao longo de uma década no Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA). Pretende-se compreender e divulgar as estratégias utilizadas nesta atividade que se mostraram inovadoras às práticas tradicionais do currículo regular, bem como refletir sobre a importância da interdisciplinaridade no processo ensino aprendizagem no contexto escolar. O objeto de estudo é uma investigação do Projeto Tertúlia Romântica (1999 a 2008) por meio de depoimentos de ex-alunos e professores postados em um *blog* denominado “*Memórias de ex- alunos na Tertúlia Romântica*”. Este recurso virtual visa contribuir para o registro das experiências das diferentes visões dos testemunhos, ressignificados pela análise e repercussão desta prática na vida cotidiana desses ex-alunos e pela construção da narrativa do evento de modo coletivo. Assim, procura-se verificar como se constituiu tal produção artístico-cultural, como meio articulador e mediador da aprendizagem, do ponto de vista dos docentes e aferir e divulgar depoimentos efetuados por discentes (ex-alunos do CMPA) acerca de suas vivências e da aquisição de conhecimentos e sensibilidades com a experiência do projeto em estudo.

Palavras-chave: Memória. Interdisciplinaridade. Aluno. Professor. Tertúlia.

ABSTRACT

This research is the study of the collective memory development of an interdisciplinary educational project between History and Literature through the retrieval of the memory of former second year high school students and their teachers who had experienced it over a decade at Military school of Porto Alegre (CMPA). This research also aims the understanding and dissemination of strategies disclosed in this activity that presents innovative over the traditional practices of the regular curriculum of the school routine, and it also aims at reflecting on the importance of this interdisciplinary experience In the process of teaching and learning. The object of study is an investigation of the Romantic Assembly Project (1999-2008) through the testimony of former students and teachers posted on a blog named "Memories of ex-students in the Romantic Assembly". This virtual tool is intended to help record the experiences of different views of the testimonials, reinterpreted by the analysis and repercussions of this practice in the lives of former students at the present time and the construction of the narrative event in a collective way. Thus, this study tried to verify how such artistic and cultural production is made up as a way to mediate the learning process from the point of view of teachers. In the same way, this study also tried to spread the statement made by students (former students of CMPA) about their living experiences and their acquisition of knowledge and sensitiveness with the experience of the project being investigated.

Keywords: Memory. Interdisciplinary project. Student. Teacher. Assembly.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Imagem da ex-aluna Bruna Carneiro: Tertúlia 2005	16
FIGURA 2 - Imagens do Colégio Militar	17
FIGURA 3 - Imagens do Colégio Militar	34
FIGURA 4 - Conjunto de fotos de diferentes Tertúlias (1999 - 2008).....	39
FIGURA 5 - Conjunto de fotos de diferentes Tertúlias (1999 - 2008).....	44
FIGURA 6 - Conjunto de fotos de diferentes Tertúlias (1999 - 2008).....	51
FIGURA 7 - Conjunto de fotos de diferentes Tertúlias (1999 - 2008).....	58
FIGURA 8 - Diferentes cenas da IX Tertúlia 2007.....	68
FIGURA 9 - Conjunto de fotos de diferentes Tertúlias (1999 - 2008).....	72
FIGURA 10 - Memória dos ex-alunos: aspectos relevantes salientados pelos ex-alunos.....	86
FIGURA 11 - Tertúlia 2008 – Cem anos de Machado	87
FIGURA 12 – Interdisciplinaridade: reflexão dos professores	96

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1- Reconstrução a partir das memórias postadas no <i>blog</i>	70
--	----

LISTA DE ANEXOS

ANEXO 1	BLOG MEMÓRIA DE EX- ALUNOS NA TERTÚLIA ROMÂNTICA.....	114
ANEXO 2	ROTEIRO DE DEPOIMENTO E AUTORIZAÇÃO VIRTUAL	115
ANEXO 3	TERMO DE CONSENTIMENTO DO CMPA	132
ANEXO 4	TERMO DE CONSENTIMENTO DA PROFESSORA EVA GUETERRES ALVES.....	134

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE 1	PROGRAMAÇÃO DAS DEZ TERTÚLIAS 1999 A 2008	116
APÊNDICE 2	ENTREVISTA DA PROFESSORA EVA GUTERRES ALVES	128

LISTA DE SIGLAS

AES	Avaliação de Estudos
AFA	Academia de Força Aérea
AMAN	Academia Militar das Agulhas Negras
AP	Avaliações parciais
CMPA	Colégio Militar de Porto Alegre
CMRJ	Colégio Militar do Rio de Janeiro
DECEX	Departamento de Educação e Cultura do Exército
DEPA	Diretoria de Ensino Preparatório e Assistencial
EN	Escola Naval
ESPCEX	Escola Preparatória de Cadetes do Exército
IME	Instituto Militar de Engenharia
ITA	Instituto Tecnológico da Aeronáutica
NIAE	Normas Internas para a Avaliação Escolar
NPGE	Normas de Planejamento e Gestão Escolar
PCNEM	Parâmetros Curriculares Nacionais - Ensino Médio
PLADIS	Plano disciplinas
PLAEST	Plano área de estudo
SCMB	Sistema Colégio Militar do Brasil

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
1.1 POESIA DA EX-ALUNA BRUNA BRASIL CARNEIRO	16
2 COLÉGIO MILITAR DE PORTO ALEGRE – ONTEM E HOJE.....	17
2.1 BREVE RELATO DE SUA FUNDAÇÃO À ATUALIDADE	17
2.2 O COTIDIANO DO COLÉGIO	20
2.3 ESTRUTURA PEDAGÓGICA DO CMPA.....	22
3 REFERENCIAL TEÓRICO E A METODOLOGIA ADOTADA PARA ANÁLISE DA PESQUISA.....	27
3.1 MEMÓRIA INDIVIDUAL, MEMÓRIA COLETIVA E LUGAR VIRTUAL.....	29
3.2 ESCOLA COMO LUGAR DE MEMÓRIA	32
3.3 INTERDISCIPLINARIDADE	38
3.4 INTERDISCIPLINARIDADE NA ESCOLA E NA SALA DE AULA.....	42
3.5 RELAÇÕES ENTRE A HISTÓRIA E A LITERATURA	43
3.6 IMPORTÂNCIA DA INTER-RELAÇÃO HISTÓRIA-LITERATURA E O ALUNO COMO AGENTE DO PROCESSO ARTÍSTICO-CULTURAL INTEGRADOR	47
3.7 METODOLOGIA ADOTADA PARA ANÁLISE DOS DADOS DOS DEPOIMENTOS	48
4 TERTÚLIA ROMÂNTICA NO CMPA: UM RECORTE.....	51
5 TECENDO MEMÓRIAS DA TERTÚLIA ROMÂNTICA.....	71
5.1 LEMBRANÇAS E NARRATIVAS DE EX-ALUNOS.....	71
5.2 LEMBRANÇAS E REFLEXÕES DOS DOCENTES	86
5.3 FIOS TEÓRICOS DA MEMÓRIA E DA INTERDISCIPLINARIDADE NA TERTÚLIA ROMÂNTICA.....	96
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	103
REFERÊNCIAS.....	107

1 INTRODUÇÃO

As vivências escolares são responsáveis por grande parte das memórias afetivas dos alunos e professores em suas atividades. Além da camaradagem e do aspecto recreativo que os encontros diários propiciam como estratégia de socialização, as atividades, especificamente regulares, acionam diversas memórias sobre o funcionamento escolar e, especialmente, sobre o papel do aluno enquanto discente e do professor enquanto docente; isto é, memórias diretamente relacionadas com o desempenho de suas identidades institucionais e de seus respectivos reflexos na estima individual e social.

Nesse sentido, as atividades ordinárias, aquelas da experiência de classe diária, ao formarem uma rotina de normalidade, não trazem nenhum sentido inovador para uma investigação acerca da memória, pois seriam excessivos os dados e as vivências, não podendo haver, assim, um recorte temático.

Dessa maneira, foi escolhida uma atividade extraordinária pelo seu caráter interdisciplinar e coletivo. O projeto Tertúlia Romântica foi uma atividade educativa interdisciplinar desenvolvida entre os anos de 1999 a 2008 no Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA), com alunos do segundo ano do Ensino Médio e professores de História e Literatura. Consistia em uma apresentação artística cultural que oportunizava ao aluno a produção de textos, imagens e performances capazes de reconstituir a atmosfera romântica em sua dimensão histórica e literária da Europa e do Brasil no século XIX.

A presente pesquisa estudou a construção da memória coletiva dessa experiência interdisciplinar, resgatando a memória de ex-alunos e professores que vivenciaram temas históricos e literários na Tertúlia Romântica, usando como suporte de resgate das memórias o espaço virtual, através do *blog* “*Memórias de ex-alunos na Tertúlia Romântica*” que reuniu imagens e depoimentos sobre essa atividade pedagógica e cultural.

Pretendeu-se reconstruir os registros, recuperar as histórias que permaneceram na memória do jovem do passado, revelada hoje, pelo depoimento do ex-aluno adulto do tempo presente.

A pesquisa objetivou contribuir para o registro das experiências e das diferentes visões dos testemunhos, ressignificados pela análise e interpretação do presente e pela construção da narrativa do evento de modo coletivo. A escolha dessa atividade interdisciplinar em que os professores de História e Literatura entrecruzaram os conteúdos envolveu uma experiência renovadora no cotidiano do CMPA, na qual o aluno passou a ser agente do processo de construção do seu próprio conhecimento. Assim, as apresentações e representações artístico-culturais ocorridas na Tertúlia significavam um dia especial no calendário acadêmico, altamente aguardado pelos alunos, pois envolvia uma quebra da rotina de sala de aula, marcado por aulas e provas ministrados em uma instituição de ensino regular de caráter cívico-militar.

As investigações concentraram-se então nas seguintes interrogações:

1. quais são as memórias ainda presentes entre os ex-alunos e professores a respeito do projeto (temas, personagens, episódios sobre as apresentações e representações, circunstâncias insólitas ocorridas na realização, efeitos na fixação dos conteúdos)?
2. como foi interpretada a prática interdisciplinar estabelecida entre a História e a Literatura, vivenciada pelos alunos e professores como estratégia inovadora às práticas tradicionais do currículo regular do CMPA vista pelos docentes?
3. quais repercussões a Tertúlia Romântica teve na vida desses ex-alunos, sobretudo relacionadas aos conhecimentos e sensibilidades adquiridos?

Quanto à fundamentação teórica desta investigação, recorreu-se aos pensadores da memória coletiva, tais como: Maurice Halbwachs, Pierre Nora e Paul Ricoeur, e aos estudiosos da prática interdisciplinar, como: Edgar Morin, Ivani Fazenda e Hilton Japiassú.

O estudo desta dissertação está dividido em três partes: Introdução, Desenvolvimento e Considerações Finais.

Na Introdução, apresenta-se o tema, os objetivos, a justificativa e os principais teóricos utilizados na pesquisa. No Desenvolvimento, apresentam-se os capítulos: 2 - Colégio Militar de Porto Alegre Ontem e Hoje; 3 - Referencial Teórico e a Metodologia adotada na pesquisa; 4 - Tertúlia Romântica no CMPA, um recorte; 5 - Tecendo Memórias da Tertúlia Romântica; 6 - Considerações Finais.

1.1 POESIA DA EX-ALUNA BRUNA BRASIL CARNEIRO

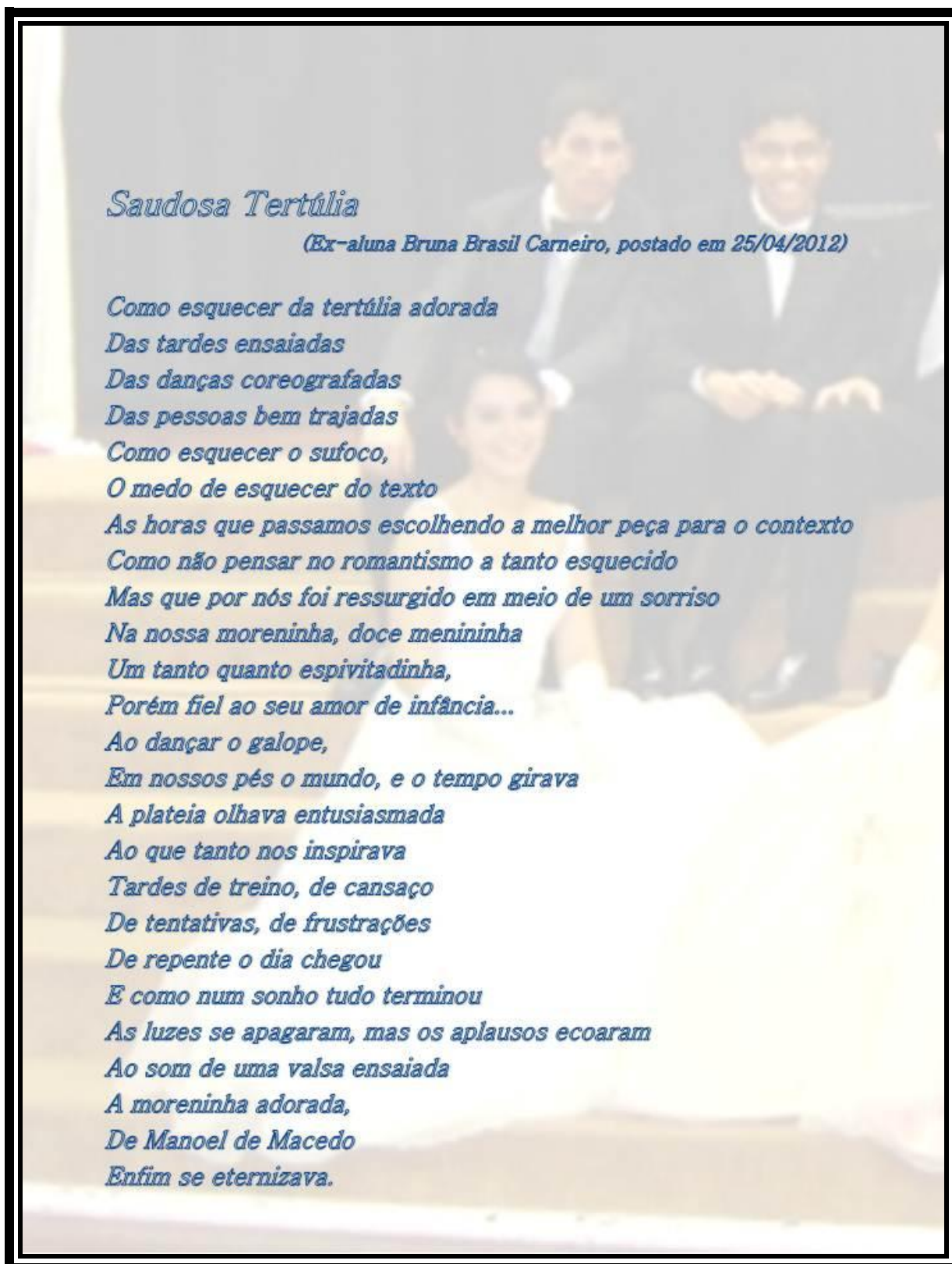


FIGURA 1 – Foto ex-aluna Bruna Carneiro, Tertúlia 2005.
Fonte: acervo da Professora Eva Esperança Guterres Alves.

2 COLÉGIO MILITAR DE PORTO ALEGRE – ONTEM E HOJE

2.1 BREVE RELATO DE SUA FUNDAÇÃO À ATUALIDADE

O Colégio Militar de Porto Alegre faz parte do patrimônio histórico da cidade de Porto Alegre. Sua fundação reporta ao ano de 1872, quando a região, onde atualmente fica a escola, era um banhado de matos e charcos, fora dos muros da cidade. Ali, então, surgiu uma edificação militar que mudou a fisionomia da Várzea. De forma retangular, térreo e cinco “castelos” de dois pisos, foi construído o primeiro estabelecimento de ensino militar de Porto Alegre, inaugurado logo depois da guerra do Paraguai. Localizava-se entre as ruas da Imperatriz (hoje Venâncio Aires), Azenha (hoje Santana) e Campo do Bom Fim (hoje Parque Farroupilha). Nesse ano passou a funcionar a “Escola Militar da Província do Rio Grande do Sul” que, em 1890, tomou o nome de “Escola Militar do Rio Grande do Sul”.



FIGURA 2 – Imagens do Colégio Militar.
Fonte: <http://www.cmpa.tche.br>.

De acordo com Laudelino Medeiros (1992), várias instituições de ensino funcionaram no edifício da atual Avenida José Bonifácio: a Escola Militar da

Província do RS (1883-88), a Escola Militar do Rio Grande do Sul (1889-1898), a Escola Preparatória e de Tática (1898 e 1903-05), a Escola de Guerra (1906-11), o Colégio Militar de Porto Alegre (1912-1938), a Escola Preparatória de Porto Alegre (1939-61) e, novamente, o CMPA, desde 1962.

Dentre várias denominações, o CMPA é conhecido como “Colégio dos Presidentes”, pois nas suas salas de aula foram formados sete Presidentes da República: Getúlio Dornelles Vargas, Eurico Gaspar Dutra, Humberto de Alencar Castelo Branco, Arthur da Costa e Silva, Emílio Garrastazu Médici, Ernesto Geisel e João Batista de Oliveira Figueiredo – os últimos cinco presidentes eleitos indiretamente, sem o voto popular. Essa sentença espelha a presença do CMPA no processo político-histórico Regional e Nacional, intimamente ligado às questões da proclamação e consolidação da República.

Tanto por seu prédio de arquitetura peculiar, quanto por sua utilização para formação de cadetes até a formação de estudantes, o CMPA se destaca para Bento e Giorgios pela denominação atribuída de Casarão da Várzea, em 2005, que diz:

Segundo a Portaria Nº 434-Cmt Ex, de 17 de junho de 2005, o Colégio Militar também recebeu há pouco tempo a denominação histórica de “Colégio Casarão da Várzea” que é fruto da pesquisa realizada pelos Coronéis Caminha e Araújo, sob a orientação da AHIMTB e do CDocEX. (BENTO e GIORGIS, 2009, p. 20).

Em 1915, a primeira turma formou-se no Colégio e, em 1938, e menos de 25 anos depois, seus formandos receberiam também o diploma de "Agrimensor", já saindo com uma profissão definida. Esse fato distingue o CMPA pelo pioneirismo educacional e o coloca mais de meio século à introdução do ensino profissionalizante na educação básica do Estado.

Outro marco destacado por Medeiros (1992) revela-se no ramo cultural da cidade de Porto Alegre por meio da circulação de revistas e pequenos jornais de estudantes, como: "A Luz", "Ocidente", "A Cruzada" e, a mais importante delas, “Hyloea” (ou Hiléia) - revista literária fundada em 1922 pelos alunos integrantes da então Sociedade Cívica e Literária - e perdura até hoje. Mas, foi nas páginas dessa revista, em 1922 e 1933, respectivamente, que saíram as primeiras publicações das poesias de Mario Quintana e das gravuras de Vasco Prado.

Assim, entre vários marcos históricos destaca-se o ingresso entre os anos de

1960 a 1970 das bibliotecárias e das professoras na Instituição, representando as conquistas femininas em um colégio predominantemente masculino. Já no final da década de 1980, foi a vez das alunas, presença pioneira, a terem acesso aos bancos escolares do CMPA. Houve, portanto, uma mudança na tradição institucional do educandário gerada por um sentimento de pertencimento do corpo feminino de alunas.

Em 1989, um século depois da criação do primeiro Colégio Militar, as meninas são admitidas como alunas para cumprir as mesmas atividades curriculares dos meninos. Então, no ano de 1995, forma-se a turma pioneira de alunas dos Colégios Militares. Dessa forma, anualmente, por ocasião dos concursos de admissão à 6ª série do Ensino Fundamental e 1ª série do Ensino Médio, moças e rapazes disputam as vagas disponíveis em igualdade de condições. Isso pode ser verificado no dizer da colega professora Patrícia Carra:

O Colégio Militar, escola pensada para homens e por muito tempo de meninos e rapazes, no decorrer do seu processo histórico foi, gradativamente, vivenciando a inserção de mulheres na sua rotina e quadros funcionais e foi metamorfoseada em escola de homens e mulheres. A lenta e progressiva feminização desse educandário não aconteceu sem conflitos e o ingresso das meninas pode ser um marco na datação do histórico desta escola, mas nunca o fim deste processo. Pelo contrário, marca a acentuação (Carra, 2008: p. 198).

A Instituição é mantida com verbas do Exército e sua estrutura administrativa não docente é composta, prioritariamente, por militares e ministra a Educação Básica normal no país com as particularidades previstas na Lei de Ensino do Exército. O Colégio possui, atualmente, em torno de 120 professores, dos quais mais de sessenta por cento são civis concursados e os demais, militares.

O Colégio Militar hoje é responsável pela educação e formação de aproximadamente 1.100 alunos do 6º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio. Por isso, seu espaço educativo tem como missão respeitar a cultura e formar cidadãos para a vida, constituído do lema: “Formando hoje o cidadão do amanhã”¹.

¹ Fonte: histórico do CMPA site <http://www.cmpa.tche.br/>. Acesso em 05/01/2012.

2.2 O COTIDIANO DO COLÉGIO

O cotidiano do CMPA é determinado por um conjunto de princípios e normas específicos da sua natureza de instituição, regida pela hierarquia e a disciplina militar e da diferença da maioria dos espaços da sociedade civil. Portanto, isso naturalmente envolve um sentido bastante forte de tradição, haja vista tratar-se ainda de uma instituição centenária, responsável pela formação de sucessivas gerações de alunos que guardam fortemente o sentimento de pertencimento pela participação em diversas tradições que se transmitem de modo bastante regular.

Além disso, essas tradições são representadas por cerimônias, rituais de intenso caráter simbólico que envolve marcações de passagem e distinções hierárquicas reconhecidas por uma codificação compartilhada por um contingente de alunos e professores militares. Um exemplo dessas tradições é a cerimônia de fardamento, na qual o aluno recebe o seu aparato de roupas e símbolos à guisa de uniforme. No CMPA, uma farda é mais que um uniforme: é também o signo de um lugar específico na hierarquia militar que organiza o alunado, algo que pode envolver e as patentes de aluno – Cabo até Coronel-aluno.

Outro exemplo desse sentido intenso do pertencimento hierárquico e meritocrático e, mesmo da transmissão da tradição, é a chamada Legião de Honra, constituída pelos moldes da Legião de Honra da França, criada por Napoleão Bonaparte em 1802. Uma distinção aos cidadãos que se destacassem por feitos na defesa da pátria ou por méritos civis ou militares.

No CMPA, foi criada no dia 27 de junho de 1964, pelo então Comandante Cel. José Plácido de Castro Nogueira, a Legião de Honra. Assim, seu primeiro presidente legionário foi o aluno Marco Antônio Longo e era formada por trinta alunos. Na década de 80, a Legião de Honra foi extinta segundo o Cel. Leonardo Roberto Carvalho de Araújo², devido aos “desvirtuamentos de seus objetivos”.

Ressurge no ano de 1994, no comando do Cel. José Eurico de Andrade Neves Pinto, com objetivos de estimular os princípios de camaradagem, lealdade, honra, nobreza de atitudes, aplicação nos estudos, amor à cultura, honestidade,

² Oficial de Comunicação Social do CMPA.

responsabilidade e disciplina consciente. Então, no mesmo ano, a Diretoria de Ensino Preparatório e Assistencial (DEPA) instituiu a distinção a todos os Colégios Militares do Brasil aos alunos que cultivem e pratiquem constantes os princípios de: lealdade e honestidade, iniciativa e nobreza de atitude, disciplina e camaradagem, estudo e amor à cultura e respeito às normas do colégio.

Do ponto de vista ético, o CMPA cultiva, além dos valores civis da cidadania, os valores cívicos do patriotismo e da honra, promovendo o culto ao Pavilhão Nacional e o respeito às representações militares, tais como: hinos, desfiles e datas comemorativas do calendário oficial nacional.

O ponto alto de comunhão simbólica entre civis e militares do CMPA e a própria comunidade são as comemorações que compreendem solenidades cívicas, aberturas e encerramentos de anos letivos, formaturas, aniversários da escola, festas cívicas, sessões esportivas e literárias de premiação e condecoração de alunos, professores e militares. Essas festas formativas, que unem civismo com espetáculo pedagógico, compõem a cultura escolar docente e discente.

Uma festa de significado e notoriedade especial para o CMPA e para a própria cidade em si é o centenário do Colégio Militar comemorado no ano de 2012. Para falar a respeito do sentimento desta festa, se faz imperativa a explicação da diferenciação entre rememoração e comemoração.

O ato de rememorar é assim praticado durante essas comemorações. Lembremos então o dizer de Souza (2000, p.7), quando afirma que “a escola é um lugar de memória, quando o olhar pode atravessar a espessura do tempo e distinguir vestígios reconhecíveis de sua história”. Em sentido semelhante, também podemos lembrar o teórico que nos diz:

O lugar de memória deve parar o tempo, bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estudo de coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial para [...] prender o máximo de sentido num máximo de sinais, é claro, e é isso que os torna apaixonantes: que os lugares da memória só vivem de sua aptidão para a metamorfose, no incessante ressaltar de seus significados e no silvado imprevisível de suas ramificações (NORA, 1993, p.93).

Os espaços de festa e de comemoração frequentemente se entrelaçam ritualizando e reatualizando os lugares de memória, podemos então falar de uma tradição inventada ao longo de sucessivas gerações no CMPA.

Hobsbawn considera como tradição inventada:

Um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas. Tais práticas de natureza ritual ou simbólica visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado, aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer uma continuidade com um passado histórico apropriado (HOBSBAWN, 1997, p.9).

2.3 ESTRUTURAS PEDAGÓGICAS DO CMPA

Em âmbito nacional, na estrutura do Ministério da Defesa e do Exército, o Departamento de Educação e Cultura do Exército (DECEX) tem como missão administrar a execução das políticas de ensino e pesquisa; promover a evolução e o aperfeiçoamento dessas atividades; cooperar na formulação e no desenvolvimento da doutrina militar terrestre; distribuir os recursos necessários ao ensino e à pesquisa; homologar métodos, processos, estudos e manuais referentes à sua área de atuação; estabelecer e manter contatos com a comunidade nacional de ensino e pesquisa; participar das demais ações gerais da Força Terrestre do Exército Brasileiro.

Subordinados à Diretoria de Ensino Preparatório e Assistencial (DEPA), órgão de apoio técnico-normativo do DECEX, os Colégios Militares possuem como missão desenvolver a proposta pedagógica do Sistema Colégio Militar do Brasil, norteando-se pelos seguintes princípios:

- a. A busca da educação integral, que atribui igual importância e intensidade aos domínios afetivo, cognitivo e psicomotor;
- b. A colocação do aluno no centro do processo ensino-aprendizagem, levando-o da posição de expectador, acumulando saberes, a protagonista do processo, participe da construção do conhecimento;
- c. A delimitação de um núcleo central de conhecimentos privilegiando conteúdos significativos e essenciais para a vida dos alunos, com ênfase no desenvolvimento de competências básicas e habilidades “[...] que lhes permitam ter acesso ao conjunto de conhecimentos socialmente elaborados e

reconhecidos como necessários ao exercício da cidadania”³;

- d. A observância dos princípios da interdisciplinaridade e da contextualização, compreendendo os conhecimentos relacionados com os diversos contextos da vida dos alunos, e o desenvolvimento de atitudes e a incorporação de valores, assegurando a formação de um cidadão patriota, cômico de seus deveres, direitos e responsabilidades;
- e. A capacitação dos alunos para o prosseguimento nos estudos de forma autônoma e crítica para futura integração ao mercado de trabalho com o pleno exercício de suas atividades profissionais⁴.

O Sistema Colégio Militar do Brasil (SCMB) é formado por 12 colégios que oferecem, em caráter assistencial e preparatório, o ensino Fundamental e o ensino Médio. A primeira instituição criada com o objetivo de acolher órfãos de militares mortos em campanha na sangrenta guerra do Paraguai, bem como aos militares que estivessem servindo a Pátria, foi o Colégio Militar do Rio de Janeiro, fundado pelo Decreto nº 10.202, de 09 de março de 1889, pelo Imperador D. Pedro II. Surge assim o Imperial Colégio Militar do Rio de Janeiro.

Os Colégios Militares têm hoje o seu ensino valorizado por uma destinação preparatória à Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), ao Instituto Militar de Engenharia (IME), à Escola Naval (EN), à Escola Preparatória de Cadetes do Exército (EsPCEEx), à Academia de Força Aérea (AFA) e ao Instituto Tecnológico da Aeronáutica (ITA), além dos vestibulares nas instituições de ensino superior e civis, sem perder a sua característica assistencial. Frequentam as escolas do SCMB aproximadamente em torno de 15 mil jovens.

O corpo de alunos é composto pelos que ingressam no colégio como dependentes de militares, são os alunos amparados e, também, por aqueles estudantes que ingressam por meio de concurso.

Além disso, as aulas do ensino fundamental e do ensino médio ocorrem no turno da manhã com complementação da carga horária no turno da tarde. As aulas ministradas são de seis tempos diários por turma, de segunda-feira a sexta-feira, com uma carga horária de 30 (trinta) tempos semanais de aula ou sessões de hora-aula,

³ Fonte: Manual do Aluno/2009.

⁴ <http://www.depa.ensino.eb.br/>

acrescida, no turno contrário, das horas necessárias ao cumprimento da grade curricular do ano e das prescrições contidas nas NPGE⁵.

Os instrumentos utilizados para a avaliação do rendimento da aprendizagem são as especificadas nas Normas Internas para a Avaliação Escolar (NIAE) do Regimento Interno dos Colégios Militares. São três as modalidades de avaliação do rendimento educacional:

1. Diagnóstica – avaliação do aluno antes de realizar o ingresso na escola;
2. Formativa – a avaliação que indica o desenvolvimento do aluno (interação docente/discente);
3. Somativa – são as avaliações parciais (AP) de aprendizagem e as provas bimestrais AEs (Avaliação de Estudos) aplicadas ao término de cada unidade de ensino das disciplinas específicas previstas no PLAEST/PLADIS.

O rendimento alcançado na avaliação da aprendizagem é traduzido por uma das menções escalonadas a seguir:

- Excelente (E) - referente a notas de 9,5 a 10,0
- Muito bom (MB) - referente a notas de 8,0 a 9,4
- Bom (B) - referente a notas de 6,0 a 7,9
- Regular (R) - referente a notas de 5,0 a 5,9
- Insuficiente (I) - referente a notas de 0,0 a 4,9

Assim, será considerado aprovado em qualquer série o discente que obtiver nota igual ou superior a 5,0 (cinco) em cada disciplina no final dos quatro bimestres.

Quanto à conduta disciplinar, o aluno recebe um conceito correspondente ao seu grau de comportamento que varia de 0 a 10. Pelo regulamento escolar, quando o aluno ingressar no grau de comportamento inferior a 03, após sofrer um processo de sindicância (acompanhado por seus familiares), será desligado do CMPA. Logo, considerada a honra como uma virtude cardeal, a primeira transgressão a constar na lista de faltas puníveis é faltar com a verdade. Contudo, assim como existe a sanção disciplinar também existem, previstos no regulamento, os estímulos como forma de

⁵ Normas de Planejamento e Gestão Escolar.

incentivar os comportamentos desejados e elogiáveis. Vejamos como um instrumento normativo regula o sistema meritocrático do CMPA⁶:

Art. 95. A graduação do aluno nos diversos graus da hierarquia escolar constitui recompensa pela aplicação aos estudos e pelo exemplar comportamento escolar, tornando-se estímulo à formação integral do aluno e à escolha pela carreira militar.

§ 1º Os graus da hierarquia escolar definem-se entre o posto de coronel-aluno e a graduação de cabo-aluno, de acordo com o prescrito no Anexo A – Organização do Batalhão/Grupamento Escolar (Manual do Aluno, 2009).

Os estímulos visam distinguir aqueles alunos que, por seus méritos, destacam-se de seus pares. As formas de recompensa são as seguintes:

- ser aluno-destaque⁷;
- assinar o livro de honra;
- receber diploma de destaque do Curso de Formação de Reservista;
- ser promovido aos postos e graduações do Batalhão Escolar;
- ingressar e integrar a Legião de Honra; e
- receber prêmios e medalhas.

Quanto aos professores, a carga horária prevista em legislação do ensino militar, em sala de aula, é de 18 horas-aulas semanais ou de 21 horas-aulas em casos excepcionais.

O CMPA orienta seus colaboradores e professores a obedecerem às relações de trabalho e da convivência em geral, a hierarquia, o cumprimento aos horários, os prazos de confecção de provas, a frequência e o envolvimento nas atividades pedagógicas e socioculturais da escola. Como exemplo, temos a presença dos professores civis às formaturas, troca de comando e visitas de inspeção escolar feita pela DEPA.

Essa estrutura pedagógica é ornamentada pela “*reinvenção da tradição*” que se manifesta nos juramentos dos rituais de ingresso e de egresso, nos cantos e no Hino do Colégio assim como na Saudação Escolar.

⁶ Fonte site do CMPA: <http://www.cmpa.tche.br/>. Acesso em 05/01/2012.

⁷ Aluno-destaque: É considerado “aluno-destaque” aquele que obtiver Nota Periódica (NP) igual ou superior a 8,0 (oito vírgula zero) em todas as áreas de estudo ou disciplinas de seu ano e no bimestre considerado, demonstrando alto rendimento nos estudos e tornando-se exemplo para seus pares.

No pátio da escola, denominado Plácido de Castro do Casarão da Várzea, o batalhão escolar, às quartas-feiras, desfila garbosamente ao som de sua banda de música e presta homenagem ao Pavilhão Nacional, ao Comandante da Escola e às demais autoridades presentes, ao som de seus hinos e saudações. É uma cerimônia cívico-militar em que são cultuados os sentimentos de patriotismo e cidadania, promovendo-se o resgate de valores como respeito, amor e a honra à Pátria.

3 REFERENCIAL TEÓRICO E A METODOLOGIA ADOTADA PARA ANÁLISE DA PESQUISA

Atualmente os estudos sobre o conceito e o funcionamento da memória ganham importantes contribuições das ciências humanas e sociais, pois o conceito de memória e a maneira como ela funciona vem sendo assunto dos estudos de filósofos e de cientistas pelo decorrer dos séculos. Desta forma, em cada período, procura-se explicar a memória utilizando-se de metáforas compreensíveis, construídas em torno de conhecimentos que caracterizavam o momento histórico.

Nos estudos de Halbwachs:

A memória individual é construída a partir das referências e lembranças próprias do grupo, refere-se, portanto, a um ponto de vista sobre a memória coletiva. Olhar este que deve sempre ser analisado considerando-se o lugar ocupado pelo sujeito no interior do grupo e das relações mantidas com outros meios (HALBWACHS, 2007, p.55)

Cada um carrega dentro de si sua trajetória de vida, de momentos selecionados na memória do que é mais significativo, dentro do espaço-tempo das vivências. Assim como a memória é subjetiva e intransferível, os sujeitos tornam-se os únicos guardiões de lembranças que, entrecruzadas com a convivência do grupo constituem a memória coletiva.

Os registros selecionados pelo grupo como significativos têm, assim, uma importante função de contribuir para o sentimento de pertencimento a um grupo de passado comum, ou seja, que compartilha memórias. Por isso, elas garantem o sentimento de identidade do indivíduo orientado numa memória compartilhada não só no campo histórico, do real, mas, sobretudo, no campo das representações simbólicas. Portanto, a memória coletiva é dinâmica, porque ela está em movimento e é fruto de várias escolhas e embates entre grupos cujos conhecimentos válidos devem ser recuperados, organizados e lembrados por todos.

Isso significa que, na perspectiva deste trabalho, há a reconstrução de uma memória coletiva, uma experiência compartilhada e recomposta por fragmentos complementares reavivados em um processo de reconstrução retrospectiva.

Na questão da mediação entre a memória individual e coletiva, recorre-se ao pensamento de Paul Ricoeur (2007), em especial à identidade narrativa, inscrita no tempo e na ação quando estabelece uma distinção entre “rememoração” (parte de um processo de elaboração individual) e comemoração (trabalho de construção de uma memória coletiva). Desse modo, este estudo pretende ser uma “comemoração” do evento estudado. Servindo-se, particularmente, do objeto “as comemorações”, procura-se ilustrar a relação da memória com a história, ressaltando mediante a “rememoração” social as origens do fundamento dos valores de uma comunidade escolar (a construção de uma memória coletiva).

O espaço escolar torna-se, então, como lugar de memória, incorporando certas noções dos estudos de Pierre Nora, quando afirma que:

A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações (NORA, 1993, p.09).

Os registros de memória dos ex-alunos e professores que se envolveram com a prática, objeto desse estudo, são mediados por uma ferramenta disponível na contemporaneidade, um suporte virtual denominado *blog*. Esse recurso mediático oportunizou os reencontros para trazer à tona as experiências vividas, os conhecimentos produzidos e as transformações provocadas e ressignificadas em uma interação dialogada e postada no espaço virtual. O trecho a seguir corrobora com essa prática:

Os *blogs* relembram-nos que a memória é um processo criativo e contínuo. A crescente apropriação desta ferramenta comunicacional na web traz questionamentos referentes à constituição de um novo imaginário representado no ciberespaço, fundador de aspectos culturais específicos⁸.

A prática pedagógica interdisciplinar Tertúlia Romântica, com a criação artística cultural, oportunizava aos alunos percorrer trilhas do conhecimento da narrativa histórica e do cruzamento com a Literatura. Para exemplificar, Edgard Morin (2000)

⁸ Disponível em: <<http://www.cibersociedad.net/congres2009/es/coms/memoria-criativa-na-blogsfera-entre-as-esferas-publica-e-privada-da-internet/824/>>. Acessado em 20/05/2012.

propõe uma modificação na forma de pensar em relação ao currículo escolar, apontando a fragmentação do saber como sendo um problema de ordem mundial.

Essa fragmentação dificulta a perspectiva global e integradora dos conhecimentos repartidos em especializações que não se comunicam, ou seja, é o conjunto de abordagens complementares que pode facilitar a aprendizagem e até mesmo a compreensão de problemas científicos e teóricos.

Nesse sentido, o aluno busca relações para entender, aprendendo mais quando consegue contextualizar, isto é, associar conhecimentos propostos com experiências pessoais e quadros de relacionamentos com outros saberes que permitam a rápida e eficaz recuperação.

As reflexões sobre as estratégias dos estudos interdisciplinares de Hilton Japiassú e Ivani Fazenda também são expostas, tendo em vista a manifestação de ambos acerca da interdisciplinaridade.

Essa estratégia procura esclarecer diferenças entre as várias concepções teóricas em que é inserida e igualada, enquanto mais uma metodologia é criada com o objetivo de unificar os conhecimentos das várias ciências e demonstrar ser mais eficiente para explicar e solucionar os problemas que permeiam as estruturas sociais do mundo de hoje.

Japiassú (1976, p.74) ressalta que “a interdisciplinaridade caracteriza-se pela intensidade das trocas entre os especialistas e pelo grau de interação real das disciplinas no interior de um mesmo projeto de pesquisa”. Fazenda (1994, p.10-18) acredita que a “interdisciplinaridade não se ensina, não se aprende, apenas vive-se, exerce-se e, por isso, exige uma nova pedagogia, a da comunicação”. Nessa perspectiva, o aporte teórico dos estudos dos autores citados irá possibilitar um trabalho de escola em que o professor articula teoria e prática de forma interdisciplinar sem, contudo, perder os limites próprios das disciplinas.

3.1 MEMÓRIA INDIVIDUAL, MEMÓRIA COLETIVA E LUGAR VIRTUAL

Memória individual é aquela guardada por um indivíduo e refere-se as suas próprias vivências e experiências, mas contendo também aspectos da memória do grupo social em que ele se formou, isto é, em que esse indivíduo foi socializado.

Segundo Maurice Halbwachs (2007), mesmo a memória aparentemente mais particular pode remeter a um grupo, o indivíduo carrega em si a lembrança, mas está sempre interagindo com a sociedade, seus grupos e instituições, pois é no contexto do convívio e da interação que boa parte das lembranças são construídas como ocorrências dignas de rememoração. De acordo com Zilda Kessel:

A rememoração individual se faz na tessitura das memórias dos diferentes grupos com que nos relacionamos. Ela está impregnada das memórias dos que nos cercam, de maneira que, ainda que não estejamos em presença destes, o nosso lembrar e as maneiras como percebemos e vemos o que nos cerca se constituem a partir desse emaranhado de experiências, que percebemos qual uma amálgama, uma unidade que parece ser só nossa (KESSEL⁹).

A memória coletiva tem a relevante função de contribuir para o sentimento de pertencimento a um grupo de passado comum. Ela faz com que as pessoas sintam-se parte de algo e tenham a propensão a compartilhar memórias de coisas vivenciadas, reforçando e confirmando esse sentimento de pertencimento que parece, por sua vez, exigir uma espécie de “manutenção periódica”. Assim, o sentimento de identidade do indivíduo calcado numa memória compartilhada não só no campo histórico, da realidade, como no campo simbólico de seus afetos mais íntimos.

Logo, a memória é maleável, isto é, ela se modifica e se rearticula de acordo com as relações que se estabelecem nos diferentes grupos dos quais participa.

As interpretações sobre um fato passado podem mudar de sentido, assumir novos contextos, receberem novas explicações ou interpretações. Portanto, fatos novos e esquecidos podem vir à tona, serem lembrados ou mesmo revelados.

Assim, de modo genérico, a memória é algo em permanente processo de transformação; aglutina-se, retira-se; confrontam-se lembranças de acordo com as transformações do indivíduo e de seu meio social. Porém, tudo o que está conservado na memória ocorre por meio da linguagem e suas práticas sociais e interativas. Por isso, a linguagem e memória são duas formas constituídas de conhecimentos, isto é, uma função não vive sem a outra.

⁹ Artigo Zilda Kessel.
<http://www.museudapessoa.net/oquee/biblioteca/zilda_kessel_memoria_e_memoria_coletiva.pdf>.
Acesso em 20/05/2012.

Lembrar e narrar constituem-se da linguagem e, como nos afirma Ecléa Bosi (1994, p. 37), “A linguagem é o instrumento socializador da memória, pois reduz, unifica e aproxima no mesmo espaço histórico e cultural vivências tão diversas como o sonho, as lembranças e as experiências recentes”.

Outro aspecto importante relativo à memória é a sua relação com os lugares, uma vez que as memórias individual e coletiva têm nos lugares uma referência para a sua construção, ainda que não sejam condição para a sua preservação. Quem pioneiramente dissertou acerca desse assunto foi Nora, quando concluiu que:

Os lugares de memória são, em primeiro lugar, lugares em uma tríplice acepção: são lugares materiais onde a memória social se ancora e pode ser apreendida pelos sentidos; são lugares funcionais porque têm ou adquiriram a função de alicerçar memórias coletivas e são lugares simbólicos onde essa memória coletiva se expressa e se revela. São, portanto, lugares carregados de uma vontade de memória. (NORA, 1993)

As memórias dos grupos referenciam-se nos espaços em que habitam, bem como nas relações construídas com esses espaços. Portanto, os lugares são referência na memória dos indivíduos e as mudanças empreendidas nesses lugares acarretam importantes mudanças na vida e na memória dos grupos.

Considerando-se a escola como um lugar de memória nessas acepções analisadas por Nora (lugar físico e funcional), pode-se também considerar o surgimento de outro lugar de memória - um lugar virtual. Esse, não propriamente físico, mas formado de elementos capazes de promover a interação (troca comunicativa de fluxos múltiplos) e até mesmo a apreciação de elementos relacionados às vivências em espaços concretos (fotografias, vídeos e depoimentos), podendo também ser um *blog* ou *site* de relacionamento, por exemplo.

O espaço virtual ainda é um recurso que, em boa parte dos casos, se reportam ou recuperam as vivências de espaços concretos e físicos. Entretanto, cada vez mais, a interação exclusivamente nesses meios virtuais gera um rastro de ações digitais que se desvinculam do mundo real e passam a cultivar um lugar de memória próprio. Suas características são específicas de rememoração, tais como a repostagem de publicações, a consulta aos arquivos *on-line*, o percurso por “linhas do tempo” de postagens antigas que armazenam histórias de participações em

comunidades com datações extremamente específicas e identificação indiscutível dos atores/participantes.

A utilização cada vez maior de *blogs*, sites de fácil preparação - geralmente oferecidos por provedores para a publicação dos mais diferentes conteúdos – facilita a interação e abre espaço para a produção de uma memória digital.

Segundo a pesquisadora Denise Schittine¹⁰ (2004), *blog* é um termo de origem americana que provém da fusão entre as palavras *web* (página na Internet) e *log* (diário de navegação). A pesquisadora ainda comenta que: “A memória já é preguiçosa, não guarda nem aquilo que a gente quer. Com o computador armazenando tudo, ela fica ainda mais efêmera”, diz. “Portanto, um diário na web é a maneira de criar uma memória pessoal, porém pública.”

É preciso lembrar que o grau de publicidade dado a essas memórias é também variável: pode-se controlar quem tem permissão para acessá-las e mesmo quem tem autorização para constituí-las, participando ativamente de debates e postagens. Logo, a ideia de diário não pode esgotar a noção do *blog* porque, enquanto o diário é algo individual e privado, os *blogs* tendem a serem espaços cada vez mais públicos e coletivos, gerando um tipo novo e sem paralelos com a tecnologia da escrita gráfica. Os *blogs* se aproximam de um tipo de publicação interativa que nem mesmo a imprensa da tradição impressa conseguiu dinamizar de modo prático. Eles são hoje espaços de interação e multiplicação de memórias, lugares virtuais que deslocam o protagonismo da escrita e da autoria para pessoas antes apenas restritas à contemplação e à mera leitura passiva.

3.2 ESCOLA COMO LUGAR DE MEMÓRIA

Recordar é a capacidade que temos de exercitar a consciência atual de algo que estava ou ocorreu no passado, de alguma coisa ou fato que subitamente revela-se claro e nítido e volta a reviver-se. A memória é uma reativação de um tempo já ocorrido e que, por ela, torna-se novamente presente de outro modo.

¹⁰ <http://www.br101.org/pesquisadora-de-blogs-denise-schittine-autora-do-livro-blog-comunicacao-e-escrita-intima-da-internet.html> acesso em 24/05/2012.

Entretanto, a memória é, além do ato de lembrar, também o de esquecer e, como tal, ela é tecida de lembranças e olvidos. E aprisionada às ruínas do tempo, sofre um processo de cristalização e de transformação pois, quando convocada, revive sob novas formas e ressignificações.

A capacidade para recordar é inerente à inteligência humana, ela surge como parte do desenvolvimento evolutivo do *homo sapiens*, enriquecendo suas aptidões com uma disposição para guardar e recuperar informações e experiências bem como para o desenvolvimento de técnicas de transmissão e acumulação, dentre as quais se destacam especialmente a narração oral e o registro escrito.

Enquanto “passado vivido”, a memória apoia-se sobre a linguagem que permite a constituição de uma narrativa dos sujeitos em forma viva e natural, mais do que sobre o “passado apreendido pela história escrita”, Halbwachs (2004, p.75). A memória que se apoia no passado vivido, no entanto, reelabora as suas experiências em um processo que é próprio à realidade do indivíduo. Ela opera a partir do impacto dos eventos, consolidando um imaginário alicerçado na vontade individual e coletiva, marcado pelo resultado das experiências nos sentimentos e na vida quotidiana mais concreta.

Por outro lado, na história, a representação do real refaz-se pela ação do historiador guiado pela natureza dos documentos e das suas fontes. A elaboração da história expressa o que está dito ou colocado em algum lugar, e torna-se então diferente do que foi vivenciado. Nesse sentido, existe uma distinção entre temporalidade histórica e tempos de memória. Enquanto a primeira está vinculada aos fatos e à memória coletiva, a segunda está associada ao vivido, tendo a dimensão da subjetividade gerada pelo inconsciente.

Relembrar os “tempos de escola” tornou-se uma das grandes razões de reencontros entre ex-alunos e turmas de formatura cuja coesão e (re) integração são assinaladas pelo compartilhamento de experiências passíveis de resgate, um resgate que varia conforme os protagonismos e as vivências mais específicas e suas significações. Segundo Michel de Certeau (2002, p.100) “É no âmago da escola, como lugar de formação sistemática, que os valores identitários individuais e coletivos fomentam táticas que, ‘lance por lance’ constituem e consolidam a memória”.



FIGURA 3 – Imagens do Colégio Militar.
 Fonte: <[http:// www.cmpa.tc.br](http://www.cmpa.tc.br)>.

Por todo o mundo ressurgem então as associações de ex-alunos, encontros de turmas, comemorações de anos de formaturas e uma série de outros eventos, tantas vezes ocorridos como atos de (re) encontros cujo sentido maior é o de promoverem o compartilhamento afetivo e comemorativo de experiências ocorridas no tempo escolar pelos relatos de episódio: narrativas de situações pitorescas, recordações de dificuldades enfrentadas em conjunto, conquistas comuns, trocas de opiniões sobre lugares (tais como salas de aula, provas, laboratórios, espaços desportivos e recreativos) e personagens (tais como professores ou funcionários, além, obviamente, dos colegas).

A escola torna-se, então, um importante lugar social de produção e reprodução das memórias. Pode-se verificar a correção desta afirmação observando-se hoje a profusão de comunidades de ex-alunos e membros de turmas nos principais sites de relacionamento, como o *Orkut*, o *Twitter* e o *Facebook*, todos voltados à celebração dos tempos de sala de aula.

Ao lembrarem suas vidas recentes, esses ex-alunos buscam estabelecer sentidos na sua trajetória individual, comparam-se, compreendem-se e criticam-se. Isso sem esquecer que a memória está entrelaçada com a dos grupos maiores,

procurando os elos da corrente que os une àqueles tempos, por meio de narrativas e recuperação de elementos aparentemente banais, mas que compunham a paisagem afetiva de uma época: um modelo de tênis e de um uniforme, um jogo praticado nos recreios, os tiques de um professor, uma viagem ou passeio, um campeonato desportivo, as dificuldades em uma determinada matéria e etc..

Segundo Nora:

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento de que não existe uma memória espontânea, de que é preciso voluntariamente criar arquivos, que é preciso manter os aniversários, organizar as celebrações, pronunciar as honras fúnebres, estabelecer contratos, uma vez que estas operações não são espontâneas ou naturais (NORA 1993, p.13)

Ainda para Nora, se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que estes lugares de memória envolvem, eles seriam inúteis, pois assim a história não poderia apoderar-se deles para deformá-los e transformá-los, tornando-os suscetíveis de transformações subjetivas. Viver-se-ia no passado, e o presente, propriamente dito, não teria lugar.

É, portanto, nesse vaivém que os lugares de memória são constituídos: momentos da história destacados do seu estado dinâmico e que são devolvidos mediante uma rememoração seletivamente ordenada em comunidades de compartilhamento do convívio acontecido e que, no presente, produzem ainda mais convívio e socialização.

A experiência do convívio organizado de jovens em instituições de ensino é algo que pode mesmo remontar à antiguidade. Mas foi, sobretudo, na Europa dos séculos XVIII e XIX, que as escolas passaram a existir de modo institucional como hoje são conhecidas, ou seja, como organizações laicas ou religiosas orientadas para fins pedagógicos específicos, tais como o desenvolvimento de aptidões de leitura e escrita, o domínio de conhecimentos no campo da matemática, bem como a difusão de conhecimentos humanísticos e técnicos essenciais à vida prática.

Foi assim que surgiu uma intensa socialização entre jovens na escola, dando-se origem a espaços de convívio intenso e gerando-se eventos comuns, cujas memórias são resgatadas, revividas e comemoradas coletivamente no decorrer da vida adulta.

As instituições escolares mobilizam, em seu funcionamento, uma forte ideia de

pertencimento e, pelo compartilhamento de símbolos e ritos elas alimentam múltiplas camadas de identidade em nível grupal, que vão do menor ao maior, do grupo de amigos mais íntimos à turma de classe e ao colégio como um todo. O círculo de amigos, a pequena turma íntima formada no colégio é um espaço de socialização responsável por diferentes produções memorialísticas, que envolvem vivências e convívios, experiências que cercam o compartilhamento restrito de intimidades e a ampla circulação de papéis sociais complexos, como o ser reconhecido como aluno de um colégio ao portar seu uniforme nas ruas.

Como instituição, a escola também cultiva, em geral, uma tradição sua, com regras (procedimentos, etiquetas), símbolos (brasões, uniformes) e ritos (cerimônias de formatura e de ingresso), alimentando, assim, uma identidade coletiva que pode ser reconhecida até mesmo em um grupo social mais amplo e para além dos limites de seus muros. Assim, segundo Pollack:

A memória constitui a noção de identidade pelo pertencimento, possibilitando a concretização da continuidade temporal e da coerência narrativa na reconstrução de um passado por uma pessoa ou um grupo. Entretanto, é importante frisar que essa reconstrução nunca é dada de modo objetivo ou unânime: seria então mais correto falar-se de memórias ou interpretações dessas memórias, posto que os critérios de julgamento, avaliação e mesmo a seletividade afetiva dessas recordações e desses esquecimentos (voluntários ou involuntários) estão sempre em permanente negociação por um grupo no qual, indivíduos bastante heterogêneos, estão inseridos (POLLACK, 1992, p. 204).

O pertencimento significa a aceitação de ingresso em um grupo associativo regulado por regras. Ele é dado por circunstâncias sociais e institucionais que regulam o convívio e a atribuição de graus de desempenho no exercício de determinadas funções.

É exatamente por isso que não pertencemos a um grupo de pessoas que se encontra à vontade e casualmente em um parque, da mesma maneira que pertencemos à turma de uma escola: nesse último caso, a vigência de uma escala de valores assegura um nível muito maior de coesão e compromisso entre os membros, envolvendo também a necessidade de cooperação na busca do alcance de objetivos estratégicos comuns mais definidos e palpáveis. Logo, a ideia de pertencimento não equivale exatamente à de convívio casual.

A construção e a perpetuação de memórias podem nascer como objetivos

executados de modo deliberado por determinadas instituições ou práticas sociais voltadas a ressaltar seletivamente uma característica de seus grupos integrantes ou de seus indivíduos-membros. Por conseguinte, grupos de pertencimento contribuem para as gerações presentes conhecerem de maneira crítica as suas heranças pessoais e coletivas compartilhando atitudes, valores e memórias de personagens da vida escolar, seja em seu significado simbólico, nostálgico e afetivo, seja em sua materialidade e imponente, inscrito como referência particular.

É importante frisar então que o controle dessas memórias seletivas, estimuladas de modo deliberado, é em grande parte responsável pela identidade de um grupo, tanto na interação espontânea estabelecida entre os seus membros no convívio mais cotidiano, quanto na execução de suas tarefas.

A socialização em grupo fomenta o desenvolvimento de uma rede de expectativas responsável pela observação e avaliação dos desempenhos, vendo e sendo vistos, julgando e sendo julgados por aqueles que convivem uns com os outros. Esta interação, que nunca se passa de modo absolutamente pacífico e tranquilo, gera sempre a fixação de um personagem social pelo qual somos reconhecidos e lembrados.

Para Nora (1993), a escola é um “lugar de memória” por constituir-se em um lugar especialmente dedicado à transmissão do passado e à reflexão a seu respeito.

Na escola, as memórias sociais mantidas vivas pela oralidade e tematização das vivências recentes encontra a memória histórica, produzida como matéria oficial pelos profissionais do ambiente escolar - as aulas, os livros, os conjuntos iconográficos, enfim os conteúdos pedagógicos que são tematizados como acúmulos intelectuais a serem adquiridos pelos alunos no seu desenvolvimento.

Assim, temos na escola um encontro entre a memória social e a história dos historiadores, pois, como diz Halbwachs:

A história começa somente do ponto onde acaba a tradição, momento em que se apaga ou se decompõe a memória social. Enquanto uma lembrança subsiste, é inútil fixá-la por escrito (HALBWACHS, 2004, p.85)

Esta posição, entretanto, foi revista e atenuada por Nora (1993), para quem a própria historiografia passa, hoje, por um momento de reconsideração de suas fontes, incluindo-se uma revalorização das temporalidades subjetivas e da própria

oralidade das narrativas que ativam a memória social mais imediata.

Nos espaços-tempos escolares, somos todos sujeitos encarnados pelas relações constituídas no cotidiano e que, por processo de mimese, tornamos a (re) encontrar. Ricoeur (2007) aponta que, em função das experiências do presente, a memória sempre está sendo alvo de ressignificações, consequentemente, pode-se formular outra ressignificação após a interpretação do passado. A mediação entre a memória individual e a coletiva passaria, então, segundo esse filósofo, pelo viés de uma identidade narrativa, inscrita no tempo e na ação de seus agentes, da mesma forma que a presente pesquisa sobre a Tertúlia Romântica no CMPA estudará.

3.3 INTERDISCIPLINARIDADE

Atualmente, o contexto escolar vem fazendo emergir preocupações que vão desde o tempo que o professor possui para trabalhar assuntos diversos dentro da sala de aula, até a relação do educador como mediador do conhecimento.

Verifica-se que, atualmente, há uma visão centralizada em que o educador seria o centro de todo o conhecimento, acepção essa que não acompanhou as mudanças da sociedade em relação aos modos como o conhecimento socialmente disponível é produzido e apropriado pelos que o fazem circular.



FIGURA 4 – Conjunto de fotos de diferentes tertúlias (1999-2008).
Fonte: acervo professora Eva Esperança Guterres Alves.

O professor aprende tanto em sala de aula, como compartilha conhecimento, pois é responsável pela sistematização de caminhos sugestivos para uma busca organizada em meio ao excesso de informações que podem confundir ou mesmo perturbar a concentração em um ponto temático específico. Logo, uma maneira de ensinar mais dinâmica, com inovações e consciente das mudanças que a sociedade dita da informação vem passando.

O professor apresenta-se como o mediador privilegiado desse processo interdisciplinar. Este, com certeza, é um dos maiores desafios da educação: integrar as disciplinas que compõem o currículo escolar ao chamado ensino interdisciplinar. O principal objetivo dessa prática é mostrar ao aluno que não existem fronteiras entre as disciplinas; Química está envolvida com Matemática; Ciências com Geografia; História com Literatura e assim por diante. Em suma, todas as matérias se complementam de maneira sistematizada, dialogando entre si numa perspectiva educacional em busca de uma maior compreensão da complexidade da realidade.

A interdisciplinaridade surgiu no final do século XIX, pela necessidade de dar uma resposta à fragmentação causada pela concepção positivista de educação, por consequência as ciências foram cada vez mais subdivididas, surgindo várias

disciplinas que correspondiam às diversas matérias de ensino.

Após longas décadas convivendo com um reducionismo científico e demarcação disciplinar de métodos e objetos próprios, a ideia de interdisciplinaridade foi elaborada visando restabelecer um diálogo mais livre e produtivo entre as diversas áreas dos conhecimentos científicos.

As discussões sobre a interdisciplinaridade iniciam na década de 70 e foram lançadas por Georges Gusdorf, em 1961 na UNESCO, quando o filósofo apresentou um projeto de pesquisa interdisciplinar para as ciências humanas, do qual fizeram parte alguns estudiosos de universidades europeias e americanas, em diferentes áreas de conhecimento. Esse grupo propunha indicar as principais tendências de pesquisa nas ciências humanas, no sentido de sistematizar a metodologia e os enfoques das pesquisas realizadas.

No Brasil, Japiassú (1976) foi um dos principais representantes da temática interdisciplinar e seus conceitos. Ele realizou uma análise sobre as estratégias e as práticas experienciais realizadas naquele período, desenvolvendo reflexões a respeito dos seus conceitos e estratégias.

Para Japiassú (1976, p.74), “a interdisciplinaridade caracteriza-se pela intensidade das trocas entre os especialistas e pelo grau de interação real das disciplinas no interior de um mesmo projeto de pesquisa”.

Considera-se, também, o que observa Japiassú:

Se analisarmos mais dedicadamente o fenômeno da “interdisciplinarização”, veremos que essa exigência, longe de constituir real progresso de conhecimento, releva muito mais o sintoma da situação patológica em que se encontra, hoje, o saber. O número de especializações exageradas e a rapidez do desenvolvimento de cada uma culminam numa fragmentação crescente do horizonte epistemológico. O saber chegou a um tal ponto de envelhecimento, que a exigência interdisciplinar mais parece, em nossos dias, a manifestação de um lamentável estado de carência. Tudo nos leva a crer que o saber em migalhas seja o produto de uma inteligência esfacelada (JAPIASSÚ, 1976, p.30, 31)

Ivani Fazenda (1994), acerca da interdisciplinaridade, procura esclarecer diferenças entre as várias concepções teóricas em que a interdisciplinaridade é inserida e igualada enquanto mais uma metodologia criada com o objetivo de unificar os conhecimentos das várias ciências. A fim de que sejam conhecidas as estruturas da sociedade e se possa, depois de desvelado este modo de

relacionamento, projetar a ciência do futuro.

Uma das maneiras encontradas pelas teorias epistemológicas para difundirem o projeto interdisciplinar é explicar como compreendem o verdadeiro significado do próprio termo interdisciplinaridade, visto que muitos teóricos o compreendem apenas como uma troca ou integração entre os vários conhecimentos científicos.

Nesse processo estabelece-se uma espécie de disputa, de limitação de (e entre) os saberes, como cada ciência procura demonstrar ser mais eficiente para explicar e solucionar os problemas que permeiam as estruturas sociais.

No que diz respeito, principalmente, à educação, ou seja, ao ensino dessas ciências e saberes, isso impossibilitaria que efetivamente, na prática, se concretizasse a interdisciplinaridade, haja vista ser o diálogo um dos pressupostos básicos para atingir este fim: matérias que não recorrem às outras suas conexas, abordagens teóricas sobre problemas diferentes ao invés de convergentes e comuns. Vejamos como Fazenda define esse termo:

O prefixo “inter” dentre as diversas conotações que podemos lhes atribuir, tem o significado de “troca”, “reciprocidade”, e “disciplina”, de “ensino”, “instrução”, “ciência”. Logo, a interdisciplinaridade pode ser compreendida como sendo a troca, de reciprocidade entre as disciplinas ou ciências, ou melhor áreas do conhecimento (FERREIRA apud FAZENDA, 1994, p.21-22).

Diante disso, Fazenda (1994, p.10-18), afirma que a “interdisciplinaridade não se ensina, não se aprende, apenas vive-se, exerce-se e por isso exige uma nova pedagogia, a da comunicação”, nessa perspectiva cabe ao professor, no momento certo, articular teoria e prática, numa forma interdisciplinar sem, contudo, perder os interesses próprios de sua disciplina.

Visando à interdisciplinaridade, é necessário destacar o que observa Santomé:

É preciso frisar que apostar na interdisciplinaridade significa defender um novo tipo de pessoa, mais aberta, flexível, solidária, democrática e crítica. O mundo atual precisa de pessoas com uma formação cada vez mais polivalente para enfrentar uma sociedade na qual a palavra mudança é um dos vocábulos mais frequentes e onde o futuro tem um grau de imprevisibilidade como nunca em outra época da história da humanidade (SANTOMÉ, 1998, p.45)

A formação de educadores deve promover a consciência do funcionamento das

redes de informações e mesmo da realidade atual do conhecimento diante da complexidade.

Existe hoje um crescente volume de problemas tratados por especialistas em regime de cooperação na área tecnológica. Esse trabalho requereria uma organização no próprio currículo com uma série de inovações que ultrapassem o ensino tradicional, construindo uma relação entre a teoria e a prática, oferecendo condições para que o educador aplique esse trabalho interdisciplinar dentro da sala de aula e comece a direcionar talentos e vocações percebidos dentro de contextos de cooperação entre disciplinas. É o caso do computador que envolve o engenheiro, o físico, o químico, o matemático, o programador, o *designer*, entre outros.

A escola do futuro precisa estar disposta a mostrar como conhecimentos, antes distantes, devem cooperar para a formação de indivíduos integrais e capazes de somarem suas habilidades, tanto nos campos tecnológicos como humanísticos.

3.4 INTERDISCIPLINARIDADE NA ESCOLA E NA SALA DE AULA

Na escola, a interdisciplinaridade pode ser considerada como a união de várias disciplinas relacionando-se entre si com o objetivo de aprofundar o conhecimento sobre determinado tema.

Para a escola incentivar a interdisciplinaridade é preciso rever o currículo, as metodologias, as atividades, as relações entre os professores e desses com os alunos, a fim de estimular-lhes a autoexpressão (livre, crítica, criativa, consciente); a autovalorização (reconhecimento da própria dignidade); a corresponsabilidade (iniciativa, participação, colaboração); a curiosidade e o interesse.

Para Landim:

Sabe-se que o acesso à educação é uma condição imperiosa para a conquista da cidadania plena – direito de todos; e que a segregação gera os grandes atritos sociais, que atuam como causas preponderantes na estratificação social, prejudicando a plenitude do desenvolvimento humano. A educação deve ter o compromisso de buscar a edificação de um mundo mais solidário, e de dar respostas a esse desenvolvimento que se processa em alta velocidade, interligando todas as partes, criticando os métodos obsoletos e fazendo emergir novos paradigmas (LANDIM, 1997, p.23)

A interdisciplinaridade surge em decorrência da diversidade cooperativa de várias disciplinas, aproveitando sua identidade individual e suas ideias, que são aceitas para o enriquecimento e a complementaridade de novas aquisições e concepções.

Segundo Fazenda (1994 p.39), “ela só ocorre quando cada um dos envolvidos consegue ser autônomo o suficiente para confiar em si mesmo, para reconhecer os erros, e, ao mesmo tempo, apontar soluções criativas”.

O posicionamento referente à interdisciplinaridade leva à aprovação de Wernek (*apud* Fazenda, 1994) sobre o tema em pauta: a preocupação com a interdisciplinaridade em nossas escolas vem trazer uma nova visão didático-pedagógica à problemática da formação humana. O aluno, dentro de uma escola com a preocupação interdisciplinar, não viverá um currículo que veicule apenas informações frias, mas também sensibilidades, juízos críticos e valorativos orientados para a elaboração justificada e ponderada de opiniões e posições relativas ao mundo e da própria vida.

3.5 RELAÇÕES ENTRE A HISTÓRIA E A LITERATURA

Desde a antiguidade, já existia uma diferenciação razoavelmente nítida entre a definição de história e de literatura, embora esta palavra ainda não existisse.

A diferença não acontecia em termos da forma do texto, já que as duas se constituíam basicamente em narrativas, inclusive os poemas, pois a diferença é que uma se propunha a contar uma história verdadeira, a dos acontecimentos, e a outra uma história inventada, posteriormente chamada de ficcional. E, nesse quadro, cada qual cumpria uma específica função cultural e social diferenciada: a literatura alimentava a mitologia e a história cuidava da memória.



FIGURA 5 – Conjunto de fotos de diferentes Tertúlias (1999-2008).
Fonte: acervo professora Eva Esperança Guterres Alves.

Na definição de Aristóteles:

Não é em metrificar ou não que diferem o historiador e o poeta; a obra de Heródoto podia ser metrificada; não seria menos uma história com o metro do que sem ele; a diferença está em que um narra acontecimentos e o outro, fatos que podiam acontecer. Por isso, a Poesia encerra mais filosofia e elevação do que a História; aquela enuncia verdades gerais; esta relata fatos particulares. Enunciar verdades gerais é dizer que espécie de coisas um indivíduo vem a dizer ou fazer verossímil ou necessariamente; a isso visa a Poesia, ainda quando nomeia personagens. Relatar fatos particulares é contar o que Alcibíades fez ou o que fizeram a ele (ARISTÓTELES, 1987, p.28)

Aristóteles conceitua a história da época de Tucídides como uma narrativa de acontecimentos que, de fato, ocorreram, enquanto a literatura seria a narrativa de fatos que poderiam acontecer. Já no século XIX, com a Ciência Moderna estabelecida, a narração do que realmente aconteceu foi se transformando cada vez mais em um discurso com pretensão de verdade.

As ciências enunciavam as verdades do mundo e a história, porque passara a ser considerada uma ciência, passou a enunciar a chamada “verdade histórica”, (Zechlinski 2004, p.231).

As relações entre a História e a Literatura vêm sendo discutidas principalmente em torno da questão da narrativa histórica e sua relação com os gêneros literários, mostrando que a noção de relato é comum ao exercício historiográfico tanto quanto à ficção.

A partir do questionamento da História com a Literatura, o intercâmbio de experiências com áreas afins permitiu que novos caminhos fossem percorridos com criatividade, segundo Peter Burke:

... uma era instigante e, ao mesmo tempo, confusa. Podem-se encontrar referências a Mikhail Bakhtin, Pierre Bourdieu, Fernand Braudel, Robert Elias, Michel Foucault e Clifford Geertz nos trabalhos de arqueólogos, geógrafos e críticos literários, assim como de sociólogos e historiadores. O surgimento do discurso compartilhado entre alguns historiadores e sociólogos, alguns arqueólogos e antropólogos, e assim por diante, coincidem com um declínio do discurso comum no âmbito das ciências sociais e humanidades e, a bem da verdade, dentro de cada disciplina. (Burke p.2, 1992)

Outras observações sobre o cruzamento dos olhares das duas áreas de conhecimento, suas fronteiras e identidades do trabalho transdisciplinar, são de Lennhardt e Pesavento:

[...] Interpenetrar processos sociais e processos simbólicos implica um entrecruzamento de olhares que, por sua vez, parte de alguns pressupostos que norteiam uma questão aberta já há algum tempo, desde Michel de Certeau e Paul Ricoeur a Hayden White. Entretanto, o trabalho acadêmico contemporâneo tem implicações teóricas bem precisas, abertas pela incerteza geral que preside o campo das ciências humanas em face da derrocada dos modelos explicativos da realidade. Desta incerteza, reabre-se o debate em torno da verdade, do simbólico, da finalidade das narrativas histórica e literária, da gerência do tempo e da recepção do texto, questões estas que colocam a história e a literatura como leituras possíveis de uma recriação imaginada do real (LENNHARDT; PESAVENTO, 1998, p.9-10).

A Literatura ensina muito ao historiador sobre a estrutura narrativa da história. Já o historiador narra as suas histórias, com pretensão de verdade, ao passo que o ficcionista inventa suas histórias, com alguma verossimilhança. E o que é a verdade, em relação aos fatos, constitui, em si, um problema árduo na teoria historiográfica contemporânea: o problema da fidelidade, da perspectiva da abordagem, do manejo das fontes, entre outros.

Na medida em que retoma o passado como se realmente tivesse acontecido, a narrativa ficcional é quase história, tanto quanto a história é quase fictícia quando recortada por uma abordagem específica (RICOUER, 2007, p.329).

Assim, a História não se restringe apenas aos fatos sucedidos, pois cuida da interpretação deles e de seu sentido social pensado a partir de uma reconstrução historiográfica preocupada com versões marcadas por interesses e subjetividades.

A Literatura, por sua vez, ao contar sempre a história de alguém, é capaz de valorizar as ações do ser humano e a sua interferência no espaço, isto é, prestigia o papel do sujeito agente na construção da vida em sociedade. Pesavento aborda a questão do cruzamento que se estabelece entre a História e a Literatura:

[...] entre a história e a literatura, o historiador se vale do texto literário não mais como uma ilustração do contexto em estudo, como um dado a mais, para compor uma paisagem dada. O texto literário lhe vale como porta de entrada às sensibilidades de um outro tempo, justo como aquela fonte privilegiada que pode acessar elementos do passado que outros documentos não proporcionam (PESAVENTO, 2005, p.113).

Pequenas ações interdisciplinares na escola, como a aproximação entre a Literatura e a História, acabam por auxiliar os alunos a vislumbrarem um conhecimento mais amplo, abrangente e crítico. Mas tudo isso parece perder grande parte de seu sentido prático quando o ensino é restrito a estratégias pedagógicas que suprimem do docente a sua liberdade de cátedra ou mesmo a possibilidade de diálogo construtivo com os educandos e as outras disciplinas.

Para direcionar de forma interdisciplinar o ensino de história, é imprescindível que a liberdade, de que fala Paulo Freire (1996), seja de fato exercida na sala de aula, pois não é possível aprender sobre a liberdade sem exercê-la.

Esta liberdade tem em sua essência o diálogo, que começa, segundo Freire, na própria busca do conteúdo programático, quando o “educador-educando” se pergunta em torno do que irá dialogar com os “educandos-educadores”.

Eis aí um dos grandes problemas do ensino de história na atualidade, que é a dependência dos professores em relação ao livro didático e mesmo às apostilas e aos conteúdos programáticos pré-estabelecidos pelos seus autores. Eles sempre apresentam uma história que é fruto de uma seleção prévia, da qual não fizeram

parte nem professores, nem alunos, impondo-se a eles uma abordagem conteudista tradicional enquanto uma forma absoluta e definitiva que bloqueia severamente as tentativas interdisciplinares.

3.6 IMPORTÂNCIA DA INTERRELAÇÃO HISTÓRIA-LITERATURA E O ALUNO COMO AGENTE DO PROCESSO ARTÍSTICO-CULTURAL INTEGRADOR

Atualmente muito se discute acerca do papel do professor e do próprio aluno dentro da sala de aula. O professor passa a ser visto pela instituição de ensino e pelas famílias como um facilitador no processo de aprendizagem em que ele precisa manter seus alunos motivados, portanto, tendo a possibilidade de não se apegar às formas tradicionais do ensino conteudista.

Teoricamente o aluno, nesse contexto, passaria a ser compreendido como parte integrante e ativa do processo de formação e aprendizagem, fato este que nem sempre ocorre na prática. Assim, um bom exemplo de projeto integrador é o da Tertúlia Romântica, implementado no período entre os anos de 1999 a 2008 no CMPA.

Sua prática constituía em estabelecer uma relação entre História e a Literatura, estimulando o aluno a realizar um constante cruzamento entre as duas disciplinas e seus campos de investigação subjacentes. Desta forma, objetivo maior desta atividade era propiciar a aparição de sujeitos críticos e mais participativos, capazes de fixar conhecimentos com uma prática vivencial que ambientasse textos e fatos em um panorama maior de uma época cultural já passada, o século XIX.

Desse modo, o projeto Tertúlia Romântica utilizava como principal ferramenta o teatro, ferramenta que se mostrou de grande valia ao possibilitar a integração desse aluno que se sentia acolhido e protagonizador do processo de ensino, acontecimento que, sem dúvida, marcou época na instituição e produziu um repertório de memórias marcadas pela excepcionalidade em relação ao ensino disciplinar e conteudista tradicional de sala de aula.

3.7 METODOLOGIA ADOTADA PARA ANÁLISE DOS DADOS DOS DEPOIMENTOS

O processo de investigação que norteou esta pesquisa está caracterizado por uma abordagem qualitativa sob forma de um estudo de caso. Consistiu em uma análise das narrativas de ex-alunos e professores com participações virtuais da prática educativa em estudo. Este recurso propiciou reencontros e depoimentos, que trouxeram ao tempo presente lembranças de fatos, personagens, obras, registros fotográficos, experiências e dificuldades, enfim todo e qualquer tema ou assunto que ajudou a construir a memória coletiva da Tertúlia Romântica.

O estudo percorreu as seguintes etapas: documental e subjetivo memorial. Documental: leituras das Normas de Planejamento e Gestão Escolar, Sistema Colégio Militar do Brasil (SCMB); do Regimento Interno dos Colégios Militares. RI/CM e do manual aluno/ CMPA; estudos dos diversos vídeos postados no site do CMPA¹¹, sobre as diversas edições da Tertúlia Romântica; leituras de depoimentos, fotos e publicações sobre o projeto na Revista Hyloea¹²; leitura e análise da entrevista em vídeo e texto da Professora Mestre Eva Esperança G. Alves, realizada no dia 16/12/2010. Subjetivo memorial: a construção do *blog* “A Memória de ex-alunos na Tertúlia Romântica” foi formada exclusivamente por ex-alunos do CMPA que participaram da Tertúlia Romântica bem como de professores que atuaram nessa atividade docente.

O *blog* foi utilizado em vista da crescente aparência da memória virtual entrelaçando-se com o espaço da memória física. A possibilidade destes registros de memória com a interação mediada pelo *blog* oportunizou reencontros e trouxe à tona experiências vividas, contudo, por outro novo olhar sobre o que foi representado e interpretado.

Os blogs relembram-nos que a memória é um processo criativo e contínuo. A crescente apropriação desta ferramenta comunicacional na web traz questionamentos referentes à constituição de um novo imaginário representado no ciberespaço, fundador de aspectos culturais específicos (RECUERO, 2009, p.57)

¹¹ <<http://www.cmpa.tche.br>>

¹² HYLOEA – Revista de publicação anual do Colégio Militar de Porto Alegre.

Este recurso virtual – o *blog*, permaneceu aberto aos participantes tempo suficiente para que pudessem formar um repertório de memórias capaz de armazenar informações de suas vivências nessa prática pedagógica. Com esse fim específico, estas postagens foram mediadas pela pesquisadora agindo como moderadora desse espaço virtual de memória, sempre com o consentimento dos envolvidos.

A análise dos depoimentos concedidos pelos ex-alunos e professores foi feita pela interpretação dos registros das narrativas escritas, a partir dos conceitos referidos sobre memória e a interdisciplinaridade.

Isto só foi possível com o entendimento de que a memória coletiva se forma no “relembrar”, o ato sucessivo desse é que constrói a memória autobiográfica, e, conforme Brandão:

A experiência nos mostra que, a partir da memória autobiográfica nas histórias narradas, e muitas vezes escritas, podemos, usando a linguagem, refletir, compreender, reorganizar e ressignificar essas trajetórias e projetos de vida-trabalho, nossas e de outros, articulando as memórias individuais e coletivas, dando-lhes um sentido-significado (BRANDÃO, 2008, p. 15).

Como base nesta análise, foi realizada a pesquisa por método de amostragem, Pádua pontua:

Amostra é a representação menor de um todo maior, a fim de que o pesquisador possa analisar um dado *universo*, a amostra *representa* o todo. Neste sentido, a definição do universo (ou população) e do que é sua amostra representativa é a base do plano de verificação – a amostra deve ser representativa para que os resultados sejam considerados legítimos. (PÁDUA, 2011, p.67)

A sugestão de um roteiro no *blog* para depoimentos foi o instrumento de coleta de dados e para atingir os objetivos propostos nesse estudo - constituir dados qualitativos - o roteiro precisou estar construído a partir de questionamentos abertos em que o informante pudesse expor uma resposta pessoal e espontânea. Este tipo de instrumento permite que o próprio pesquisador realize a análise dos dados.

Das vinte e duas narrativas elencadas no *blog* dos ex-alunos, percebeu-se que cinquenta por cento de suas carreiras profissionais são da área das ciências humanas: como jornalismo, publicidade, direito, psicologia, literatura e artes cênicas. Cinco dos ex-alunos seguiram a carreira militar (AMAN); já na área das ciências humanas, duas ex-alunas estudam medicina, e outra já atua como fisioterapeuta. Ainda há um ex-aluno como professor de educação física e, na área das ciências exatas, um ex-aluno cursando administração e outro engenharia.

Enfim, todos os alunos demonstram realização nas escolhas e sentem-se gratificados e orgulhosos em pertencer ao Colégio Militar de Porto Alegre, e reconhecem que a prática tertuliana contribuiu para algumas tomadas de decisões e desempenho nas suas atividades afins.

O estudo concentrou-se na análise da escolaridade atual e exercício profissional dos depoentes, avaliações espontâneas da Tertúlia, manifestações de sensibilidades, descrição de acontecimentos insólitos e humorísticos e repercussões deixadas por esse evento educativo na trajetória pessoal e profissional dos ex-alunos. Quanto aos depoimentos dos professores, as reflexões se concentraram sobre a repercussão dessa experiência interdisciplinar frente ao cotidiano escolar e análise dessas atividades didático-pedagógicas por eles desenvolvidas.

Com esse estudo vislumbrou-se a oportunidade de encontrar os sujeitos que compuseram a história dessa prática no seu cotidiano, auxiliando-os a tecer, ainda que de forma inconsciente, os múltiplos significados que esse projeto assumiu para as diferentes personagens que tiveram em suas participações nas apresentações e representações de sujeitos revisitados no século XIX.

Ao escolher um caminho investigativo para ser utilizado neste processo, levou-se em consideração o aspecto da narrativa não ser uma verdade literal do ocorrido, mas uma representação feita pelo sujeito e o fato de estar inserida em um contexto sócio-histórico.

A reconstrução e a ressignificação passam pelo processo de narrar, desse modo, pode-se entender que a trajetória vivida está entrelaçada com a análise do pesquisador. Não há como ignorar ou se abster dessa interferência durante a análise dos dados ou durante a redação dos resultados da pesquisa, uma vez que sempre haverá “o olhar” do pesquisador.

4 TERTÚLIA ROMÂNTICA NO CMPA: UM RECORTE

Entender e oportunizar um trabalho artístico cultural na perspectiva interdisciplinar torna a escola em um espaço vivo, produtor de novos conhecimentos e de grandes valores culturais aos alunos. Entretanto, é a perspectiva de um novo olhar pedagógico que destaca com maior singularidade o papel do “saber” e de saber fazer do professor. Portanto, a prática docente deve vislumbrar e explorar novas estratégias por meio de projetos, métodos e experiências no cotidiano da escola, oportunizando ao educando o exercício do autoconhecimento, descobrir, suas habilidades, interesses e aptidões.

Foi com esse interesse integrador que as professoras Eva Esperança Guterres Alves e Helena Friedrich enfrentaram o desafio de planejar um projeto interdisciplinar para o segundo ano do Ensino Médio no CMPA: a Tertúlia Romântica.



FIGURA 6 – Fotos de diferentes Tertúlias (1999-2008).
Fonte: acervo professora Eva Esperança Guterres Alves.

A professora Helena, de Literatura, em seu depoimento, conta como tudo começou:

Eu era a professora de Literatura dos segundos anos em 1999. No primeiro semestre, trabalhando o Romantismo, chamou-me a atenção, numa turma, um grupo de meninas que sentia muito prazer em declamar os poemas de Gonçalves Dias, Álvares Azevedo, Casimiro de Abreu e Castro Alves. Convidei-as, então, a declamar para as outras turmas, reunindo duas ou três turmas no Salão Brasil. (FRIEDRICH, H., DEPOIMENTO: 10/06/2012)

Essa professora, ao perceber a motivação dos alunos com essa atividade diferenciada, sugeriu a exploração do momento histórico e literário do século XIX e, com a ajuda da professora de História, Eva, realizaram um trabalho guiado pela dramatização e pela interação entre disciplinas com a estrutura afetiva e estética das percepções dos alunos.

Os conteúdos programáticos das disciplinas afins eram, segundo Reinado, a História e o Romantismo do século XIX no Brasil e na Europa, na Literatura. As professoras e os alunos discutiram o entrelaçamento das propostas cuja culminância da atividade seria apresentação de um Sarau¹³.

Esses Saraus eram muito comuns no século XIX, e foram resgatados e reinventados como uma maneira de fortalecer a identidade da comunidade escolar e promover a integração de todos de forma descontraída, criativa e envolvente. Foi um momento de somar conhecimentos, descobertas e vivências coletivas. E desse Sarau surgiria o embrião da Tertúlia Romântica.

Os alunos, em sala de aula, foram desafiados a serem eles mesmos os sujeitos e os autores do projeto. Partiram, então, para a preparação do Sarau com dinâmicas de leituras de textos relacionados à arte de representar no teatro, (origem, principais autores e formação das personagens). Nos ensaios, havia exercícios dramáticos de encenação e de modulação vocal, bem com de dança e de percepção das formas de expressão dos gêneros narrativo, épico, lírico e dramático.

O diálogo das obras literárias do século XIX, entrecruzado à reconstituição do contexto histórico do período, proporcionava ao aluno aprender a conviver com

¹³ Sarau: (do latim *seranus*, através do galego *serao*) é um evento cultural ou musical realizado geralmente em casa particular onde as pessoas se encontram para se expressarem ou se manifestarem artisticamente. Um sarau pode envolver dança, poesia, leitura de livros, música acústica e também outras formas de arte como pintura e teatro. (Dicionário *on-line* da Língua Portuguesa Priberam).

sentidos diferentes sobre o mesmo tema, desenvolvendo uma percepção nas fronteiras da história e da ficção, algo que cada vez se tornava mais tênue, de modo que as apresentações das produções textuais, manifestadas e incorporadas na sua personagem, produziam uma comunicação livre, criativa e prazerosa, proporcionando a suscitação de diversos impulsos reflexivos e mesmo transformadores do conhecimento vivenciado e fixado na concretização do tempo e do espaço estético e histórico.

Nesse sentido, Chartier afirma em seus estudos que “(...) as leituras são sempre plurais, são elas que constroem de maneira diferente o sentido dos textos, mesmo se esses textos inscrevem no interior de si mesmos o sentido de que desejariam ver-se atribuídos” (Chartier 1997, p.24).

A professora Eva, em sua entrevista, quando fala dos objetivos do Projeto interdisciplinar da Tertúlia, ressalta que:

A busca pelo conhecimento foi o que construiu o projeto Tertúlia, o encontro de pessoas para cantar, representar, desenvolver diferentes habilidades como: a dança, a música, o canto; foi de grande enriquecimento, de troca de experiências, bem como, um momento de inclusão (Entrevista concedida em 16/12/2010) apêndice 2.

E continua dizendo que:

Exclusão já temos no livro didático. Nas representações desse tipo, o aluno/sujeito sente-se incluído, partícipe de todo um processo de aprendizagem. Nos diferentes momentos trabalhamos com a questão do medo, da timidez, bem como, as questões das diferenças e das minorias sociais (Entrevista concedida em 16/12/2010) apêndice 2.

Assim, percebe-se que os novos saberes se manifestaram nos textos selecionados, nos poemas representados, nas dramatizações levadas ao palco, na construção presentificada de personagens recuperados da literatura e da história do período em estudo.

Entre a história e a literatura, o conhecimento e o imaginário dos alunos operavam como uma porta de entrada para as sensibilidades de outros tempos

privilegiando o acesso ao passado, embasados nas representações levadas ao palco do Salão Brasil¹⁴.

Nessas porosas fronteiras literárias e históricas iriam transitar narrativas e elementos do século XIX à contemporaneidade. Em relação a isso, Pesavento (2007, p. 40) considera a representação como a categoria central da História Cultural, e nos fala que “A representação é uma construção do real, ou seja, feita a partir dele. Não é a reprodução absoluta do ausente, mas verossimilhança”.

Os alunos atores/autores nas suas representações e apresentações expressavam em uma corporeidade estética e visual os elementos fundantes da formação da sociedade brasileira, na sua identidade étnica, na formação histórica e na análise do social a partir das obras literárias levadas ao palco do Salão Brasil.

As ações pedagógicas dos professores envolvidos nessa prática, em seus fundamentos teóricos, tiveram um olhar que se identificou com busca de novos paradigmas que pudessem complementar o conteudismo caracterizando, segundo Morin (2000), por uma parcelamento e a compartimentação dos saberes.

A prática escolar se caracterizou pela inovação de trabalhar com a interdisciplinaridade numa seleção qualitativa e flexível de conhecimentos interativos, no dizer das professoras Eva e Ione:

Neste projeto, o sujeito aluno percorre visceralmente o século XIX, faz as escolhas recolhendo representações nos sujeitos históricos, nos grupos sociais, nos conflitos, nas imagens das obras de arte, nos relatos, nos cotidianos, nas marcas, nos silêncios, nos discursos, na memória, no imaginário, numa transposição são produzidos novos saberes e condutas significativas no olhar crítico, da autoria responsável, das sensibilidades e fantasias de jovens sujeitos. (Revista *Hiloea*, 2007, p. 84-85).

As apresentações repercutiram tão positivamente na comunidade escolar, produzindo a circulação de comentários e elogios, que o evento foi logo incorporado ao calendário escolar oficial, passando nos anos subsequentes a ter a denominação de Tertúlia Romântica.

Mas o que vem a ser uma Tertúlia? Segundo o Dicionário Aurélio Buarque de Holanda: *Tertúlia* é uma assembleia, plenário e reunião de familiares, amigos, encontro cultural; assembleia literária. Para o regionalista e intérprete da música

¹⁴ Salão Brasil – nome do auditório da escola.

Tertúlia Joca Martins¹⁵: “Tertúlia é uma reunião de amigos pra cantar e prosear, geralmente ao redor de um fogo e, quando é citado na música “Tertúlia é o eco das vozes, é uma referência poética ao encontro de várias vozes, que reverberam o sentimento do gaúcho”.

José de Alencar em sua obra *O Gaúcho* (Livro Segundo, Capítulo IX: A viola) utiliza o termo *Tertúlia* em: “O comandante oriental, D. Frutuoso Rivera, o convidara para uma *Tertúlia*”.

Considerando que esse autor clássico da literatura brasileira escreveu sobre o gaúcho sem ter vivido no Rio Grande do Sul, supõe-se que a *Tertúlia* represente então, para todo o Brasil essencial da tradição, da cultura e mesmo do entretenimento nesta região do Brasil.

Esse transitar da denominação de Sarau para *Tertúlia*, no casarão da Várzea, foi justificado pela professora Eva, com o seguinte argumento: “porque no linguajar rio-grandense o termo concilia diferentes manifestações artísticas, culturais, intelectuais e visuais, muito utilizado regionalmente.”¹⁶

A experiência envolvendo as disciplinas de História e Literatura incluía seis turmas de alunos na faixa etária entre 15 a 17 anos de idade pertencentes, em sua maioria, à classe média, originários de diferentes pontos do Brasil em razão de serem filhos, em grande proporção, de pais militares. Esses pais militares, geralmente são participativos na vida escolar de seus filhos, acompanhando-os no seu desempenho e lhes proporcionando atividades culturais complementares.

É preciso também recordar que a carga horária das disciplinas de História e Literatura, no Ensino Médio, do CMPA, corresponde a duas horas-aulas semanais; tempo insuficiente para a leitura e estudo integral de todas as obras literárias e conteúdos históricos exigidos pelo currículo pré-estabelecido. Contudo, havia uma importante carga de trabalho extraclasse no desafio da construção do conhecimento partindo dos conteúdos das diferentes disciplinas.

Esses trabalhos e pesquisas realizados fora do horário de aula eram rigorosamente orientados pelos professores e os alunos estudavam textos, reconstituíam espaços, ensaiavam seus personagens, elegiam e estudavam heróis, reproduziam e criavam narrativas em prosa e versos, realizavam pesquisas de

¹⁵ Conceito do regionalista Joca Martins encaminhado por e-mail em 18/06/2012 (jocamartinscantor@yahoo.com.br).

¹⁶ De acordo com a entrevista da professora Eva do dia 16/12/2010.

passagens literárias e de textos históricos capazes de serem vivenciados em releituras contemporâneas.

Desse modo, a prática pedagógica da Tertúlia buscou atender aos preceitos da contemporaneidade de uma escola viva, aberta, democrática, que fosse ao encontro dos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (PCNEM):

A interdisciplinaridade deve ir além da mera justaposição de disciplinas e, ao mesmo tempo, evitar a diluição delas em generalidades. De fato, será principalmente na possibilidade de relacionar as disciplinas em atividades ou projetos de estudo, pesquisa e ação que a interdisciplinaridade poderá ser uma prática pedagógica e didática adequada aos objetivos do Ensino Médio. (PCNEM, 2).

Os objetivos propostos no Projeto cultural da Tertúlia era conduzir o aluno a:

- Perceber-se inserido no contexto do século XIX, com ênfase no período romântico da literatura e da história e das artes em geral.
- Reconhecer a presença da cultura indígena, africana e europeia no processo de aculturação e embasamento da formação da identidade do povo brasileiro.
- Conhecer a diversidade cultural respeitando-a como resultante de um processo histórico.
- Compreender a si mesmo e ao outro como resultado da sociedade cultural à que pertencem.
- Elaborar conceitos e ideias sobre Brasil na perspectiva da gênese dos brasileiros.
- Apropriar-se do legado pluricultural que constitui o patrimônio do cidadão.
- Fazer uma transposição do conhecimento da produção literária do Romantismo para uma leitura crítica do contexto da atualidade.
- Reconhecer o entrelaçamento das relações do aluno como espaço escolar como condição de cidadania.
- Promover o enriquecimento da experiência estética, com a construção de cenas e personagens produzidas. .
- Vivenciar uma atividade de grupo e de interação social, desenvolvendo atitudes adequadas a um evento cultural.

Professores e alunos, para a consecução dos objetivos, desenvolviam metodologia que compreendia as seguintes etapas:

- Abordagem conteudista: História e Literatura do século XIX.
- Oficina de expressão artística.
- Pesquisa sobre o cotidiano do século em estudo e seleção da produção artístico-literária significativa do período.
- Recuperação da memória dos grupos sociais que forjaram a identidade brasileira numa abordagem artística.
- Oficinas para edição de recursos audiovisuais.
- Produção de textos que constituirão as cenas a serem representadas.
- Construção das personagens dos temas selecionados.
- Adaptação de obras da produção literária, musical e visual ao período Romântico.
- Realização de Seminário temático.

Com esse desafio, todos os alunos orientados pelos professores se organizavam em grupos e faziam suas escolhas, executavam as tarefas com autoria de novas narrativas, dispunham-se a sensibilidades inéditas, voltadas para a recuperação de personagens e temas silenciados pela história oficial e mesmo pela literatura acadêmica. Nesse contexto, a interação entre os alunos das equipes possibilitava uma apresentação final na forma de um evento artístico que era muito aguardado por toda a comunidade escolar.

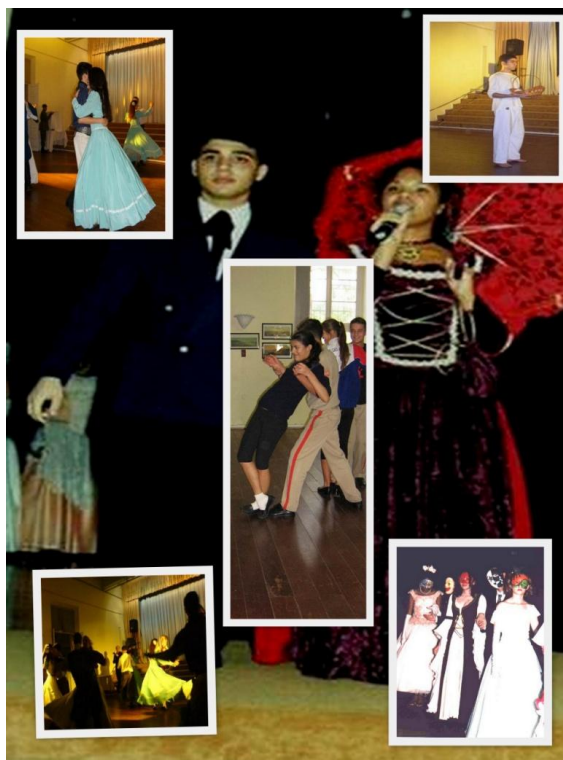


FIGURA 7 – Conjunto de fotos de diferentes Tertúlias (1999-2008).
Fonte: acervo professora Eva Esperança Guterres Alves.

Para que a análise deste estudo pudesse se realizar, fizeram-se necessárias algumas escolhas entre o vasto material produzido pelos alunos a fim de ilustrar e representar o século XIX. Tais escolhas foram baseadas em dois critérios: ser o tema recorrente no *blog*, no caso, o tema postado por três ex-alunos cujos personagens estavam assim representados: Tarso era o padre; Douglas, o escravo e Silvia, a perversa Corina, da lenda de *Nossa Senhora das Dores*, adaptação da obra *Torres Maldivas*, de Afonso de Moraes (1931); e, pela qualidade do recurso audiovisual disponível na *web* dessa apresentação.

Escolher não é uma tarefa fácil, pois sempre há uma disputa entre razão e emoção, consciência e coração. Decidir, diante de tanta riqueza de diálogos, interpretações e sensibilidades das apresentações “tertulianas”, é procurar na individualidade de nossas emoções o que melhor expressa o que queremos demonstrar do ponto de vista conceitual.

As sensibilidades no dizer de Pesavento:

[...] se exprimem em atos, em ritos, em palavras e imagens, em objetos da vida material, em materialidades do espaço construído. Falam, por sua vez,

do real e do não real, do sabido e do desconhecido, do intuído, do pressentido ou do inventado. Sensibilidades remetem ao mundo do imaginário, da cultura e seu conjunto de significações construído sobre o mundo. Mesmo que tais representações sensíveis se refiram a algo que não tenha existência real ou comprovada, o que se coloca na pauta de análise é a realidade do sentimento, a experiência sensível de viver e enfrentar aquela representação. Sonhos e medos, por exemplo, são realidades enquanto sentimento, mesmo que suas razões ou motivações, no caso, não tenham consistência real (PESAVENTO, 2005¹⁷).

A Tertúlia Romântica foi, ao longo dos dez anos de realização, organizada na exploração dos conteúdos das disciplinas de História e Literatura que compõem o currículo do Ensino Médio, podendo ser considerada uma atividade interdisciplinar em produções temáticas, onde se pretendia que o aluno se sentisse inserido no contexto do século tematizado e, ao mesmo tempo, se apropriasse do seu legado estético e intelectual.

O Sarau¹⁸ organizado no ano de 1999, que deu início ao projeto, trouxe apresentações de diferentes autores do romantismo e performances de personagens da história do século XIX. Em uma atividade chamada *recepção*, na casa grande no sudeste brasileiro, os alunos caracterizados como personagens da história, assistiram e participaram da programação por eles produzida para o evento, entre outras, a representação de *CENAS DA VIDA NA ROÇA*, adaptação de O JUIZ DE PAZ NA ROÇA de Martins Pena (1838). Na ocasião, houve degustação de guloseimas típicas como beijinhos, cocadas e bolos, que remetiam às receitas e ao paladar da época estudada, selecionadas pelos alunos/atores, sob a orientação dos professores.

O CMPA, nesse dia de 1999, recepcionou no Salão Brasil alunos enriquecidos de experiência e autores daquele conhecimento produzido. Essa atividade educativa e inovadora repercutiu de forma muito positiva na comunidade escolar.

Os professores da série envolvidos nesta prática abonaram a compreensão de que o projeto envolvia uma proposta de educação que incluía o mergulho na cultura como um dos suportes para a construção das identidades e de um olhar para as diversidades.

A construção do roteiro da atividade era uma produção coletiva. Cabiam aos

¹⁷ PESAVENTO, Sandra. "Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades", Nuevo Mundo Mundos Nuevos, Coloquios, 2005, [En línea], Puesto en línea el 04 febrero 2005. Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org/229>>. Acesso em: 22 fev. 2012.

¹⁸ O primeiro evento em 1999 foi denominado "sarau".

grupos de trabalho as diferentes produções de texto, imagens, cenários, indumentárias, trilha sonora, iluminação, acessórios, e de apoio técnico.

Para suprir as pesquisas dos alunos e apoiá-los nas diferentes atividades, eram oferecidos seminários temáticos, oficinas de expressão artística e oficinas de edição de recursos audiovisuais e de alegorias. Essas atividades, assim como os ensaios, eram realizadas no contraturno do horário de aula. A previsão orçamentária era aprovada pelo subdiretor de ensino com o apoio financeiro da Associação dos Amigos do Casarão da Várzea (AACV).

Com esse desafio, todos os alunos do segundo ano, orientados pelos professores, faziam suas escolhas, executavam as tarefas, produziam novas narrativas recorrendo a sensibilidades para recuperar personagens e dar nova visibilidade a temas tratados pela história e pela literatura. A interação entre os alunos envolvia o preparo para a apresentação perante toda a comunidade escolar do evento artístico cultural realizado no Salão Brasil como um trabalho de conclusão do estudo do período do romantismo na literatura e na história do século XIX.

Diante da diversidade de temas trabalhados nesse evento, quais narrativas histórico-literárias devem ser consideradas relevantes para uma amostra? Quais danças, músicas e poesias, e tantas outras manifestações representam tão bem as expressões culturais, da época, nesse foco de estudo?

Cabe agora, no presente trabalho, trazer uma amostra das diferentes apresentações estéticas e performances que compuseram os eventos tertulianos nos dez anos realizados no CMPA.

Reproduzidos a seguir, dois atos do roteiro da IX Tertúlia (2007) que teve como temática “Brasileirinhos”¹⁹.

Local: Salão Brasil CMPA

Data: 26/06/2007

Horário: 19h00min

ABERTURA:

- 1) Dois alunos na guitarra começaram a fazer solo da Música Brasileirinho.
- 2) Professora Eva (abertura oficial)

¹⁹ As cenas reproduzidas foram copiadas na íntegra dos projetos da Tertúlia Romântica, cedidos pela coordenadora Eva Esperança Guterres Alves.

A IX Tertúlia Romântica do Colégio Militar de Porto Alegre, que tem como temática *BRASILEIRINHOS*, é um evento da Seção A, produzido pela Seção de Projetos Culturais sob a coordenação da professora Eva Esperança. O projeto interdisciplinar tem a participação das professoras Ione Rich Vinhais, da disciplina de Literatura, e Silvana Schuler Pineda, de História, e dos alunos do 2º ano do Ensino Médio.

Convidamos o Sr. Comandante Coronel Vasconcellos para a abertura da IX Tertúlia Romântica.

3) Fala do Comandante do Colégio

4) Fala da Chefe da disciplina de Literatura – Capitão Eliane Padrão.

5) Os apresentadores

Apresentador 1 – Aluna Simiana

Apresentador 2 – Aluno Nathan

6) Leitura de um texto sobre a temática da IX Tertúlia – Al. Nathan

Brasileirinhos !

Brasileiros, quem são? São os ricos proprietários ou pobres trabalhadores?

Os brancos que aqui impuseram uma cultura eurocêntrica desde a colonização ou os negros que vieram como força de trabalho escravo? E os índios que aqui já viviam, os donos da terra, o que são eles?

Brasileiro é o homem poderoso que decide o rumo do País, ou a linda mulher idealizada em tantos romances? Seriam os grandes músicos eruditos ou sambistas de roda? Brasileiros são os famosos heróis da história, ou os homens e mulheres que mesmo anônimos constroem essa nação?

Na diversidade se constrói a nação brasileira...

Ser brasileiro é termos os tons de todas as culturas, é convivermos com as desigualdades, é sermos iguais nas diferenças e iguais na necessidade de humanização e esperança de um país melhor, diverso e pleno em todos os sentidos.

Apresentador 1 –

Declamação Poema *BRASILEIRO*

Autoria da aluna Doris Amaral Kummel

Brasileiro

De ser, até me orgulho

*Não me envergonho
 Nasci aqui e assim sendo vivo
 Assim sendo sonho
 Porque o sonho, mesmo um dia esquecido
 No outro se acha realizado*

*Para o brasileiro a vida é assim repentina
 De repente farra, de repente sina, de repente fado*

*Se em confronto, em conflito, jamais desisto
 Nessa vida nem assim tão mansa
 Até trabalho, até descanso,
 Vida de desaforos, mentirinhas, cultura e novelinhas
 Política, crenças, futebol, desavenças
 Nela, tudo encaixo com jeitinho*

*Nesse presente, no futuro, nos passados me inspiro
 Na presença, ou, às vezes, na falta de caráter me espelho,
 Reflito, comparo e analiso
 O certo, com bom senso até compreendo
 Enquanto o errado se possível eu reprimo
 Na melhora, no sucesso, em ser aceito me empenho
 Na desordem, na bagunça, nesse caos me redimo
 No desejo, na vontade, nessa ordem progrido
 Nisso me contento, me contenho
 Nisso existo, nisso insisto
 Nisso tudo, bem assim
 SOU BRASILEIRO.*

Ato 2 – Imagens gaúchas.

Nas leituras das imagens gaúchas do séc. XIX, brasileiros rio-grandenses encontram-se para uma Tertúlia.

- 1) Dança gaúcha e interpretação da canção “A Tertúlia”.

Tertúlia

autor: Jader Moreci Teixeira (Leonardo)

Uma chamarra uma fogueira
 Uma chinoca uma chaleira
 Uma saudade, um mate amargo
 E a peonada repassando o trago
 Noite cheirando a querência
 Nas tertúlias do meu pago. (REFRÃO)

Tertúlia é o eco das vozes perdidas no campo afora
 Cantiga brotando livre novo prenúncio de aurora
 É rima sem compromisso julgamento ou castração
 Onde se marca o compasso no bater do coração.
 (REFRÃO) (BIS).

É o batismo dos sem nome rodeio dos desgarrados
 Grito de alerta do pampa tribuna de injustiçados
 Tertúlia é o canpo sonoro sem fronteira ou aramados
 Onde o violão e o poeta podem chorar abraçados.
 (REFRÃO) (BIS).

2) Encenação da Lenda da Igreja Nossa Senhora das Dores.

Apresentador 1 –

Nas leituras das imagens gaúchas do séc.XIX, brasileiros rio-grandenses se encontram para uma Tertúlia.

Apresentador 2 –

O que é tertúlia? “Um encontro de parentes e amigos para uma assembleia literária”.

Entra o grupo de peões e prendas e compõem um ambiente de encontro e diálogo.

Aluna Senna saindo do palco com a cortina fechada, lê o texto produzido – definição de Tertúlia.

DANÇA GAÚCHA

Entra a música (3)

Tem início a apresentação de dança gaúcha pelo GRUPO de nove pares de alunos coordenados pela aluna Valentina.

Os alunos permanecem no local de forma descontraída compondo o cenário para a Cena 2 do ato 2.

LENDA DA IGREJA DAS DORES - Adaptação da obra “Torres Malditas de Afonso de Moraes” (1931).

Personagens: Nove alunos compõem os personagens da lenda:

José, Corina, Padre, Sacristão, Carrasco, Escravos.

Representando o povo foram personagens:

florista, sinhá, vendedor de vassoura jovem com sombrinha, negro vendedor de fruta, jovem transeunte, negra mucama, dois soldados, beato bandeira do divino, fotografo lambe-lambe.

Entra a música (4)

Som de sino e *Ave Maria* de Lesley Garret

Cena 2.1 - Abre a metade da cortina – surge o cenário da Igreja das Dores.

Cenário: Igreja das Dores sendo construída por escravos, um deles é José.

Entra o povo pelo centro do Salão Brasil, alguns com velas acesas em cortejo se dirigem até as escadarias a caminhar pela rua da Alfândega. Uma das jovens se afasta do grupo e é seguida pelo seu pretendente. **TODOS CONGELAM**

Apresentador 1 – Lê o texto sobre o escravismo no Rio Grande do Sul:

As interpretações sobre a suavidade do escravismo rio-grandense foram contemporâneas ao próprio regime negreiro. Sobre tudo no século 19, viajantes assinalaram que no Rio Grande do Sul os cativos desconheceriam as barbaridades praticadas em outras regiões do Brasil.

Porém a democracia pastoril constitui o grande mito fundador da sociedade rio-grandense ao arrepio da verdade histórica. Essa narrativa romanceada do passado não corresponde ao regime despótico, baseado na violência e na coerção física dos duríssimos castigos de açoite e a condenação à morte pela força.

Entra a música (5) – *Naquele tempo* com Clara Sverner e Paulo Moura.

Cena 2.2 – Cotidiano do povo:

Caminhando na rua da Alfândega, vende flores, o padre abençoa o público.

O escravo Jose e o outro trabalham na pintura da Igreja.

TODOS CONGELAM

Apresentador 2 - Lenda das Dores

A Igreja de Nossa Senhora das Dores, da cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, teve iniciada sua construção em 1833 e levou aproximadamente 97 anos para ser concluída.

O atraso para a conclusão desta grandiosa obra deve-se a uma lenda que nos fala sobre uma maldição que lhe foi lançada por um inocente mártir escravo.

Apresentador 1 -

O escritor Afonso Moraes publicou em 1931 um livro com o nome de “Torres Malditas”. Seu texto nos fala de Rafael, um jovem que se apaixonou perdidamente por uma moça de nome Corina.

Corina certa ocasião fez um pedido ao seu amado que não seria fácil de ser obtido, mas provaria toda a grandeza do amor que Rafael sentia por ela: pediu o colar que ostentava a imagem de Nossa Senhora das Dores.

Entra a música (6) – Rosa – faixa 7 continente Teiniaguá.

Cena 2.3 – TODOS CONGELAM – falas de Corina e Rafael.

Corina: – Rafael, para me dares uma prova da grandeza do amor que sentes por mim, quero que me atendas no seguinte pedido:

– Quero o colar que está na imagem de Nossa Senhora das Dores.

Rafael estarecido falou-lhe: – “Poderei te dar outro colar. Um que possas usar, pois o que me pedes é impossível!”.

Corina acrescenta: – “Nada é impossível nesta vida, ainda mais se o amor entra como causa. Faze a vontade à tua amada, faze! Eu me apaixonei por ti e pelo colar”.

Rafael pensou, pensou e exclamou resolutivo: – “Sim, irei dá-lo para ti. Creio que és capaz de me fazer assassino. O amor te dá esse poder”.

Cena 2.4 – José e os pedreiros saem de cena

O padre entra na Igreja.

Entra a música (7) – Faixa 3 – Artur de Faria seu conjunto.

Cena 2.5 – O roubo do colar:

Rafael e um amigo se dirigem para a Igreja roubam o colar e saem de cena.

Cena 2.6 – O padre retorna e brada (várias vezes): roubaram o colar de Nossa Senhora!

Música intensa e o povo começa a gritar: forca, forca, forca, roubaram o colar de Nossa Senhora das Dores!

Forca!

Cena 2.7 – José entra em cena: trazido pelos guardas, já preso e condenado.

TODOS CONGELAM.

Entra a música (8) – *Negrinho do pastoreio* - Expresso 225 Pablo Trindade (sem vocal).

Apresentador 1 –

José era um escravo que foi cedido por seu senhor para ajudar na construção da igreja, que era dirigida pelos padres. Em uma radiosa manhã livre de nuvens, à sombra meditativa de uma árvore da Praça da Harmonia, uma corda foi estendida para o enforcamento do pedreiro José e também de um outro acusado de roubo e assassinato.

Cena 2.8 – Povo - cena com o povo - movimento do povo conforme a descrição abaixo:

De repente, todos olharam para o lado da rua da praia: era o cortejo chegando. À frente os dois condenados, entre uma escolta. Logo atrás, vinha um

padre com crucifixo em punho, acompanhado de um sacristão que fazia tilintar uma campainha.

O povo, que ali aglomerava-se, abriu alas e o cortejo foi avançando moroso, até chegar àquela árvore que desempenharia um papel tão triste. O cortejo então parou.

Luz na cena com o escravo.

Padre aproxima-se de José para dizer-lhe algumas palavras.

Entra a música (9) – fundo musical de enforcamento – Faixa 2 – Arthur de Faria.

Cena 2.9 – Carrasco

Em seguida, o carrasco aproxima-se, passa um nó no pescoço do pedreiro e lhe é perguntado:

– Sabes por que serás enforcado?

És acusado de roubar o colar”.

O Escravo José responde:

– Vou morrer porque sou escravo, mas sou inocente e a prova disso é que as torres da Igreja Nossa Senhora das Dores hão de cair três vezes e nunca ficarão completamente prontas.

O enforcado sai de cena levado pelo carrasco.

O povo sai pela porta lateral.

Entra a música (10) – *Rosa* – faixa 7 – continente Teiniaguá.

Cena 2.10 – Corina vai até a Igreja, pega o colar e atravessa o Salão Brasil saindo de cena.

Fecha a cortina

A arte de representar no teatro, na dança, na poesia, na música, ensina o aluno não só ler e memorizar conteúdos, mas também representá-los, aprimorando conhecimentos e vivenciando novas práticas. Oportuniza aos jovens meios de

exteriorizar seus sentimentos e suas observações pessoais, ora pelo gesto ou pela voz, ora pelas duas expressões ao mesmo tempo. Dessa maneira é importante sinalizar que a atividade artística, e em específico a experiência teatral, favorece ao exercício da percepção, a exploração do potencial sensível, crítico, reflexivo e o estímulo à imaginação criativa. Japiassú nos confirma que “entender a arte como pensamento-ação é concebê-la como modalidade complexa de conhecimento, que articula a cognição, a afetividade e a psicomotricidade do sujeito de modo holístico ou integral” (JAPIASSÚ, 2007, p. 141).

A IX Tertúlia, com o tema *Brasileirinhos* oportunizou aos alunos a trabalharem com diferentes atividades artístico-culturais, fazendo com essa prática reporte-se aos ensinamentos, na perspectiva do “aluno ator”, de Paulo Freire quando explica que:

Utilizar o teatro aliado à educação, oportuniza-se aos educandos um conhecimento diversificado e lúdico, existindo um clima de liberdade onde o aluno libera as suas potencialidades, expressando seus sentimentos, emoções, aflições e sensações, pois é um meio de expressão para o aluno. Quando o educando interpreta um personagem ou dramatiza uma situação, revela uma parte de si mesmo, mostrando como sente, pensa e vê o mundo. É uma atividade artística que permite ao aluno expressar-se, explorando todas as formas de comunicação humana. (FREIRE, 1996. P. 46).

IX Tertúlia Romântica



FIGURA 8 – Diferentes cenas da IX Tertúlia 2007

Fonte: acervo professora Eva Esperança Guterres Alves.

Quanto à temática, *Brasileirinhos*, na sua representação específica dos conteúdos abordados, contemplou diferentes aspectos culturais do regionalismo rio-grandense, abarcando do cotidiano de Porto Alegre, as tradições folclóricas como o tema da imigração. A cultura foi assim utilizada como o grande armazém de experiências e lembranças que podem ser invocadas por poemas e peças, danças e cantos, manifestações que ainda hoje permeiam as atividades de diversos grupos regionais e tradicionalistas que as recebem, inovam e transmitem. Quanto à encenação da lenda da Nossa Senhora das Dores, interpretada pelo aluno/ator, (Douglas) demonstra a falta de direitos dos negros, o desvalor de sua palavra foi reanimada e experimentada na própria pele, dramatizada pelo personagem “José”, o escravo que sofreu injustiça e discriminação em uma sociedade reconhecida e valorizada pelo “Branco” no final do século XIX.

Os alunos, ao reviverem essas cenas, o povo, o escravo e a religiosidade local de uma época ainda nem tão remota, tiveram acesso a coisas mais fortes e intensas do que apenas fatos: puderam ter acesso a sentimentos que organizavam a ética e a moral de uma sociedade marcada pela desigualdade juridicamente protegida do escravismo, refletindo assim sobre a condição do escravo como coisa (propriedade) e não como pessoa.

O projeto, ao tratar das desigualdades étnico-raciais no espaço educacional, supre o silenciado da história oficial que veio a ser recuperado e regulamentado com a promulgação da lei 10.639/2003.²⁰

Ao restaurarem os episódios elencados no exposto, narrando e representando, os atores deram vida novamente a esses personagens reais e de ficção apropriando-se e transmitindo essas lendas e histórias veiculadas, tanto pela literatura como pela sabedoria popular.

20

Lei n. 10.639/2003, altera a LDB estabelecendo a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira no ensino Fundamental e Médio e permite uma ação mais contundente para valorização da cultura negra brasileira e africana.

Por meio da análise dos *posts* dos Ex-alunos/atores, foi construído o quadro a seguir:

ITEM	ANO	ALUNO	PERSONAGEM	OBRA	EVENTO	OCCUPAÇÃO ATUAL
1	1.999	Maria Cristina			Sarau	Publicidade e Propaganda : Produtora Eventos
2	2.000	Bruno	figurante	Noite na Taberna	Cotidiano do século XIX	Professor de Educação Física
3		Gabriela	idosa	A República		Jornalista
4	2.001	Alexandra	declamadora	Condoreirismo - Navio Negroiro	O Continente e Mauá o Imperador e o Rei	Advogada
5		Camila	Chiquinha Gonzaga	Manifestação da Cultura Popular (Chiquinha - canto e dança)		Comunicação - Mestranda em Administração
6		Daniela	dança maxixe			Professora e atriz
7		Diego	Capitão Rodrigo	O Continente - O Tempo e o Vento		Publicitário
8		Italo	grupo de apoio			Advogado
9		Priscila	mucama			Advogada
10		Vargas	figurante	Mauá o Imperador e o Rei		1º Tenente da Cavalaria - CMPA
11	2.002	Anelise	Luciola	Luciola - José de Alencar	As Manifestações da Sociedade Europeia e Brasileira do século XIX	Publicitária
12	2.003	Rodrigo	figurante	Senhora - José de Alencar	O Amor no Romantismo	Bancário, cursando Administração
13	2.004	Borques	D. Picucha	O Continente - O Tempo e o Vento - Érico Veríssimo	O Romantismo na Europa e no Brasil no Século XIX	Estudante Medicina
14		Carla	apresentadora do evento			Fisioterapeuta
15	2.005	Alfeu	figurante no baile	Dança O Galope	As Faces do Romantismo Atrás das Máscaras	2º Tenente da Cavalaria
16		Bruna	Moreninha	A Moreninha - Manuel de Macedo		Estudante de Medicina
17	2.006	Leonel	declamador e índio	Iracema - José de Alencar	Jovens Produzindo Aparências e Estilo do Romantismo ao CMPA	Cadete da AMAN
18	2.007	Douglas	Peri	Lenda da Igreja Nossa Senhora	Brasileirinhos	Cadete da AMAN
19		Tarso	Padre	das Dores - Torres Maldivas - Afonso Moraes		Estudante de Engenharia
20		Silvia	canto, dança, Corina e Ceci			Estudante de Psicologia na UFRGS
21		Lucas	Faustino	O Judas em Sábado de Aleluia		Cadete da AMAN
22	2.008	Sara	Capitu	Dom Casmurro - José de Alencar	Cem Anos de Machado de Assis	Estudante de Literatura

Quadro 1 – Reconstrução a partir das memórias postadas no *blog*.
Fonte: Autoria própria, 2012.

5 TECENDO MEMÓRIAS DA TERTÚLIA ROMÂNTICA

5.1 LEMBRANÇAS E NARRATIVAS DE EX- ALUNOS²¹

A apreensão de algo tão abstrato e fugidio quanto a memória, do ponto de vista do pesquisador, só se torna palpável diante dos textos e imagens postados no *blog* desse estudo. Aí pode-se perceber como as sensibilidades provocam os sentidos de humanidade e vida, de convívio e lembranças. Portanto, esta análise seguirá alguns eixos de percepção dos depoimentos que se procurou capturar:

1. memória: de si, do grupo, do espaço e da temporalidade;
2. indícios de algum reflexo na atualidade: escolaridade, profissão e associação a lembranças;
3. avaliações espontâneas: acontecimentos e repercussões, registros do cotidiano escolar, vivência da experiência interdisciplinar.

A leitura e destaques destes eixos nas postagens dos alunos e professores foram realizados conforme a seguinte sequência: interpretação da manifestação de cada sujeito-aluno relacionando-as posteriormente ao grupo e procurando formar um sentido mais amplo da memória em estudo.

²¹ Todos os depoimentos, fotos e vídeos foram postados pela pesquisadora Marta Ivone G. da Silva, no *blog* mostrado no endereço <http://memoriatertulianacmpa.blogspot.com.br/com>, consentidos pelos autores.



FIGURA 9 – Conjunto de fotos de diferentes Tertúlias (1999-2008).
Fonte: acervo professora Eva Esperança Guterres Alves.

Depoimentos de ex-alunos:

Sarau de 1999:

Maria Cristina Ramos, concluiu o terceiro grau na área de publicidade e propaganda e atua como produtora de eventos. Sem dúvida, essa é uma área que mobiliza capacidades formadas precocemente no campo do interesse artístico e literário. Entre os acontecimentos da Tertúlia que lembra, disse que: “um colega, vestido de índio forte apache, apareceu para representar um *índio brasileiro*”. Eis uma ótima capacidade de distinção sobre o pertencimento cultural de uma iconografia e de uma indumentária. Ainda segundo a aluna, a professora Eva reclamou e uma discussão sobre as diferentes culturas se processou a partir daquele episódio.

A aluna reconhece a possibilidade de estarem entrecruzados o bom humor e a aprendizagem, identificando também a interdisciplinaridade, quando destaca que vivenciou atividades do século XIX como “teatro, poesia, música e culinária” (**Maria Cristina**, postado em 28/06/2012)

Tertúlia de 2000:

Grasiela do Nascimento Duarte é formada em jornalismo e percebe-se que a sua participação, bem como a pesquisa histórica muito tem auxiliado em sua profissão que, pertencendo à área humanística, abastece-se também de conhecimentos e informações, além de sensibilidades, precocemente adquiridos e desenvolvidos. A ex-aluna afirma que:

“Com certeza, o estudo histórico para a representação atrelado às noções de interpretação foram especiais e me ajudam até hoje. Sou formada em jornalismo e trabalho como repórter da editoria de Rural do Jornal Correio do Povo. Os fatos históricos são o meu dia a dia e saber compor as histórias também” (**Grasiela**, postado em 15/06/2012).

Deve-se compreender que esses momentos que marcaram a vida de uma então adolescente, vieram a se tornar parte da base de uma profissional agora madura que soube testemunhar e mesmo expressar sua gratidão pela densidade dos momentos vivenciados na experiência tertuliana. Essas experiências contribuíram para o desenvolvimento de uma percepção interdisciplinar da história e da literatura capazes de fazer frente à vocação de cuja formação técnica associa-se frequentemente ao Colégio Militar.

Bruno Etchichury Neves relata da novidade que foi a Tertúlia, afirmando que: “Tudo que é novidade motiva ao aluno e foi com este espírito revigorado que meu grupo encarou a atividade”.

Da encenação, do trabalho em grupo, da motivação dos colegas, ao gosto pela leitura. pelas palavras do aluno percebe-se que o envolvimento de todos e a atividade inovadora tornaram-no um profissional mais exigente, perceptivo e preocupado com o aprendizado do educando:

Sinceramente nunca fui um aluno adepto às leituras, lia somente porque tinha que ler; mas o fato de você encarnar o personagem e vivenciar a história com os amigos foram primordiais para despertar o interesse pela leitura naquele momento. Hoje, como professor, na mesma Instituição em que me formei no 2º grau, CMPA, procuro inovar a todo momento minhas aulas, fazendo com que o aluno se interesse e participe com vontade das

aulas práticas, exatamente o que aconteceu em 2000. Aprendi na Tertúlia Romântica que se o professor conseguir motivar o aluno com atividades prazerosas e interessantes, os resultados poderão ser surpreendentes. (**Bruno**, postado em 25/06/2012).

Tertúlia de 2001:

Diego R. C. Mroninski, atualmente publicitário, relata que sua participação inicial seria como figurante, mas que se sentiu “chamado” para ser o Capitão Rodrigo, revelando o surgimento emotivo de uma vocação ou inclinação que jamais se manifestaria em um contexto de atividades regulares do currículo tradicional.

Ao olhar para trás, agora com a visão sofisticada pela formação de um moderno publicitário, ele percebe que essa experiência fez com que se conhecesse melhor, tomasse consciência de seus limites e habilidades. “Ali, naquele palco, acabei me conhecendo um pouco mais, aprendendo a me soltar mais, a trabalhar a timidez frente ao público, ao medo e a encarar os desafios”.

Percebem-se, no depoimento que segue, as lembranças que marcaram o dia da apresentação, o frio que fazia, a chuva caindo lá fora, as roupas frias e o que mais lembra era das botas do Capitão Rodrigo. Vejamos o que ele recorda a respeito da fala do seu famoso personagem, que acentua importantes elementos dialetos do regionalismo gaúcho:

No dia da apresentação lembro que estava frio e chovendo e as minhas roupas era um pouco frias... usava uma bota feita de couro, aquela em que um pedaço de couro era enrolado no pé/perna apenas, ficando os dedos e o calcanhar de fora... algumas falas até hoje me acompanham, como: "Buenas e me espalho! Nos magros dou de plancha, nos gordos dou de talho! (**Diego**, postado em 09/06/2012).

Camila S. Toledo Pereira é graduada em Comunicação e faz Mestrado em Administração. Em sua memória transcrita no depoimento, acentua o elemento lúdico do evento - uma importante fonte de fixação de experiências:

A arte da época explorada pela temática da tertúlia me parece ser matéria marcante para a construção do conhecimento no Ensino Médio, e por isso o contato me soa extremamente de bom gosto e importante que tenha sido apresentada dessa forma. Não imaginava quem era Chiquinha Gonzaga até então... Posteriormente, estudando música, vi que eu já tinha me

aproximado de uma construção artística importantíssima, que foi esta prática cultural.

Há também a memória dos incidentes, dos acontecimentos imprevistos e das decepções, encaradas com grande seriedade, pois também ocorrem em momentos importantes considerados cruciais para um contexto de expectativa e mesmo de avaliação que estimula algum tipo de competitividade pela excelência do bom desempenho.

Frequentemente, a tecnologia é a responsável por esses malogros, pois nem sempre ela trabalha a favor dos grupos. Ocorrências dessa natureza são capazes de deixar verdadeiros traumas na memória dos grupos que assim são obrigados a lidarem com fracasso e com a dimensão de perfeição de suas próprias expectativas, reforçando o caráter educativo do evento. Vejamos como isso chegou a provocar até uma visão aflitiva de todo o trabalho apresentado:

Minha turma ficou com a responsabilidade de coreografar uma apresentação de Maxixe, que teria sido linda e supercaracterizada se a Fita Cassete tivesse funcionado! Posteriormente, estudando música, vi que eu já tinha me aproximado de uma construção artística importantíssima, que foi esta prática cultural. (**Camila**, postado em 09/06/2012)

Ricardo Vargas, atualmente, é 1º tenente da Cavalaria e reconhece que: “Estas representações nos transportavam para o século XIX uma época que, para nós, alunos, era longínqua, mas tão próxima ao vivenciar e curtir.” (Ricardo, postado em 09/06/2012).

Nesse depoimento, percebe-se a importância de viver uma experiência para torná-la mais próxima e, por que não dizer, real, a fim de ser possível “curtir”. Nota-se também que a profissão militar, no depoimento de Ricardo, o induz a compreender a atividade a partir de uma ótica de seriedade que tenta desvinculá-la da descontração lúdica do mundo civil.

Priscila Leiria de Moura da Silva, atualmente, é advogada, nos conta sua compreensão da história gaúcha, marcada pela vivência restaurada nos personagens inseridos em situações dramáticas:

Pessoalmente, foi uma fase muito enriquecedora porque me permitiu “vivenciar” um dos livros que mais me fascinou. Pude compreender a dimensão que a atitude dos personagens teve naquela época, bem como aprofundar meus conhecimentos a respeito da história do Rio Grande do Sul.

As lembranças a levam para os momentos da interação, para o envolvimento entre as disciplinas de História e Literatura. “Lembro que foi um período de muita interação entre os alunos porque envolvia as disciplinas de literatura e história”. É, ainda, muito importante destacar o uso da palavra *trama* pela aluna, que também evidencia como marca de memória o cultivo de uma grande atenção à formação dos processos narrativos, algo que está presente tanto na história como na literatura, ambas organizadas pelo ato de contar, sejam fatos, sejam ficções.

A colaboração de todos era importante e agora, com uma visão já adulta, ela percebe o quanto as características individuais eram importantes para o desenvolvimento do trabalho, avaliando retrospectivamente que as horas a mais dedicadas no CMPA foram gratificantes, além de importantes e obrigatórias, para o andamento do trabalho:

Recordo que o assunto “Tertúlia Romântica” ultrapassava os períodos das aulas e que, muitas vezes, ficávamos à tarde no CMPA conversando com as Profas. Eva e Helena para desenvolver melhorias nas apresentações. O interessante foi perceber que cada aluno poderia, com suas características pessoais, contribuir para o andamento do projeto fosse no palco ou fora dele. Acredito que isso fez com que todos vivenciassem não só a Tertúlia em si, mas, principalmente, tivessem a percepção do que era a “visão do homem no tempo, no espaço e no ambiente no século XIX”.

A aluna conclui dizendo que:

“A Tertúlia poderia ter sido apenas um trabalho entre duas disciplinas escolares, todavia, foi um presente dado pelo CMPA que deixou aprendizados, lembranças e vivências a todos aqueles que tiveram a oportunidade de dela participar.” (**Priscila**, postado em 28/05/2012)

Uma declaração como essa, que eleva a atividade à condição de “presente”, demonstra como as atividades inovadoras podem fazer a diferença na prática do aprendizado escolar e podem se tornar referências para a vida adulta,

estabelecendo um vínculo afetivo de gratidão e reverência dos alunos à Instituição da qual fizeram parte e com a qual continuam a se identificar com grande orgulho e intensidade na condição de ex-alunos.

Daniela Dutra, professora de teatro do Colégio João XXIII e atriz no seu depoimento:

Lembro que estava no grupo que dançaria maxixe, ao som de "Atraente", música da Chiquinha Gonzaga. A Camila Pereira fazia o papel da Chiquinha e nós dançaríamos lindamente a coreografia que nós criamos - com a ajuda de uma professora de dança, se não me engano. No dia da apresentação, o som não funcionou e nós não dançamos, uma grande frustração para todos que faziam parte do grupo!

Nota-se a importância dessa memória: ela é a lembrança de uma expectativa, não de um evento, ela permaneceu no campo dos preparativos e do ensaio. E mesmo assim foi guardada como uma relíquia que envolveu dedicação e disciplina para o desenvolvimento de uma coreografia que, por razões técnicas, não pôde ser apresentada ao cabo. Isso é crucial, pois nem todas as memórias são de sucessos e êxitos. Há também a memória do malogro e da dificuldade, que agora, filtradas pela condição da vida adulta, podem ser assimiladas e compreendidas como experiências igualmente válidas, capazes de moldar as personalidades e mesmo assim de fixarem e despertarem habilidades essenciais, sobretudo no caso de uma atriz.

É muito conveniente ainda ressaltar a sua afirmação: “A experiência foi bem importante, aprender a lidar com a frustração é essencial. E, no fim, o que ficou marcado na memória foram os ensaios e as pesquisas feitas para que construíssemos juntos nossa performance..” (Daniela, postado em 28/05/2012)

Além do aspecto técnico, uma lição ética foi tirada do evento, algo que transcende o ensino, já entra no campo da educação e da formação de valores e de condições psicológicas para o enfrentamento da vida em sociedade na fase adulta.

Apesar da frustração, o saber lidar com ela serviu como aprendizado para a vida, na fase atual percebe-se a importância de alguns pequenos contratempos servirem como experiência positiva e como trabalhar em equipe foi importante para a construção da performance.

Alexandra Peccin, atualmente advogada conta que o fato de ter estado no colégio “antes de o sol raiar e felizes” demonstra a relevância que teve a atividade

pelo grupo enfrentando com grande seriedade. A caracterização da personagem é também muito importante, fato que marcou muito na época pelo cuidado de seu figurino e pesquisa de indumentária.

Lá estávamos todos, às 5h da manhã, antes de o sol raiar, felizes, faceiros e ansiosos para o grande dia da apresentação. Consegui um vestido “de época” emprestado com uma prima, encaracolei as pontas dos cabelos e me maquiei. (**Alexandra**, postado em 23/05/2012).

Tertúlia de 2002:

Anelise Santos, hoje publicitária, revela nas suas lembranças um misto de sentimentos de orgulho (pelo pertencimento a um grupo digno de ser recordado) e alegria (pela participação bem sucedida): “O sentimento era um misto de orgulho por fazer parte dessa história representando umas das grandes obras da literatura brasileira, misturada com a alegria de colocar em prática um dos meus grandes *hobbies*, o teatro, o qual, por falta de tempo, não consegui levar a diante na vida”.

Me sinto muito feliz em fazer parte dessa história e de poder reviver, mesmo que por um momento na lembrança, um período tão saudoso e bonito da minha vida. Muito obrigada, Colégio Militar, pela oportunidade e em especial aos professores que tornaram a Tertúlia Romântica um evento tão prestigiado e especial.

A certeza de que todas essas experiências ajudaram na formação de seu caráter: “Ao olhar para trás, sinto muito orgulho por saber que todas essas experiência ajudaram a constituir meu caráter e também a ter perseverança e determinação em um mercado de trabalho tão tumultuado” (**Anelise**, postado em 11/06/2012).

Ítalo Passuelo, hoje advogado, afirma que, “Enquanto a Hora da Arte possibilitava a cada aluno ou grupo de alunos criar independentemente, a Tertúlia teve um efeito de integração.”

A importância do grupo e de sua interatividade na concretização do trabalho aparece aí com grande clareza, enfatizando o elemento cooperativo e o espírito de grupo do qual dependia o sucesso de todos e de cada um, além da apreensão que havia nos bastidores pelo desempenho individual e grupal: “Recordo que houve uma resistência natural no início, pelo fato de os temas estarem predeterminados, mas a

variedade de papéis a serem interpretados deu a todos uma oportunidade de contribuir com seus melhores talentos”.

O ex-aluno lembra-se da importância do trabalho em equipe para a realização das tarefas:

Atuei na área dos bastidores (grupo de apoio) movendo cenários nos intervalos entre as apresentações, junto com o colega Ariel Copetti. O que realmente marcou no evento foi o esforço conjunto da turma para compor as apresentações.

Observa-se o carinho ao lembrar-se da participação dos colegas nos papéis principais e de sua participação como espectador privilegiado:

Dos bastidores, assisti em primeira mão a todos os ensaios e performances. Minha própria participação foi muito mais como espectador privilegiado, pois vi de perto a preparação de todos os meus colegas sem ter me envolvido especificamente em nenhuma peça. Marcaram, especialmente, as atuações dos colegas Diego Mroninski, esbanjando carisma na pele do Capitão Rodrigo, Fairuz Castro, no papel de Ana Terra, e Fabiana Raimundo, atuando como Bibiana (**Ítalo**, postado em 28/05/2012).

Tertúlia de 2003:

Rodrigo Ruperti Esteves, atualmente bancário e cursando Administração, conta que participou da Tertúlia Romântica no ano de 2003 no CMPA e sua apresentação consistia em ser figurante. “Dancei valsa na cena do Sarau na obra *Senhora*” (José de Alencar). Sempre gostei da arte em todos os aspectos e as melhores lembranças que guardo do colégio estão relacionadas à Hora da Arte e à própria Tertúlia.

A importância desse trabalho como facilitador de aprendizado e do envolvimento de todos ficou marcado em suas memórias como vemos:

“Este evento retratando a cultura e os costumes do século XIX acabou por envolver a todos, facilitou meu aprendizado com as leituras dos clássicos da literatura e da história e foi parte importante para nosso crescimento pessoal, intelectual e profissional”. “Enfim, foi uma experiência única e definitivamente marcante em minha passagem pelo velho casarão” (**Rodrigo**, postado em 30/06/2012).

Tertúlia de 2004:

Carolina Borques, atualmente cursando medicina, conta que sua participação na Tertúlia fez com que tivesse mais gosto pela leitura e pela história do estado.

Verificam-se nesse seu depoimento as marcas positivas deixadas pela interdisciplinaridade no despertar de um interesse pela leitura, ao acompanhar o desenvolvimento de uma trama longa e complexa, como a da trilogia *O Tempo e o Vento*:

A participação no evento me fez ter mais gosto de ler a história do meu estado, me fez ir além da leitura obrigatória, me fez querer saber como acontecia depois de *O Continente*. Foi a apresentação da personagem que sequer lembro o nome, que me fez ter vontade de não parar em um livro, mas apreciar todo *O Tempo e o Vento*.

Além disso, o contato com as mulheres de “*O Continente*” fez com que ela desenvolvesse certo orgulho de ser gaúcha, pois percebeu nelas a grandeza e a força que as caracterizam.

Foi algo bastante marcante ter que parar pra pensar como as mulheres gaúchas, como um todo, foram fortes, como foram capazes de perder seus homens em guerra e seguir adiante, como foram obrigadas a se tornarem matriarcas e dominar suas casas. Essa personagem me motivou de alguma forma a ter um orgulho de ser uma mulher gaúcha por ter, na minha história, mulheres fortes que superaram as piores coisas.

Ademais, a participação no evento fez com que ela desenvolvesse outro olhar para a realidade das mulheres sozinhas que perderam marido e filhos, fez com que tivesse vontade de ir além de saber mais, de saber o que aconteceria depois. O elemento ético e afetivo, a capacidade de consternação e piedade, mostrou-se como um elemento capaz de formar memórias muito vivas e intensas, além da própria capacidade de representar o lugar do outro na sociedade, percebendo as diferenças e fragilidades da sua condição:

Lembro que extraclasse havia oficina de teatro, passei o texto muitas vezes até achar o tom certo de quem deveria ser minha senhora. O professor me fez lembrar que ela era uma mulher sozinha, que perdera marido e filho na guerra. Foi infinitamente mais fácil perceber o quão triste e arrastada deveria ser a conversa, perceber o quanto ela gostaria de conversar com

alguém por estar tanto tempo sozinha. A participação no evento me fez ter mais gosto de ler a história do meu estado, me fez ir além da leitura obrigatória, me fez querer saber como acontecia depois de *O Continente* (**Carolina**, postado em 15/06/2012).

Carla Souza, atualmente Fisioterapeuta, lembra com carinho a sua participação na Tertúlia de 2004. São suas as palavras: “Foi um momento impar. Emocionante, como tantos momentos vividos no CMPA. Acho que o incentivo dado pela Professora foi importantíssimo, me fez descobrir um lado oradora que desconhecia” (**Carla**, postado em 20/04/2012).

Carla reconhece a oportunidade que teve na participação do evento e a descoberta de sua desenvoltura no palco como oradora.

Tertúlia de 2005:

Jarbas Alfeu de Paula Júnior, Militar do Exército - 2º Tenente de Cavalaria conta que dançou “o galope”, dança muito praticada na alta sociedade da corte, e descreve que:

Como cadete ainda da Academia Militar das Agulhas Negras vi a importância de atividades como essa nos diversos debates, palestras as quais tive que ministrar na própria instrução militar, na cadeira de Oratória que faz parte do currículo e nas atividades culturais acadêmicas, nas quais por diversas vezes me destaquei e não encontrei nenhuma dificuldade em desenvolver. Foi uma experiência marcante, que até hoje relembramos nos encontros de turma, é um marco no próprio Colégio Militar de Porto Alegre.

A partir disso, verifica-se como uma atividade interdisciplinar continua trazer benefícios na fase adulta desse jovem e ele continua dizendo:

A atividade traz um gosto especial pela busca mais profunda dos detalhes e por conseguinte acabamos entrando no mundo dos personagens, passando então a realmente vivenciar a época, a situação política, econômica, os costumes, e numa atividade cultural escolar acabamos compreendendo um contexto muito amplo, um envolvimento histórico, literário e artístico (**Jarbas**, postado em 23/05/2012).

O aprimoramento da desenvoltura pública e da retórica foi, aqui, uma memória percebida como a aquisição precoce de uma importante habilidade, algo que operou mesmo como um diferencial na própria carreira militar do aluno que se seguiu, e com grande sucesso.

Bruna Brasil Carneiro, hoje estudante de medicina, lembra com carinho e saudade pelos seus versos poéticos os momentos vividos antes, durante e depois das apresentações no Palco do salão Brasil.

“Desde a preparação, aos ensaios, do medo de esquecer o texto, a plateia entusiasmada e, como num sonho, tudo termina... as luzes se apagavam e os aplausos ecoavam” (**Bruna** postado 25/04/2012).

Essa foi a lembrança da ex-aluna que atuou na peça baseada na obra “A Moreninha” de Joaquim Manuel de Macedo.

Tertúlia de 2006:

Leonel Madeira Motta Mattos, atualmente na AMAN, demonstra, com seu depoimento, que as atividades foram muito além da sala de aula e, sendo lembrado com carinho pelo aluno, reforça a importância que isso teve na época e no momento atual. Houve mesmo um genuíno interesse antropológico pela reconstrução fidedigna das etnias indígenas presentes em “O Guarani”

Sem dúvida foram momentos inesquecíveis. Lembro-me bem do contexto em que apareci em cena, pois eu seria o índio, pai de Iracema. Em determinado momento, teria ainda de declamar "o Canto do Piaga", de Gonçalves Dias. A preparação para isso foi intensa: figurino, texto, postura da personagem... Chegamos inclusive a visitar uma feira na PUC, em que havia uma exposição da tribo Fulni_Ô, para que pudéssemos adquirir materiais, como cocares e chocalhos, e também aperfeiçoar as atitudes de nossas personagens. Lembro, nesse dia, da Professora Eva tentando convencer os índios a nos ensinarem algumas danças, e conseguindo, naturalmente.

E ainda revela um fato insólito durante sua apresentação:

“No dia da apresentação, por baixo do saiote de índio, eu vestia uma sunga preta. Logo após a declamação, todos que representavam índios entrariam em cena, e se realizaria a dança aprendida com os Fulni_Ô, durante a qual eu deveria, por alguns (longos) instantes ficar de costas para a plateia. Por um azar do destino, o saiote que eu vestia se desfez justo na parte traseira,

logo antes de a cena começar. Não precisaria nem dizer que, por muito tempo, após a Tertúlia, ouvi os mesmos comentários sobre minhas nádegas (ainda que de sunga) expostas para a plateia” (**Leonel**, postado em 28/05/2012).

Tertúlia de 2007:

Silvia, Douglas e Tarso, cujos relatos seguem abaixo, participaram do mesmo quadro do evento “Brasileirinhos”. No teatro, representaram os personagens da “Lenda Nossa Senhora das Dores”, percebeu-se, então, em seus depoimentos, a importância da convivência, a descoberta de novos amigos e os desafios que foram encarados e superados.

Silvia de Andrade Neves Dias Brites, atualmente acadêmica de Psicologia na UFRGS, diz ter ótimas recordações da Tertúlia. “A Menina do Vestido Azul” nos relata como foi interpretar seus personagens da meiga Ceci, a perversa Corina:

Para ser sincera, tanto o personagem da perversa Corina quanto o da meiga Ceci foram importantes pra mim, e não tive preferência, pois cada uma representava uma personalidade, e foi um prazer interpretar uma vilã e uma mocinha. No entanto, percebi que, para o público, a Corina foi mais marcante. Algumas pessoas que eu nem conhecia, ou com quem pouco falava me chamaram de “ruim”, dizendo que eu deveria ter sido castigada. Essa personagem estava inserida no cenário da construção da Igreja Nossa Senhora das Dores.

A maldosa mulher aproveitou-se de um amigo, Rafael, o qual estava perdidamente apaixonado por ela. Assim, em certa ocasião, Corina fez um pedido que não seria fácil de ser atendido:

“Rafael, se tu me amas, traze-me o colar que está na imagem de Nossa Senhora das Dores!” (**Silvia**, postado em 30/06/2012)

As interpretações das diferentes personagens da ex-aluna exigiram performances de ousadia, segurança e firmeza no seu desempenho desafiador de atriz.

Douglas Maya Flores, cadete do 3º ano da Academia Militar das Agulhas Negras da Arma de Artilharia, ao revelar suas lembranças, percebe o fator de integração que a Tertúlia promoveu, dissolvendo a timidez e os agrupamentos que naturalmente se formam em qualquer meio escolar.

Ele conclui dizendo: “Creio que a Tertúlia me ajudou a ser mais desinibido perante meus superiores e meus subordinados, além de aumentar minha capacidade de expressão e de agir diante de um público relativamente numeroso”.

Participei da Tertúlia Os Brasileirinhos” em duas partes: a primeira foi para cantar a música "Tertúlia", do grupo musical Os Serranos, juntamente com mais três colegas; a segunda aparição, que foi a mais marcante, foi como o escravo que tinha a missão de pintar a Igreja Nossa Senhora das Dores e que foi enforcado após uma injusta acusação de roubo. De tanto que ensaiei, lembro-me até hoje da minha principal fala na cena: "Morro porque sou um escravo, mas sou inocente e a prova disso é que as torres da Igreja da Nossa Senhora das Dores nunca serão terminadas!"

Foi uma experiência altamente proveitosa por três principais motivos: o primeiro foi conviver com companheiros de turma com os quais eu nunca havia conversado antes; o segundo foi aprimorar minha capacidade de expressão, uma vez que eu já havia me apresentado em público naquele ano. Foi no dia das mães interpretando o guarda municipal no "Y.M.C.A", música do Village People. Já o terceiro e último motivo é o contato diferenciado parte da matéria escolar, fato que motiva o discente a aprender à medida que desperta a sua curiosidade e o seu envolvimento com a cultura e com a arte (**Douglas**, postado em 09/06/2012).

Tarso Souza Martins, atualmente cursando Engenharia Metalúrgica na UFRGS - 7º semestre, diz que:

A Tertúlia propiciou um contato estreito com esse mundo mágico do teatro, viver a atmosfera que se cria em volta de toda a produção, viver o nervosismo da responsabilidade, e principalmente, na minha, viver um pedaço da vida daquele personagem que se está interpretando.

Para ele a Tertúlia representou exatamente como a vida deve ser, com seus desafios, seus imprevistos e suas superações:

Enfim, acho que a Tertúlia Romântica foi exatamente como deve ser a vida: qualquer desafio que lhe for dado por mais excêntrico que lhe possa parecer - como interpretar um padre da Porto Alegre antiga do séc. XIX - pode ser superado, com trabalho, com treino, com pesquisa, etc., mesmo que alguns imprevistos apareçam pelo meio do caminho (Tarso, postado em 28/05/2012).

E, como não poderia deixar de ser, também durante essa apresentação muitos imprevistos tiveram de ser vencidos: “E talvez - assim esperamos, pelo menos - o público não tenha notado também os vários imprevistos que aconteceram

durante a apresentação que precisaram de acrobacias para ser superados. Tudo parte do show.”

Lucas Piloti Menegon, Cadete da Academia Militar de Agulhas Negras. Para o ex-aluno a importância do trabalho interdisciplinar ultrapassou os muros do Colégio Militar, pois no ano de 2007 participou da apresentação da peça “O Judas em Sábado de Aleluia”, em que interpretou Faustino (um funcionário público que se mostrava apaixonado por um lado, mas mulhereço por outro, e que se envolveu em algumas tramas para conseguir encontrar o amor). Faustino até de Judas se fantasiou para tentar salvar sua pele.

Esta peça foi o ponto alto da minha Tertúlia e nossa aceitação foi tão grande que conseguimos nos apresentar na Feira do Livro de Porto Alegre naquele mesmo ano e devido àquela apresentação também fui convidado para fazer uma peça em comemoração ao aniversário da AACV no final do ano.

O trabalho em conjunto também é lembrado por ele com carinho e como forma de união:

Foi um momento de muito trabalho, mas, com certeza, muito proveitoso, pois nos ajudou a desenvolver nossa desenvoltura oral, a perder o medo do palco, nos trouxe confiança e aumentou ainda mais a união da nossa turma naquele ano (Lucas, postado em 24/06/2012).

Tertúlia de 2008:

Sara Carra, atualmente cursa Literatura na UFRGS, e nota-se que aqui ela já procede a uma análise bastante sofisticada, guiada por elementos de teoria literária, preocupada com a classificação das escolas literárias que compareceram à edição do evento do qual participou. Vejamos o que ela diz ao notar uma diferença entre Romantismo e Realismo: “Um detalhe que eu achei interessante foi: apesar de a Tertúlia ser Romântica, naquele ano, o Romantismo e o Realismo se misturaram. Lembra ainda que nem tudo foi maravilhoso na ocasião pois:

Uma coisa que me chateou um pouco foi a grande falta de organização, a peça seria apresentada com microfones e só tivemos acesso a eles na véspera, todos com problemas. Lembro que, no meio da apresentação, o

meu caiu, foi com grande esforço que o ignorei. Por ter feito cursos de teatro várias vezes desde os meus nove anos, nenhum deles necessitando de microfones e muitas vezes, com grande plateia, o uso deles só me atrapalhou, pedi que me permitissem fazer sem, mas, embora, como fiquei sabendo mais tarde, não tivesse para todos, não me permitiram (**Sara**, postado em 21/04/2012).

Verifica-se que ela soube superar um obstáculo técnico, trazendo sua experiência como alguém já familiarizado com o teatro para a vivência da sua personagem. Na própria avaliação, ela já utilizava, como critério, a célebre personagem de Machado de Assis: “Nunca me esqueço que a primeira coisa que pensei com isso foi: relaxa, pensa que é uma Capitu mais moderna.”

A seguir uma amostragem, na figura abaixo, de alguns aspectos relevantes salientados, entre outros, pelos ex-alunos em seus depoimentos no *blog*.



Figura 10 – Memória dos ex-alunos: aspectos relevantes salientados pelos ex-alunos.
Fonte: Autoria própria, 2012.

5.2 LEMBRANÇAS E AS REFLEXÕES DOS DOCENTES²²

Para que essa pesquisa se complete, é importante resgatar a memória da experiência Tertuliana retida pelo corpo docente no seu fazer pedagógico. Os professores, na medida em que discutiam o planejamento pedagógico e a idealização do evento, conseguiram por meio de diálogo, mostrar para seus alunos a importância daquela atividade interdisciplinar que até então representava uma nova ação para o cotidiano tradicional dos ensinamentos disciplinares dos conteúdos. E, talvez, mesmo nenhum dos envolvidos pudesse saber ou estimar na época o quanto essa experiência iria se arraigar nas lembranças de todos os que participaram dos seus episódios.



FIGURA 11 – Tertúlia 2008 – Cem anos de Machado.
Fonte: Acervo professora Eva Esperança Guterres Alves.

Para as professoras de História e de Literatura que se envolveram nessa prática interdisciplinar, muitas lembranças demonstram que havia uma incerteza em

²² Todos os depoimentos, fotos e vídeos foram postados pela pesquisadora Marta Ivone G. da Silva, no *blog* mostrado no endereço <http://memoriatertulianacmpa.blogspot.com.br/com> e concedidos pelos autores.

relação à expectativa e à novidade dessa proposta, entretanto, a perspectiva era otimista. A professora Patrícia Rodrigues Augusto Carra (professora de História) lembra que:

Era um projeto onde alunos e professores se envolviam ao máximo. Quando a Tertúlia era apresentada a gente nem acreditava que toda aquela construção que, por vezes, parecia confusa se encaixava e tudo era tão belo. Os talentos eram revelados na medida em que se programava e se compunha textos e cenários: “Alunos e alunas revelando talentos, demonstrando um pouco o muito que apareceu durante o processo de escolha dos quadros, dos textos, dos figurinos, ensaios e construção de cenários.

Isso demonstra não só um otimismo, mas uma satisfação elevada com o nível de alcance dos objetivos propostos. Aliás, como afirma Ivani Fazenda:

É necessário despojar-se de preconceitos, questionar os valores arraigados no consciente e transcender à busca do ser maior que está dentro de nós mesmos. É sentir-se livre para poder falar e, principalmente ouvir. Ouvir você e o outro. É assim que concebo o ato de educar. É assim que entendo o educador interdisciplinar. (1994, p. 77)

Ainda pelo depoimento da professora Patrícia, verifica-se que o entrosamento entre professores e alunos, e alunos com eles próprios, produziam uma situação na qual os papéis do educador e do educando se alternavam de uma maneira muito harmônica, invertendo o protagonismo docente da tradição conteudista, de modo que não se percebia quem estava ensinando a quem. Em suas palavras:

As cenas das inúmeras discussões sobre temas relacionados ao humano e do fazer em grupo. Também não eram retratados os momentos do ensinar e aprender entre pares, do espanto discente em se flagrar ensinando professoras e das surpresas reveladas nos talentos escondidos/ não sabidos de alunos e alunas.

De fato, a perspectiva interdisciplinar da Tertúlia representou um arrojo que, longe de enfrentar ou contrariar, buscava compensar e enriquecer a perspectiva do ensino tradicional, ao suscitar outras dimensões da experiência pedagógica em sala de aula.

Esse projeto trazia à presença de todos o lúdico, a fantasia, o exercício do simbólico, e daquele terreno de experiências mais confuso, aquele hiato que não pertence especificamente a nenhuma disciplina ou matéria, algo que se resume nessa percepção do que era a Tertúlia Romântica para os envolvidos, trazida pela Professora Patrícia:

A Tertúlia era algo que os estudantes curtiam, brigavam por terem de fazer, reclamavam, organizavam-se para fazer o melhor, apresentavam soluções impensáveis e perfeitamente cabíveis, eram desafiados, criavam. Isso tudo junto e misturado. Era também uma espécie de rito. Todo segundo ano tinha a sua Tertúlia e depois dela os assuntos que passavam a ocupar o mundo eram os concursos para as Forças Armadas e a preparação para o vestibular. A Tertúlia era a possibilidade da fantasia, do aprender em um movimento diferente do habitual; e, talvez, por isso, tão reveladora e tão aparentemente confusa (Patrícia, postado em 14/07/2012).

Na realidade, esta atividade não apenas promovia a junção de duas disciplinas, mas pensava como poderiam ser abordados os conteúdos, a partir de diferentes visões, trazendo o olhar de cada disciplina para a solução de novas abordagens para a produção de conhecimentos. Segundo Fazenda, “A real interdisciplinaridade é antes de tudo uma questão de atitude; supõe uma postura única frente aos fatos a serem analisados, mas não significa que pretenda impor-se, desprezando suas particularidades” (Fazenda, 1996: 31).

O depoimento da Professora Maria Izabel da Silveira, Professora de Língua Portuguesa e Literatura no CMPA revela que:

“Ao ler alguns depoimentos e ver as fotos postadas no *blog*, revivi vários momentos bonitos das Tertúlias Românticas realizadas em nosso colégio. Senti muitas saudades também. Uma iniciativa brilhante da professora Helena Friedrich, de Literatura do 2º ano, em 1999, que, com a parceria da professora Eva Alves, de História, resultou em um belo trabalho que perdurou por 10 anos”.

Aqui, percebe-se, em seu depoimento, o elemento da *saudade*, expressão de uma falta, de uma ausência de algo tido como bom, agradável, positivo, prazeroso. Algo que diz claramente da necessidade de continuidade de um trabalho idealizado por duas professoras que foi amplamente aceito pelos demais membros do corpo docente.

Outro elemento fundamental é o destaque dado ao trabalho em equipe; a colaboração de todos que é sempre lembrada como um fato importante para o sucesso da Tertúlia Romântica:

Apesar de exigir um planejamento acurado e de muitas horas de dedicação, geralmente fora do nosso horário normal de trabalho, posso dizer que foi uma das atividades mais gratificantes que já tive oportunidade de realizar nesse colégio. Foi um exemplo de trabalho de equipe entre professores e alunos principalmente, embora houvesse colaboração de professores de teatro e de dança convidados para auxiliarem tecnicamente.

A interdisciplinaridade aí se revelava como um espaço de entrosamento e mesmo de cumplicidade, que ultrapassava a rígida marcação da carga horária das atividades em classe. As preocupações com a Tertúlia, com seu êxito e com sua qualidade, ocupavam horas vagas, intervalos, feriados e finais de semanas. .

Portanto, também foi marcante tanto para os alunos quanto para os professores envolvidos. Isso se percebe com o dizer da professora Izabel:

Além de fazer parte da memória histórico-cultural de nossa instituição, a Tertúlia foi antes de tudo a representação perfeita de uma aprendizagem integrada e interdisciplinar que mobilizava não só conhecimentos de História e de Literatura, mas também de Arte e de habilidades específicas de cada um dos participantes, tanto alunos como professores. Cada um procurava participar na atividade em que poderia expressar melhor suas habilidades. Assim os alunos se integravam em atividades como dramatização, declamação, dança e até na construção de cenários, por exemplo.

É também de grande relevância esclarecer que os temas escolhidos a cada ano diferenciavam-se e as apresentações, tendo por base, os assuntos selecionados, eram sempre renovados e originais, oportunizando novos conhecimentos e aprendizagem. Estavam também presentes nessa experiência Tertuliana uma saudável competição entre os grupos e mesmo entre os anos que se sucediam. E isso não passou despercebido do planejamento pedagógico dos professores, como podemos verificar na citação a seguir:

A cada ano, um tema básico era escolhido, resultando em apresentações diversificadas e enriquecedoras, sempre diferentes e atrativas. Obras românticas eram selecionadas e faziam-se roteiros das cenas fundamentais para a apresentação. Lembro-me de ter ensaiado os alunos para “O Guarani”, “Lucíola” e “A Dama das Camélias”, entre outras. Havia

representações de saraus, com apresentações de canto, música de piano e/ou violão, declamações, culminando com a esperada valsa. Era uma oportunidade ímpar para os alunos não só conhecerem teoricamente a obra literária do século XIX, mas principalmente por terem a vivência de um momento de nossa história, sentindo-se identificados por alguns momentos com aqueles personagens, com suas roupagens, cenários e linguagem tão diferentes dos atuais.

Contudo, é também indispensável estar atento ao funcionamento seletivo das memórias que aqui se narram, isto é, a tomada de depoimentos dos participantes docentes da experiência Tertuliana.

Novamente a memória individual, buscando o seu lugar em meio ao resgate no coletivo, mostra que muitos momentos são lembrados e que, em contrapartida, alguns ficam esquecidos, o que é bastante natural. Para ilustrar essas afirmações, a professora Maria Izabel fez um excelente balanço desse fenômeno da filtragem das memórias retidas e descartadas:

Há muitos momentos das Tertúlias que ficaram em minha memória, mas alguns se destacam mais, como “O Navio Negreiro” apresentado por alunos formando um navio, o quadro vivo de “A Liberdade conduzindo o povo” (lindo!), as meninas bordando a primeira bandeira do Brasil sentadas nas escadas do palco, Lord Byron declamando (em mais de uma Tertúlia).

Mas, afinal, como falar de lembranças, de memória sem resgatar as emoções que elas nos trazem? Nesse sentido, a fim de compreender a função das emoções na seleção das memórias, segue a transcrição do muito oportuno depoimento da professora:

A cada ano, a Tertúlia trazia novidades e mobilizava nossas emoções. Quero registrar que, antes de tudo, o que deve ter ficado para os alunos que dela participaram, assim como para nós, professores, não foi só uma oportunidade de aprender História, Literatura e Arte, mas principalmente um aprendizado a partir de experiências trocadas, vivenciadas, um aprendizado de vida, enfim. A meu ver, o que realmente importa para o ser humano é sua memória afetiva, o registro daquilo que tem um real significado, que vai perdurar ao longo de sua vida e vai emergir como um valor, como uma habilidade, como um aprendizado que pode ajudá-lo a direcionar sua vida em algum momento. Acredito que a Tertúlia tenha realizado brilhantemente esse papel, influenciando não só em decisões de carreiras para vários de nossos alunos como no aperfeiçoamento das relações humanas (Maria Izabel, postado em 10/07/2012).

A percepção de que se poderia efetivamente transcender a abordagem em geral abstrata e teórica das disciplinas, passando-se a algum nível mais vivencial também foi essencial para compreender o que poderia ser apreciado pelos professores que viam na Tertúlia uma experiência que lhe complementasse a abordagem tradicional.

Rosa Morsch, Professora de Literatura CMPA, revela que:

Entre as experiências que vivenciei, nas salas de aula do CMPA, no 2º ano do Ensino Médio, a mais significativa foi, sem dúvida, a realização da Tertúlia Romântica. Essa atividade oportunizou extrapolar os conteúdos teóricos, vivenciando no presente a realidade ficcional das obras literárias do Século XIX e oportunizando a expressão criativa de nossos alunos.

Reitera-se um pouco o que foi percebido como uma satisfação pelos professores: houve a oportunidade de extrapolar conteúdos teóricos, marcada pelo envolvimento, o entusiasmo e a participação efetiva dos alunos para além da mera retenção de conteúdos - preocupação constante dos professores de Literatura que não conseguem ver seus alunos partilharem empaticamente dos substratos emocionais e estéticos das obras que são objeto de seus estudos formais.

A partir disso, estava dado o caminho de como ensinar vivenciando. Ela conclui, então, afirmando que foi concretizado, pela Tertúlia Romântica, algo que muito se apregoa sobre a interdisciplinaridade. E o termo “concretizado” significa não só a passagem da teoria à prática - a saída da mera condição do aluno aprender - mas também de aprender a aprender. Com isso:

Sabemos que o distanciamento histórico dos autores desse período faz com que os alunos sintam-se pouco atraídos pela leitura dessas obras, não só pela linguagem com que se expressam aqueles escritores, mas também porque falta ao jovem estudante a maturidade necessária para se reportar ao passado e ver aquela realidade sob um outro olhar: crítico e contextualizado.

Ao solicitarmos a representação cênica dessas obras, associada ao contexto histórico-social, o aluno foi conduzido a pesquisar aspectos relacionados não só à Literatura, mas ainda à História, à Geografia e à Arte, entre outras. Isso lhe oportunizou, além do enriquecimento cultural, a satisfação e o prazer da aprendizagem ativa e participante.

Em nenhum outro momento realizou-se, nas salas do CMPA, um trabalho com tanto envolvimento, entusiasmo e participação efetiva de todos os alunos de uma série junto com seus professores, concretizando o que tanto se apregoa sobre a educação e seus objetivos: a interdisciplinaridade (Rosa, postado em 09/07/2012).

O depoimento da professora Helena Friedrich revela que o primeiro Sarau surgiu justamente a partir do prazer em declamar versos de diversos poetas românticos apresentado por algumas meninas. Isso demonstra que a Tertúlia Romântica idealizada no CMPA talvez tenha se constituído pela sensibilidade dos professores que notaram as habilidades trazidas por alunos de vivências extracurriculares. Eis o que relembra a professora:

A receptividade foi tão boa, o interesse foi tão grande, que acabei juntando todas as turmas de segundo ano, e, após, convidando a professora Eva para unir-se a nós, num trabalho interdisciplinar de Literatura e História. Assim nasceu o "primeiro Sarau" já no ano seguinte, o evento recebeu o nome de Tertúlia Romântica. O seguimento todos conhecem (Helena, postado em 04/07/2012).

Do imaginário e da sensibilidade das duas professoras, Helena e Eva até a concretização do sonho de pôr em prática a interdisciplinaridade, tão comentada e tão pouco explorada, a proposta deste trabalho foi tornar materializável e visível a integração entre a História e a Literatura na prática.

Passou-se a dialogar com as disciplinas no cotidiano pedagógico do CMPA, sem, no entanto, romper com a tradição exigida, preocupando-se em enriquecê-la e complementá-la. Nesse sentido:

A Tertúlia consistiu numa alternativa inovadora de produção cultural no cotidiano escolar. Nossos alunos estavam estudando História e Literatura, entrando em contato com fatos históricos e com obras importantes da nossa tradição literária, e ler, selecionar, escrever, representar, interpretar esses fatos e essas obras em vez de simplesmente estudá-las parecia-nos não apenas alternativa inovadora, mas também mais atraente, oferecendo possibilidades de grande sucesso na aprendizagem. Hoje, lendo os depoimentos de nossos ex-alunos, posso concluir que, realmente, essa aprendizagem foi alcançada e bastante valorizada (Helena, postado em 04/07/2012).

Já a Professora Ione Vinhais, inicia seu depoimento dizendo:

Lembro com carinho das muitas manhãs e tardes que passávamos envolvidos com a elaboração de textos, pesquisa de indumentárias e de cenários, declamações, cantos, danças, representações teatrais. As discussões, o "eterno" refazer de quadros, o grupo de apoio, tudo na busca da representação da sociedade do século XIX, entrecruzando os conhecimentos literários, históricos, artísticos e culturais.

A partir da sua fala, lone revela que, em todo esse trabalho prazeroso de pesquisa de cenários e de discussões, ela encontrava o apoio técnico de profissionais especializados - parte fundamental na reconstrução da memória da Tertúlia:

Os períodos romântico e realista do século XIX tinham seus textos lidos e interpretados relacionados ao contexto histórico de sua produção, destacando-se entre outros, a vinda da família real para o Brasil, início da atividade editorial, Proclamação da independência do Brasil, as revoltas populares, a luta pelo fim da escravidão e, na Europa, a primeira Revolução Industrial, a Revolução Francesa, as mudanças trazidas para a ciência pela teoria da evolução. O índio era representado de acordo com a sua representação nas obras literárias, mas, ao mesmo tempo, discutia-se o processo de aculturação e proporcionava-se o contato com o indígena atual que trabalha nas ruas de Porto Alegre (lone, postado em 15/07/2012).

Percebe-se, nesse depoimento, a responsabilidade tanto com a representação do índio com fidedignidade em relação à obra literária da qual ele fazia parte e o respeito à sua condição étnica mesmo antes de qualquer noção antropológica mais elaborada. Nota-se até mesmo a preocupação com a aculturação em que esse índio passou ao trabalhar nas ruas de Porto Alegre.

Assim, a professora lone foi também responsável por recuperar uma das memórias mais interessantes da Tertúlia, a execução de uma dança pelos alunos, interpretando um “tango argentino”, o que movimentou da pesquisa histórica aos exaustivos ensaios para que se pudesse atingir o nível de desempenho que pode ser acompanhado no vídeo, postado por ela no *blog*²³. Tudo isso sem contar o contato pioneiro com o Espanhol enquanto língua estrangeira marcada pela proximidade e pela familiaridade do emprego gaúcho da nossa língua portuguesa.

O depoimento da Professora Silvana Pineda destaca que “jovens aparentemente tímidos, se mostravam grandes dançarinos, declamadores, atores, poetas, artistas”. A Tertúlia guardava em si a possibilidade de educação das sensibilidades, algo que o cotidiano rotineiro e disciplinar da experiência escolar

²³ Enviado por Araujo49 em 28/06/2007 Youtube Tango na IX Tertúlia Romântica do Colégio Militar de Porto Alegre.

não podia abranger em suas avaliações e mensurações. A professora reconhece também a integração da comunidade escolar na participação do evento quando fala:

Encantava-me, também, trazer ao CMPA as famílias dos nossos estudantes para participarem de momentos como aqueles. Era um momento de aplaudir os filhos, perceber neles outros talentos e a possibilidade de testemunhar seus filhos criando beleza na apresentação e, através da experiência escolar (Silvana, postado em 17/07/2012).

Eva Esperança Guterres Alves, em suas lembranças, ao falar da Tertúlia Romântica recorda da metáfora que envolvia as personagens da antiguidade clássica com a obra “Os Lusíadas” de Camões, resgata a importância da busca em produzir uma nova cultura dos saberes pedagógico, conforme se pode considerar no depoimento que escreve:

Essa metáfora remete à prática interdisciplinar: nós, professores de História e de Literatura da série, buscávamos práticas e fundamentos que, por meio de novas táticas e estratégias, produzissem uma nova cultura dos saberes pedagógicos, saberes esses integrados por professores e alunos na viva dialética do cotidiano da sala de aula e na concretude do currículo escolar.

A professora considera que aquele fazer pedagógico do processo educacional deve acompanhar os que neles se envolveram até hoje, o que, de fato, se constata no *blog* pelos seus depoimentos postados. E concluiu:

Considero que aquela atividade, agora apurada em um retrospecto, teve forte relevância na vida de inúmeras pessoas. Sinto-me honrada por essa trajetória e por ter tido como pares colegas/professores e alunos comprometidos na busca de novos conhecimentos (Eva, postado em 19/07/2012).

A avaliação da Professora Eva Esperança culmina com as lembranças da última edição do evento de tema os *Cem anos da morte de Machado de Assis*: o vídeo²⁴ postado é um diálogo entre o Machado menino e o Machado adulto. Nota-se: o tema da Tertúlia passou a ser uma celebração memorialística do seu centenário e dos acontecimentos que marcaram a difusão e as diferentes interpretações atribuídas à sua obra.

²⁴ Enviado por Araújo49 em 07/05/2011 (Youtube – X Tertúlia) Link: http://www.youtube.watch?v=cck3_txaWrw.

É crucial, então, destacar que, exatamente nessa última edição, a Tertúlia já não estava mais apenas estudando a obra de Machado de Assis entre o dramático e o literário, mas propondo-se também, passado um século de sua morte, a inserir-se no próprio balanço da trajetória da vida e da obra desse autor. Logo, pode-se dizer que a Tertúlia, de acordo com o que lembra a Professora Eva, acrescentou mais esse nível interdisciplinar ao seus fins: lidar diretamente com o problema da memória que perpassa a circulação das obras literárias por diferentes períodos históricos, marcados por diferentes percepções e por uma capacidade de conservação e permanência notada nos autores ditos “clássicos”.

A prática pedagógica centrada na interdisciplinaridade refletida pelos docentes verificou-se, conforme figura abaixo, aspectos positivos salientados entre outros como:



FIGURA 12 – Interdisciplinariedade: reflexão dos professores.
Fonte: Autoria própria, 2012.

5.3 FIOS TEÓRICOS DA MEMÓRIA E DA PRÁTICA INTERDISCIPLINAR NA TERTÚLIA ROMÂNTICA

As pessoas, de maneira geral, diferenciam-se pelas suas singularidades, identidades, e, permanentemente, vão construindo-se e reconstruindo-se no transcorrer de suas vidas. Não há como discordar que a fonte mais fidedigna para se contar algo é o próprio sujeito que vivenciou a experiência. De fato, isso parece ser verdade. Mas, de um ponto de vista científico, a narrativa revela apenas uma perspectiva, por isso, um ponto de vista geralmente marcado por uma ótica subjetiva, que precisa ser complementada e articulada com outras visões para tornar-se capaz de apreender um fenômeno em sua complexidade.

Por meio das postagens voluntárias dos ex-alunos e professores do CMPA no *blog* “Memórias de ex-alunos na Tertúlia Romântica”, procurou-se promover um grande encontro virtual dessas memórias e impressões. Um espaço destinado a registrar os relatos e as informações atuais sobre todos e cada um dos ex-alunos.

Além disso, o espaço do *blog* também foi destinado a formar um banco de registros fotográficos e audiovisuais dos seus melhores momentos vivenciados na Tertúlia Romântica.

Desse modo, a parte empírica da pesquisa foi formada pela postagem de narrativas de 22 ex-alunos, hoje na faixa etária entre 21 a 29 anos, no *blog*. Nesse espaço, eles relatavam as suas participações e representações no evento escolar. E a partir da análise dos depoimentos, buscou-se compreender a memória individual e coletiva, pessoal e institucional, com participação desses sujeitos com a construção de narrativas autobiográficas, relatando fatos que subsistem em suas lembranças relacionados aos temas, personagens, episódios pitorescos e as relações com outros colegas.

Procurou-se estar atento à interação entre os conhecimentos da História e da Literatura deixados como legado intelectual resultantes dessa prática. Investigaram-se, também, quais as repercussões dessa experiência na vida dos sujeitos, segundo suas próprias opiniões, no tocante à aquisição de conhecimentos e sensibilidades importantes para suas vidas práticas e posteriores desempenhos profissionais.

A pesquisa também se dedicou a fazer uma reflexão, focalizando os depoimentos de sete professores que estiveram envolvidos nesta atividade do CMPA, objetivando compreender os engajamentos presentes nesse fazer pedagógico interdisciplinar.

Com as narrativas dos ex-alunos, foi-se percorrendo as lembranças e compreendendo que o individual e o coletivo complementam-se mutuamente. Sobre isso, Halbwachs afirma “que não há lembranças que reapareçam sem que de alguma forma seja possível relacioná-las a um grupo [...]”.

Segundo o mesmo autor, “o conteúdo das lembranças se destaca pelo fato de estarem no ponto em que se cruzam duas ou mais séries de pensamento, pelos quais elas se interligam a tantos outros grupos” (Halbwachs 2007, p.42-51).

Esse aspecto pode ser percebido com muita clareza no depoimento da ex-aluna Grasiela do Nascimento Duarte, hoje jornalista, que percebe que as narrativas compõem a própria matéria prima da sua atividade profissional:

“Com certeza, o estudo histórico para a representação atrelado às noções de interpretação, foram especiais e me ajudam até hoje. Sou formada em jornalismo e trabalho como repórter da editoria de Rural do Jornal Correio do Povo. Os fatos históricos são o meu dia a dia e saber compor as histórias também” (**Grasiela**, postado em 15/06/2012).

Já Paul Ricoeur afirma que “[...] A lembrança não consiste mais em evocar o passado, mas em efetuar saberes aprendidos, arrumados num espaço mental” (Ricoeur 2007, p. 77). Foi justamente esse o sentido do aprendizado prático e vivencial que se pode extrair do depoimento de Anelise Santos, que trabalhou com a obra “Lucíola” de José de Alencar, na TERTÚLIA de 2002. Para essa aluna, a atividade contribuiu, até mesmo em um nível ético, para a construção de seu próprio caráter. Conforme a ex-aluna: “Ao olhar para trás, sinto muito orgulho por saber que todas essas experiências ajudaram a constituir meu caráter e também a ter perseverança e determinação em um mercado de trabalho tão tumultuado” (Anelise Santos, postado em 11/06/2012).

Tais lembranças não teriam importância se não viessem acompanhadas de experiências sociais que ligam os conteúdos aprendidos aos fatos vivenciados. Portanto, a ideia de evocação do passado da qual Ricoeur (2007) fala, articula-se pela sua íntima ligação com a efetivação dos saberes no campo das experiências de

socialização praticadas e recordadas. Halbwachs, ao explicar uma experiência de um passado vivido por participantes de um mesmo grupo sustenta que:

A lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada. Certamente, que através da memória éramos colocados em contato diretamente com alguma de nossas antigas impressões, a lembrança se distinguiria, por definição, dessas ideias mais ou menos precisas que nossa reflexão, ajudada pelos relatos, os depoimentos e as confidências dos outros, permite-nos fazer uma ideia do que foi o nosso passado” (HALBWACHS 2007, p. 71.).

O depoimento de Caroline Borques mostra como essa diferença entre lembranças e impressões esteve presente na interpretação do envolvimento entre as mulheres gaúchas da obra ficcional de Érico Veríssimo, “O Continente”. Sob o ponto de vista de uma mulher gaúcha do século XXI, não há como negar que essa aluna estabeleceu uma comunicação muito intensa entre esses dois mundos, o da obra e o dela mesma, e que essa distância no tempo foi superada por uma reconstrução, por um entendimento sensível e conceitual de algo não vivido por ela. Nas suas próprias palavras:

Foi algo bastante marcante ter que parar pra pensar como as mulheres gaúchas, como um todo, foram fortes, como foram capazes de perder seus homens em guerra e seguir adiante, como foram obrigadas a se tornarem matriarcas e dominar suas casas. Essa personagem me motivou de alguma forma a ter um orgulho de ser uma mulher gaúcha por ter na minha história mulheres fortes que superaram as piores coisas. *O Tempo e o Vento*, de Érico Veríssimo. (**Caroline**, postado em 15/06/2012).

Ainda segundo Halbwachs, quando nos trata da memória individual e coletiva, escreve que:

Para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outra para que lembranças que fazem recordar venham a ser constituídas sobre uma base comum”. (HALBWACHS, 2007, p. 39).

Essa afirmação foi duplamente demonstrada na pesquisa: tanto na comunhão de condições entre personagens e alunos (como é demonstrado no depoimento acima), estabelecida por alguns pontos de contato e de identidade verificados durante a Tertúlia, como na própria participação no *blog*.

Conforme a abordagem de Vera Maria Antonieta Tordino Brandão, no que tange às narrativas autobiográficas, observa que:

A busca das raízes culturais identitárias, baseadas na vida vivida, nas histórias das comunidades, em seus saberes-afazeres, trazidas pela memória nas práticas narrativas autobiográficas, mostram-se como possibilidades de um conhecimento de si, do grupo de pertencimento e de sua cultura. Esses projetos propiciam a reflexão, o encontro, e nele, pela palavra, um espaço de diálogo que instrumentaliza os participantes na busca de sentidos e significados, e ações integrativas para si e para o grupo, fortalecendo o protagonismo dos envolvidos, valorizando-os como construtores de suas vidas e histórias (BRANDÃO, 2008 p. 77 e 78).

Foi exatamente esse o sentido propiciado pelo *blog*: criar um espaço de memória e de cultivo de uma identidade de pertencimento baseada na rememoração expressa por meio de narrações, fotografias, vídeos e canções. O caráter interdisciplinar também foi fundamental para o engajamento dos alunos que utilizavam, por exemplo, a música para compreender determinadas obras e mesmo atmosferas culturais dos momentos históricos estudados.

Segundo Morin (2002), um ensino baseado em uma perspectiva interdisciplinar consegue formar profissionais com uma visão mais global de mundo e estes ficam aptos a reunir os conhecimentos adquiridos para religar e contextualizar novos saberes. Verifica-se, por exemplo, como o depoimento da aluna Camila S. Toledo ressalta a importância da música de Chiquinha Gonzaga e o despertar de uma sensibilidade que até hoje permanece ativa:

Cantei "Lua Branca" a caráter e sob orientação da Prof Eva! Esse não era nem de longe o estilo de música que eu costumava cantar, mas bastou ouvi-la que me apaixonei! Não lembro se cantei a capela, ou com a acompanhamento, mas a preparação me fez querer saber mais da compositora, da arte/música da época. E, ao pesquisar, descobri coisas que nem imaginava! Me fez refletir a importância da cultura e da música no século XIX. Vejo hoje, como uma iniciativa de muito bom gosto dos responsáveis pela Tertúlia, e quanto o incentivo ao estudo dessa época nos enriqueceu (**Camila**, postado 09/06/2012).

O estudo revelou também grande eficácia pedagógica no ensinar a fazer, a representar, a dramatizar tanto no teatro como na música, no canto, na poesia e na dança, atividades estas que produziram as mais duradouras memórias, bem como o enriquecimento cultural e artístico.

A professora Eva Esperança ressalta a importância dessas atividades nas diferentes linguagens para os jovens quando declara que:

As habilidades e competências desenvolvidas com essa prática, nas suas diferentes linguagens, ajudaram os jovens a perderem a timidez e a desenvolverem a autoconfiança, a integrarem atividades em grupo, a se interessarem mais por textos e autores, a desenvolverem a capacidade de produção textual e a iniciação à pesquisa, a trabalharem a percepção dos direitos da cidadania, estimulando a imaginação e a organização do pensamento por vias não tradicionais”.

Em termos de habilidades e competências e das experiências curriculares, só poderia se dar a partir de uma prática interdisciplinar voltada a transferir aos alunos o protagonismo da produção dos saberes, tornando-os agentes da própria formação, coadunando com a professora Eva Esperança quando escreve que:

As representações e apresentações desde o primeiro sarau em 1999 ao ano de 2008, (...) foram manifestações do conhecimento produzido pela autoria de alunos que vivenciaram, embora em uma escola tradicional, uma prática interdisciplinar alternativa como sujeitos do processo ensino-aprendizagem (Eva, postado em 19/07/2012).

Já no depoimento da professora Silvana percebe-se uma reflexão do fazer pedagógico da ação docente na Instituição quando diz:

Pude vivenciar a construção do projeto, seu alcance e a forma como aquela proposta evidenciava os próprios limites e contradições do projeto pedagógico da escola. Nem todos os integrantes do CMPA conseguiam entender a complexidade de uma proposta que se propunha coletiva, sensível, que reorganizava as atividades de sala de aula a partir das necessidades que se apresentavam diante da múltipla tarefa de estudar de forma criativa os também múltiplos significados do século XIX (Silvana, postado em 17/07/2012).

Fazenda (1994) fortalece essa ideia quando fala das atitudes de um “professor interdisciplinar”:

Entendemos, por atitude interdisciplinar, uma atitude diante de alternativas para conhecer mais e melhor; atitude de espera ante os atos consumados, atitude de reciprocidade que impele à troca, que impele ao diálogo – ao diálogo com pares idênticos, com pares anônimos ou consigo mesmo – atitude de humildade diante da limitação do próprio saber, atitude de perplexidade ante a possibilidade de desvendar novos saberes, atitude de desafio – desafio perante o novo, desafio em redimensionar o velho – de envolvimento e comprometimento com os projetos e com as pessoas neles envolvidas, atitude, pois, de compromisso em construir sempre da melhor forma possível, atitude de responsabilidade, mas, sobretudo, de alegria, de revelação, de encontro, de vida (FAZENDA, 1994, p. 82)

Percebe-se que, enfrentando os desafios do cotidiano escolar, as professoras, nesse espaço virtual, mediante seus depoimentos no *blog*, tiveram a oportunidade de refletir sobre as suas práticas pedagógicas, discutindo, dessa forma, sobre uma coerência de ação e, ao mesmo tempo, tentando não perder o sentido da busca por uma escola mais humanizada e formadora de opinião.

Reportando esse pensamento a Japiassú (1976), quando ressalta que a interdisciplinaridade exige uma reflexão profunda e inovadora sobre o conhecimento, que demonstra a insatisfação com o saber fragmentado.

Afinal, nesse processo de aprendizagem no qual os jovens, cada vez mais, necessitam reter uma dose gigantesca de informações, as práticas didáticas compartilhadas mostram-se mais dinâmicas e permitem uma práxis mais integradora e emancipadora.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa se propôs a estudar a construção da memória coletiva de uma experiência interdisciplinar com ex-alunos e professores que vivenciaram temas históricos e literários envolvidos em uma prática educativa: a Tertúlia Romântica, desenvolvida ao longo de uma década no Colégio Militar de Porto Alegre.

Nesse processo, buscou-se compreender e analisar as estratégias utilizadas em uma experiência interdisciplinar ligada à memória, sua formação, sua recuperação e suas formas de transmissão de valores ocupantes de um espaço na memória da trajetória da vida escolar de adolescentes, hoje adultos que compartilham um passado comum.

Procurou-se, então, identificar e recolher as memórias desses ex-alunos e professores em relação à prática Tertúlia Romântica, dando especial atenção aos temas, personagens, episódios bem como as apresentações e representações acontecidas no entrecruzamento de conteúdos de diferentes disciplinas; haja vista que a vida humana não é estanque, pelo contrário, na mobilidade de ser em sua existência tudo acontece ao mesmo tempo, assim como a história, a literatura, a arte, a política e a tecnologia se misturam nesse espaço de reconstrução das lembranças.

A experiência interdisciplinar constituiu-se, sob o ponto de vista dos docentes, em uma alternativa pedagógica de produção artística cultural inovadora e complementar às práticas tradicionais do currículo regular, pois essas atividades se deram em espaços além da sala de aula, num envolvimento de pesquisa, investigação e experimentação. Suas reflexões revelaram que a prática interdisciplinar proporcionou aos alunos impactos relevantes nos aspectos de criatividade, experimentação, indagação, inovação, identificação, sensibilidade, socialização e urbanidade.

A análise dos testemunhos e depoimentos aponta para a repercussão que a experiência educativa deste projeto cultural teve na vida pessoal e profissional dos ex-alunos no que tange à aquisição de novos conhecimentos e formação de sensibilidades. Consequentemente, a apreciação deste estudo, conforme já exposto,

mostrou aspectos relevantes salientados pelos ex-alunos no *blog*, como: afetividade, autoconfiança, cooperação, integração, motivação, reconhecimento, responsabilidade...

As observações dos depoimentos dos professores e alunos sobre os distintos anos da tertúlia não só revelaram a presença de memórias permeadas por uma grande carga afetiva, como também um trabalho em equipe de grande sinergia e comprometimento. Essa experiência conquistou em nível prático o ensino por meio de habilidades e competências, promovendo um estudo em situações que se aproximam da realidade das culturas afro-brasileira, indígena, europeia do século XIX.

As habilidades e competências desenvolvidas com essa prática, nas suas diferentes linguagens, ajudaram os jovens e até mesmo os professores a lidar com a timidez e a desenvolver a autoconfiança, a integrar atividades em grupo, a se interessar mais por textos e autores, (contribuindo para orientar e reorientar carreiras), a desenvolverem a capacidade de produção textual e a iniciação à pesquisa, a trabalharem a percepção dos direitos da cidadania, estimulando a imaginação e a organizarem o pensamento ético e estético por vias não tradicionais e que se revelaram muito mais duradouras do que as atividades rotineiras.

A prática tertuliana, além do seu caráter interdisciplinar já analisado, teve um efeito prático de incremento da autoestima dos alunos e professores pois, ao exercitarem novos papéis, seus desempenhos passaram a estar sob o foco da atenção crítica, tornando evidente que a opinião alheia era decisiva para a interiorização de um sentimento de aprovação.

Ficou também muito claro que estava em jogo uma troca de papéis: os que estavam avaliando, logo seriam também avaliados, isto é, os espectadores seriam, em seguida, apresentadores para os seus pares. Essa situação toda se mostrou capaz de mobilizar positivamente a autoestima do corpo docente e discente, tornando-se uma prática essencialmente inclusiva, visto que proporcionava a experimentação rotativa de diferentes posições e papéis no processo de constituição das apresentações.

Com isso, os vínculos de pertencimento foram reafirmados, formando elos de integração, amizade e de solidariedade entre as séries que se sucediam, cada qual

no universo de suas séries e seus grupos etários, ignorando os que os alcançariam e os passos próximos e seguintes de sua própria formação.

A tertúlia proporcionou o surgimento de um horizonte de comunhão; um espaço disponível para o vislumbre dos alunos do futuro próximo.

Nesse sentido, a inclusão não foi somente do grupo, mas também algo temporal: projetos e memórias fundiram-se num momento de reflexão e celebração, marcada pela densidade estética e pelo compromisso com o bom desempenho a ser avaliado não apenas pelos professores, mas também por um público constituído pela comunidade escolar.

O *blog Memória de ex-alunos na Tertúlia Romântica*, que no decorrer dessa pesquisa constituiu o suporte da parte empírica da investigação, permanecerá com acesso disponível para as atuais e as futuras gerações.

Pretende-se que ele continue sendo alimentado e enriquecido por outros alunos e professores participantes da experiência tertuliana, tornando-o ainda mais amplo e, com o interesse pelo resgate dessa atividade, cada vez mais vivo.

Assim, o propósito prático visado é que esse espaço virtual sirva ao mesmo tempo de memória, modelo e inspiração para outras experiências de práticas pedagógicas interdisciplinares.

O *blog e esta dissertação irão* integrar o acervo da Sala Histórica da escola, lugar na Instituição oficialmente dedicado ao cultivo e à preservação da sua memória.

Todos os vídeos, fotos e depoimentos serão datados, identificados e classificados, a fim de integrarem esse corpo de memória permanente, com fins simultaneamente históricos e pedagógicos, oferecendo às gerações vindouras uma amostragem de atividades precedentes e um estímulo às atividades de caráter interdisciplinar. Isso significa que, na perspectiva deste trabalho, há a reconstrução de uma memória coletiva; uma experiência compartilhada e recomposta por fragmentos complementares reavivados em um processo de reconstrução e retrospectiva, agora também disponível no espaço virtual, característica do século XXI.

Em conclusão, fica como tema de reflexão o seguinte fragmento de Walter Benjamin, que possivelmente resuma todo o sentido do trato com o tempo reconstruído pelo resgate de memória que perpassou todo este trabalho: "Um

acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo que veio antes e depois" (BENJAMIN, 1994:15).

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. **Espaços, imagens na escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

AQUINO, Ivânia Campigotto. **Encontros da literatura e da história na narrativa**. S/d. Disponível em: <<http://www.abralic.org.br/enc2007/anais/19/1461.pdf>> . Acesso em: 11 mai. 2012.

ARAUJO, Leonardo R. C. de, Disponível em: <<http://www.cmpa.tc.br/index.php/historico>>. Acesso em: 12 mai. 2012.

ARISTÓTELES. **A poética clássica**. 7ª ed. São Paulo: Cultrix, 1987.

BRANDÃO, Vera Maria Antonieta T. **Labirintos da Memória: Quem sou?** São Paulo: Paulus, 2008.

BENJAMIN, Walter. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994. p.197-221.

BENTO, Cláudio et GIORGIS, Luiz. **História do Casarão da Várzea 1885-2008**.

Barra Mansa: AHIMTB e Gráfica e Editora Irmãos Drumond Ltda, 2009.

BERGSON, H. **Matéria e memória**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BORGES, J. L. **Funes o memorioso**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BOSI, E. **Memória & sociedade:** lembrança de velhos. São Paulo: T. A. Editor, 1994.

Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Médio. PCNEM, Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 1999.

BURKE, Peter. A história como memória social. In: **O mundo como teatro**. Lisboa: Difel, 1992.

BURKE, Peter. (org.) **A escrita da História:** novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.

BURKE, Peter. **História e Teoria Social**. São Paulo: UNESP, 2002. CARRA.

CARRA, Patrícia Rodrigues Augusto. **O Casarão da Várzea: um espaço masculino integrando o feminino (1960 a 1990)**. Porto Alegre: PUCRS, 2008. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Educação. Porto Alegre.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. Artes de fazer. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002

CHAVES, Flavio Loureiro. **História e Literatura**. 2ª ed. Porto Alegre: EDUFRGS, 1991.

CHARTIER, R.. **A história cultural entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1997.

DELORS, Jacques. **Educação:** um tesouro a descobrir. São Paulo: Cortez, 1998.

DIEHL, Astor Antonio. **O livro didático e o currículo de história em transição**. 1ª ed. Passo Fundo: EDUPF, 1999.

COLÉGIO Militar de Porto Alegre. [Site Institucional]. Disponível em: <<http://www.cmpa.tche.br>>. Acesso em: 14 jan. 2012.

FAZENDA, Ivani Catarina. **Interdisciplinaridades: história, teoria e pesquisa**. Campinas: Papirus, 1994.

_____. **Práticas interdisciplinares na escola**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1994.

_____. **Práticas interdisciplinares**. 3ª ed. Organização Ivani Fazenda. São Paulo: Ed. Cortez, 1996.

_____. **Metodologia da pesquisa Educacional**. 2ªed. Aumentada- São Paulo: Cortez, 1991.

FERREIRA, M. E. M. p.Ciência e Interdisciplinaridade. In: FAZENDA, Ivani Catarina. **Práticas interdisciplinares na escola**. São Paulo: Cortez, 1993.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 31ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

GALLO, Sílvia. Transversalidade e educação: pensando uma educação não disciplinar. In: ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite (Orgs.). **O sentido da escola**. Rio de Janeiro: DP & A, 1999.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2007.

HOBSBAWN, Eric. In: _____. RANGER, Terence. **A Invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HYLOEA. Revista do Colégio Militar de Porto Alegre, anos 2000 a 2008.

JAPIASSÚ, Hilton. **Interdisciplinaridade e a Patologia do Saber**. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1976.

LANDIM, Cláudia Maria das Mercês Paes Ferreira. **Educação à distância**: algumas considerações. Rio de Janeiro: [s.n.], 1997.

LEENHARDT, Jacques; PESAVENTO, Sandra. **Discurso histórico e narrativa literária**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1998.

LE MOS, André. **Cibercultura**. Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2002.

LÜCK, H. **Pedagogia interdisciplinar**. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. **Pedagogia interdisciplinar**: fundamentos teórico-metodológicos. 9ª ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

2 MEDEIROS, de Laudelino T., **Escola Militar de Porto Alegre**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1992.

MEMORIAL. In: **E-Dicionário da memória social, dos Bens culturais e da Cibercultura**. Disponível em: <<http://edicionario.unilasalle.edu.br>>. Acesso em: 20 jun. 2012.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História oral e memória a cultura popular revisitada**. São Paulo: Editora Contexto, 2003.

MORAES, M. C. **O paradigma educacional emergente**. Campinas: Papirus, 2003.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: Repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p.7-28, dez. 1993.

NOVAK, Joseph D.; GOWIN, D. B. **Aprender a aprender**. 2ª ed. Lisboa, Portugal: Plátano Edições Técnicas, 1999.

OLIVEIRA, Juvenal de. **Dicionário gaúcho, termos, expressões, adágios, ditados e outras barbaridades**. Porto Alegre: AGE, 2002.

PÁDUA, Elisabete Matallo Marches. **Metodologia da pesquisa, Abordagem teórico-prática**. Campinas: Papirus, 2011.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

_____. **Sensibilidade na história: memórias singulares e identidades sociais**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2007.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos históricos. n. 3, Rio de Janeiro, 1989.

_____. Memória e identidade social. Estudos históricos. N. 10, Rio de Janeiro, 1992.

POMIAN, K. Memória. In: **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 2000.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet** (Coleção Cibercultura). Porto Alegre: Sulina, 2009.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Traduzido por Alain François. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

_____. **Tempo e narrativa**. Tomo III. Campinas-SP: Papirus, 1997.

ROSSI, Paolo. **O passado, a memória, o esquecimento**. São Paulo: Editora da UNESP, 2010.

SAMARA, Eni; Silveira, Ismênia. **História & documentos e metodologia de pesquisa**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. **Globalização e interdisciplinaridade: o currículo integrado**. In: BURKE, Peter. **História e teoria social**. São Paulo, UNESP, 2001. reimpressão. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SANTOS, B. S. **Para um novo senso comum a ciência, o direito e a política na transição paradigmática**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SANTAELLA, Lucia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

SCHITTINE, Denise. **Blog: comunicação e escrita íntima na internet**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

SELIGMANN, Mario. **História, memória e literatura**. Campinas: UNICAMP, 2003.

SILVA, Zélia Lopes da (Org.). **Arquivos, patrimônio e memória: trajetórias e perspectivas**. São Paulo: Universidade Estadual Paulista -FAPESP, 1999.

SOUZA, J. V. **Narrativas de professores e identidade docente: o memorial como procedimento metodológico**. Psicologia da Educação. São Paulo: PUC-SP, 2003.

VINHAIS, Ione. **Literatura leitura e produção textual no ensino médio**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2009.

VYGOTSKY, L. S. **A Construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WALTER, Benjamin, ***Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura***. Obras escolhidas, Volume 1 Editora Brasiliense, 1994)

YATES, F. A. **A arte da memória**. São Paulo: Editora UNICAMP, 2007.

ZECHLINSKI, Beatriz Polidori. História e Literatura: questões interdisciplinares. **História em Revista** (UFPEI), Pelotas, RS, v. 9, p.213-50, 2004.

ANEXOS

ANEXO 1 - Blog Memória de ex- alunos na Tertúlia Romântica



Memória de ex-alunos na Tertúlia Romântica

Memórias da Tertúlia Romântica (1999-2008)

Este blog foi criado com o objetivo de resgatar a memória dos participantes da Tertúlia Romântica no CMPA nos anos entre 1999 e 2008. Refazer caminhos, narrar episódios e conhecimentos dessas vivências nos ajudará a descrever o que significou e ainda significa na vida de vocês, ex-alunos, essa prática interdisciplinar.

Caros ex-alunos e professores, este espaço é seu: publique aqui sua experiência nessa prática educativa, enviando comentários, vídeos, audios e fotos de sua participação.

Clique [AQUI](#) para abrir uma sugestão de roteiro para o seu depoimento.

ANEXO 2 - ROTEIRO DE DEPOIMENTO E AUTORIZAÇÃO VIRTUAL

Roteiro de depoimento

DADOS OPCIONAIS

Nome: _____

E-mail: _____

TEMA 1: MEMÓRIA DE EX ALUNO NA TERTÚLIA ROMÂNTICA 1999 A 2008 (20 EX ALUNOS).

CAMPO OBRIGATÓRIO

Data que participou do projeto Tertúlia Romântica?

SUGESTÕES DE DEPOIMENTOS:

Lembranças e experiências que marcaram sua atuação na Tertúlia Romântica, tais como:

Personagem

Episódios marcantes sobre apresentações e representações

Práticas educativas no CMPA fora do contexto de sala de aula

Interação do grupo alunos e professores com essa prática

Conhecimentos e sensibilidades adquiridos com essa prática que tenham influenciado hábitos de leitura e da circulação regular em espaços culturais bem como na identificação profissional.

Você dispõe de registros de sua participação na Tertúlia? Poderia enviar fotos e ou vídeos de sua performance?

TEMA 2 : SUGESTÕES DEPOIMENTO DE PROFESSORES QUE ESTIVERAM ENVOLVIDOS NA PRÁTICA INTERDISCIPLINAR NA TERTÚLIA ROMÂNTICA (7 PROFESSORES).

A experiência interdisciplinar da Tertúlia Romântica foi uma alternativa pedagógica de produção artística cultural inovadora às práticas tradicionais do currículo regular.

Autorização virtual em __/__/20__

APÊNDICE 1 – PROGRAMAÇÃO DAS DEZ TERTÚLIAS 1999 A 2008.

1999 - Sarau

**PROGRAMAÇÃO RECEBIDA
PELO PÚBLICO ESPECTADOR**

Colégio Militar de Porto Alegre
Projeto Interdisciplinar
História e Literatura
2º ano do II Grau

Data: 23 de junho de 1999

Local: Salão Brasil

Horário: 10h

"Sinto no meu coração uma necessidade de amar, de dar a uma criatura este amor que me bate no peito.

Mas ainda não encontrei uma mulher - uma só - por quem pudesse bater de amores"

Alvares de Azevedo, em uma carta a um amigo

Programação**1. Exposição interativa**

- Cartazes
- Reprodução de cenas do cotidiano
- Música

2. Sarau

- Teatro: Cena da Roça - Martins Pena
- Declamação: A Valsa - Casimiro de Abreu
- Música romântica: Tão Longe - Carlos Gomes
- Faces do Romantismo: Poesia romântica

2000 - Cotidiano do século XIX

Tertúlia Romântica

PROGRAMAÇÃO - 2000

1. Exposição Interativa

- Reprodução de ambientes do século XIX
- Construção de cenas do cotidiano
- Cartazes

2. Apresentações

- Ópera: "O Guarani"
adaptação da ópera de Carlos Gomes
e do romance de José de Alencar
- Declamação: "I-Juca Pirama"
de Gonçalves Dias
- Teatro: "Vida e morte de Álvares de Azevedo"
autoria do aluno Vilaverde
- Declamação: "Se eu morresse amanhã "
de Álvares de Azevedo
- Dança: Can Can
adaptação de dança européia do século XIX
- Declamação: "Noite de Verão"
de Álvares de Azevedo
- Teatro: "Personagens românticos no céu"
autoria do aluno Ilha
- Declamação: "Meus oito anos"
de Casimiro de Abreu
- Dança: Minueto
adaptação de dança européia do século XIX
- Teatro: "O Guarani "
sátira ao romance de José de Alencar
autoria do aluno Cláudio

2001 - O Continente e Mauá o Imperador e o Rei

TERTÚLIA ROMÂNTICA

Evento Artístico-Cultural

Esse evento será dividido em dois atos:

1º Ato - O Continente

Encenação dos principais episódios da obra O Continente I, de Erico Verissimo, incluindo apresentação de danças gauchescas

2º Ato - Mauá, o Imperador e o Rei

Construção de cenas e personagens da sociedade brasileira do século XIX, com resgate das manifestações artístico-culturais da época:

- declamação do poema "Navio Negreiro", de Castro Alves;
- audição musical: "El Escravo", de Carlos Gomes;
- encenação de um episódio do romance Senhora, de José de Alencar;
- leitura do discurso político-abolicionista de Joaquim Nabuco;
- apresentação de manifestações da cultura popular do século XIX:
 - maxixe
 - músicas de Chiquinha Gonzaga
 - chorões

2001

2002 - As Manifestações da Sociedade Europeia e Brasileira do século XIX

Tertulia Romântica

1º Ato : O Continente 2

Adaptação do capítulo "A teianagua" da obra *O Continente 2* de Erico Verissimo.

2º Ato: Século XIX

Construção de cenas e personagens da sociedade brasileira do século XIX, resgatando as manifestações artístico-culturais da época.

CENA 1 / CIPA - 90 Anos de História

CENA 2 / O Brasil de D. Pedro I

CENA 3 / "A liberdade guiando o povo" de Delacroix

CENA 4 / Sarau Romântico

➤ Ultra Romantismo - Byron

Álvares de Azevedo

Casimiro de Abreu

Valsa - Corpo de Baile

CENA 5 / Prosa Romântica (Romance Urbano)

➤ *Dama das Camélias* (Alexandre Dumas)

➤ *Lucíola* (José de Alencar)

CENA 6 / Indianismo

➤ *O Guarani* (José de Alencar)

➤ Coral - "Canto do Guerreiro"

Letra: Gonçalves Dias

Música: Carlos Gomes

CENA 7 / Condoreirismo

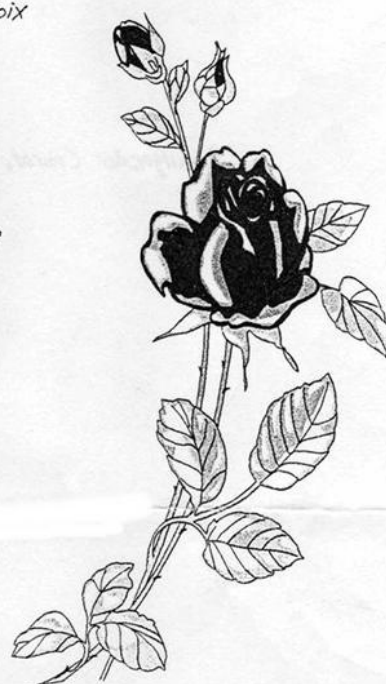
➤ *Navio Negreiro* (Castro Alves)

➤ *Capoeira*

➤ *Batuque*

➤ "Ó Abre Alas" (Chiquinha Gonzaga)

➤ *Maxixe "Attaente"*



2003 - O Amor no Romantismo



2004 - O Romantismo na Europa e no Brasil no Século XIX

Colégio Militar de Porto Alegre

Tertúlia Romântica

Projeto de História e Literatura

2ª Série do Ensino Médio

Data: 09 de junho de 2004 • Local:

Salão Brasil • Horário

PROGRAMA

. O ROMANTISMO NA EUROPA

**• O INDIANISMO E A
IDENTIDADE NACIONAL.**

**• SÉCULO XIX, O SÉCULO DA
PAIXÃO – A POESIA
ROMÂNTICA.**

**. O CONDOREIRISMO
. CENA GAÚCHA**

. OS IMIGRANTES.

2005 - As Faces do Romantismo Atrás das Máscaras

<p>"Quem, de três milênios Vive na sombra, na incerteza Está à mercê dos dias, do tempo"</p> <p>Goethe</p>	Realização:		<p>VII Tertúlia Romântica As Faces do Romantismo atrás das Máscaras</p>
<p>A subjetividade, o culto ao EU e à liberdade de expressão assinalam a criação de uma linguagem nova e compatível com o espírito nacionalista, onde impera a emoção. É o coração, acima da razão, que leva ao amor (idealizado e puro).</p>	<p>Agradecimento pelo apoio e suporte aos professores orientadores.</p>		<p>Salão Brasil Colégio Militar de Porto Alegre 17 de Agosto de 2005 Quarta-feira às 19h 30min</p>
<p>O Romantismo apresenta dupla face: é um saudoso olhar sobre o passado e um agoniado encontro com o presente.</p>	<p>VII Tertúlia Romântica - 2005 2º ano / Ensino Médio Colégio Militar de Porto Alegre</p>		
<p>A máscara, uma das primeiras fantasias do homem, tem seu uso acentuado à época do Romantismo, no século XIX</p>			
<p>No século da Paixão, os mascarados bailavam valsas, polcas e entoavam árias de ópera nos salões.</p>			

PROGRAMAÇÃO

- 2005- As faces do romantismo atrás das máscaras
- O Baile de máscara
- O homem da máscara de ferro
- Lucíola
- A moreninha
- Condoreiros
- O que é ser brasileiro conjunto de poemas que falam do verdadeiro sentido de ser brasileiro

VII TERTÚLIA ROMÂNTICA COLÉGIO MILITAR DE PORTO ALEGRE

Supervisão Escolar e Seção de Ensino A

Projeto: VII TERTÚLIA ROMÂNTICA

Produção: Coordenação de Projetos Culturais

Professora Eva Esperança Guterres Alves

Disciplinas: Literatura e Educação Artística

Professores: Ione Rich Vinhais e Vinicius Lapenta da Cunha

Tema: As faces do Romantismo atrás das máscaras

Alunos: Segunda série do Ensino Médio

Data e Horário: 17 de agosto de 2005, às 19h30min

Local: Salão Brasil do Colégio Militar de Porto Alegre.

AS FACES DO ROMANTISMO ATRÁS

MÁSCARAS

ATO 1: Romantismo na Europa

1. Recitação do poema "Versos Inscritos numa Taça Feita de um Crânio", de Lord Byron.
2. Romantismo na Europa.
3. Recitação do poema "Soneto", de Álvares de Azevedo.

ATO 2: O Baile de Máscaras

ATO 6 - CONDOREIRISMO

NAVIO NEGREIRO

COLÉGIO MILITAR DE PORTO ALEGRE

Colégio Casarão da Várzea

Projeto: VIII TERTÚLIA ROMÂNTICA
Realização: Seção de Ensino A
Produção: Coordenação de Projetos Culturais:
 Professora Eva Esperança Guterres Alves

Disciplinas:
Literatura: Professora Ione Richi Minhais
História: Professora Silvana Schuler Piñeda

Alunos: Segunda série do Ensino Médio
Data e Horário: 15 de agosto de 2006 - 19 horas
Local: Salão Brasil do Colégio Militar de Porto Alegre.
Tema: Jovens produzindo aparências e estilo:
 Do Romantismo ao CMPA

Programação

- A juventude de Mozart desafia a aristocracia europeia.
- Um pensamento rebelde na era da razão.
- Semana de Arte Moderna.
- Ultra Romantismo: O Romântico foge no tempo e no espaço.
- O sentido social e revolucionário do Romantismo.
- Condoreirismo: o problema social na consciência literária.
- Jovens mulheres e a Pátria.
- Jovens julgados por jovens.
- Jovens que se constituíram sujeitos da história do CMPA.

2007 - Brasileirinhos



COLÉGIO MILITAR DE PORTO ALEGRE

Colégio Casarão da Várzea

Comandante: Coronel Fernando Vasconcellos Pereira

Projeto: IX TERTÚLIA ROMÂNICA

Tema: BRASILEIRINHOS

Seção de Ensino A

Produção: Coordenação de Projetos Culturais

Professora Eva Esperança Guterres Alves

Disciplinas: Literatura e História

Professores: Ione Rich Vinhais, Silvana Schuler Pinêda

Colaboração: AACV, SBL, SMAP

Oficina de dança.: Sandra Gonçalves

Oficina de interpretação: Tatiane Ivinhais

Alunos: Segunda série do Ensino Médio

Data e Horário: 26 de junho de 2007 – 19 horas

Local: Salão Brasil do Colégio Militar de Porto Alegre.

Galeria photographica e de Pintura do Romantismo Brasileiro

Inspirado no modelo europeu, o Romantismo brasileiro buscou a renovação da linguagem artístico-literária, dando ao índio brasileiro uma dimensão heróica, criando uma imagem eurocêntrica dos nativos brasileiros.



1 - Encenação - Batismo de Peri - adaptado da Ópera O Guarani de Antonio Carlos Gomes.

2 - Encenação - Nascimento de Moacir - adaptado do romance Iracema de José Alencar.

3 - Brasileiros, guardiões da natureza - Poema: Canto de liberdade dos Poetas Românticos

4 - As imagens dos imigrantes. Poema: Contrastes de Carolína e Vitor.

5 - As imagens dos brasileiros afro-mestiços.

* Poema Sou Negro do poeta Solano Trindade

* Encenação de tema da mitologia africana.

* Encenação de Judas em Sábado de Aleluia

2008 - Cem Anos de Machado de Assis



Colégio Militar de Porto Alegre
"Colégio Casarão da Várzea"
Ministério da Defesa - Exército Brasileiro - DEP - DEPA

Colégio Militar de Porto Alegre

Seção de Ensino A

Projeto Tertúlia Romântica

10ª Tertúlia Romântica

História: Prof.^a Silvana Schuller Piñeda

Literatura: Prof.^a Ione Maria Vinhais Costa

Coordenação: Profa. Eva Esperança Guterres Alves

Programa:

- Seminário
- Evento artístico-cultural
- Produção de folhetim alusivo aos Cem anos de Machado de Assis.

1 – Seminário:

Cem Anos com Machado de Assis:
o presente do passado na educação do futuro.



Programação:

Palestrante: Profa. Esp. Elenice Botelho Antunes (Pucrs - Literatura Brasileira).

Tema: A representação do Negro em quatro contos de Machado de Assis.

Vídeo : Machado de Assis.

APÊNDICE 2 - ENTREVISTA DA PROFESSORA EVA GUTERRES ALVES

ENTREVISTA COM EVA ESPERANÇA GUTERRES ALVES- 16/12/2010

Marta: Eu sou a professora Marta aqui do Colégio Militar. Estamos no Colégio Militar de Porto Alegre, hoje são dezesseis de dezembro de dois mil e dez e estou fazendo esta entrevista para o meu trabalho de pesquisa da faculdade Unilasalle, onde eu faço Mestrado em Memória Social e Bens Culturais. Professora Eva, o projeto Tertúlia Romântica, que a senhora trabalhou ao longo de dez anos, foi um trabalho de grande relevância no ensino-aprendizagem, o qual me despertou interesse em resgatar suas memórias pois ele foi tão importante, gerou tanta expectativa nos alunos, tanto amor na sua realização, que eu quero lembrar os fatos vividos, personagens, os sujeitos criativos que fizeram deste projeto interdisciplinar uma memória saudosista de muita integração e amizade. Professora Eva, a senhora que vem há tantos anos aqui no colégio, um (silêncio por alguns instantes) ícone da história deste colégio, eu gostaria de começar perguntando para a senhora: - Como foram estes dez anos da Tertúlia Romântica aqui no CMPA?

Eva: Eu sou a professora Eva Esperança, da disciplina de História. Primeiro, quero cumprimentá-la pelo trabalho que se propôs e pelo seu objetivo que é o de resgatar memória de ex- alunos que participaram do projeto desenvolvido no CMPA, a prática interdisciplinar “Tertúlia Romântica”. Queres saber como foi esse projeto realizado no Colégio Militar? Então, professora Marta, eu, como professora de História, sempre busquei algumas práticas as quais propiciassem aos alunos serem sujeitos da própria História, sempre enfatizei para eles: nós somos sujeitos, nós resgatamos, nós construímos, nós somos participantes do processo histórico. Com experiência desde meus primeiros tempos de magistério, isto já há muitos anos, busquei, através da representação do imaginário, esta aproximação da sensibilidade dos alunos como uma provocação para que se aproximasse da construção do processo histórico e identificasse os sujeitos no tempo e espaço como em um resgate, um escavar o ontem. No caso aqui, o século dezenove. Ao longo deste

período, eu trabalhei com os segundos anos, do Ensino Médio, sempre com cinco turmas, o conteúdo curricular era o Liberalismo, um período revolucionário e também romântico. E no ano de mil novecentos e noventa e nove, foi o primeiro ano do evento, foi um Sarau. No segundo bimestre, trabalhávamos o Romantismo no Brasil e na Europa, e o Liberalismo e as repercussões na sociedade e no Império do Segundo Reinado. Consideramos que era o momento de fazermos uma leitura mais crítica do Livro didático, para que os alunos construíssem novos conhecimentos, uma atividade onde eles fossem os protagonistas. Em conversa com a professora Helena Friedrich, da disciplina de Literatura, resolvemos fazer um Sarau. Os alunos organizaram um Sarau Literário abordando a sociedade da época dentro da História. Organizava-se e se vivenciava-se ali, a interdisciplinaridade entre as duas disciplinas. Nasce assim o primeiro Sarau (1999) que receberá o nome de Tertúlia já no segundo evento porque, no linguajar rio-grandense, o termo concilia diferentes manifestações artísticas, culturais, intelectuais e visuais, muito utilizado regionalmente. Os alunos selecionaram textos, poesias, elencavam personagens, aprofundavam estudos dos clássicos da literatura e dos fatos históricos. A Helena e eu, naquela proposta, conjuntamente com os alunos então, vamos dizer, fizemos uma nova proposta: *o fazer interdisciplinar* dentro de uma proposta pedagógica conteudista oficial do Colégio Militar de Porto Alegre. Fomos inventando, criando, oportunizando novos fazeres nesta aproximação de História e da Literatura neste trabalho integrado, gerado a partir do primeiro sarau. Tudo começou de uma apresentação simpleszinha, os alunos na sala de aula e no horário do turno escolar. Daí a pergunta entre nós, vamos chamar quem para assistir na plateia? Na escola, temos um salão, um auditório denominado Salão Brasil, que nunca teve as melhores condições acústicas, pois este prédio foi construído pra ser um quartel e adaptado para condição de escola. Aquela apresentação do primeiro sarau foi muito bem recebida por todos. Os alunos, mobilizados na fantasia pessoal, abriram espaço de discussão e criatividade, inclusive para novos sujeitos históricos por eles adaptados em uma prática de: *eu posso criar, eu posso fazer*. A partir de então, passa a existir para os alunos do Colégio Militar esta expectativa: *fazer a Tertúlia Romântica, eu vou ser aluno da professora Eva, o que nós vamos fazer de Tertúlia no ano seguinte?* Os alunos eram provocados a construir este evento cultural. O Projeto foi se ampliando, se ampliando no sentido do entrelaçamento das disciplinas, que

tivemos, ao longo destes dez anos, o apoio e o reconhecimento da comunidade escolar. Quanto à metodologia, sempre em uma abordagem conteudista, a construção dos personagens e as pesquisas feitas pelos alunos eram uma prática educativa onde eles eram os personagens do período em estudo. Quebrar paradigmas e trazer para a sala de aula a criação vivenciada no projeto, que a cada dia era renovada, reconstruída, reavaliada, foi sempre um crescimento muito importante. Neste espaço, incluímos oficinas de teatro, de educação artística e, a partir de determinado ano, passamos a tematizar o roteiro da apresentação. Houve um ano em que fizemos um baile de máscaras do século dezenove. Naquele espaço, foram construídos performances dos personagens e conteúdos selecionados e pesquisados do Liberalismo e do Romantismo. Outro ano foi a obra *O Continente* de Érico Veríssimo. Estas abordagens todas são interfaces da história e da literatura. *Brasileirinhos* foi outra temática, foi uma indagação de quem somos, que País é esse?... Onde estão os brasileiros? Fizemos este chamamento, foi muito importante e sempre no espaço-tempo, o século dezenove, porque a Tertúlia Romântica nunca perdeu o fio que é o aluno construindo seu conhecimento em uma abordagem desse século, numa releitura. Nos dez anos de Tertúlia, eu fiquei nove anos em sala de aula e as professoras de literatura, eram grandes colaboradoras, se alternavam: Helena Friedrich, professora Ione Vinhais, Rosa Morsch, Maria Isabel Silveira e Silvana Pineda. Diferentes habilidades como a dança, a música, o canto, a representação teatral foram o suporte do contexto histórico e literário do século estudado. Foram trabalhados também a crítica na construção de textos, o enriquecimento estético uma preocupação do jovem, a questão da diferença. Um dos objetivos era inclusão de todos os alunos em um trabalho coletivo, exclusão já temos no livro didático. Nas representações deste tipo, o aluno/sujeito sente-se incluído, partícipe de todo um processo de aprendizagem. Nos diferentes momentos, trabalhamos com a questão do medo, da timidez, bem como as questões das diferenças e das minorias sociais, a questão do escravismo sempre teve abordagem, a questão da população indígena, o índio sempre foi um totem, o negro sempre foi um tabu na História na e Literatura. Outra questão foi a inclusão religiosa, na abordagem do sincretismo religioso, então esses desafios levaram os alunos/sujeitos a “escavar” como diz Benjamin “*escovar a história no contrapelo*”,

afirmamos que as mais diversas manifestações da cultura estiveram presentes na Tertúlia.

Marta: Professora Eva essa prática educativa que transportava o imaginário do aluno ao século XIX na História e na Literatura, durou dez anos, por que esta prática terminou em dois mil e oito?

Eva: Bom, esse Projeto sempre desenvolveu, de forma interdisciplinar, ao longo de dez anos. Sabes que aqui nós temos uma hierarquia de comando, de postos, de coordenação, a prática teve um longo período. Em dois mil e sete, eu fui deslocada da sala de aula para coordenar outro projeto, eu sempre estive em sala de aula, mas foi proposto pela Subdireção de Ensino que eu coordenasse um novo Projeto cultural. Nesse deslocamento, outro professor foi para a sala de aula na disciplina de História, as professoras de Literatura sempre tiveram o maior interesse que o projeto Tertúlia continuasse, tanto o professor de Literatura quanto os alunos, tanto que, às vezes, até alunos do Ensino Fundamental me abordavam perguntando: *professora quando é que eu vou fazer a Tertúlia?* O aluno, desde o primeiro ano do segundo grau, tinha certeza e que ele iria participar, quem sabe ser um Capitão Rodrigo, ou um poeta, Castro Alves. Eles estavam preparados, sensibilizados para participar do evento. Com a minha saída da sala de aula, a Tertúlia se manteve por mais um ano, foi a de dois mil e oito, foi o ano de Machado de Assis, *Os Cem Anos da Morte de Machado*. Foi lindo trabalhar a obra dele com os alunos. Como eu não estava mais em sala de aula, então apareceram algumas dificuldades, eu não tinha mais regência de sala, eu não tinha porque propor, além disso não havia interesse da própria escola em continuar o projeto. A escola precisa andar com outras propostas, outros projetos pedagógicos executáveis. A Tertúlia era um trabalho que movimentava toda uma série que mobilizava os alunos. Quer dizer, eles também saíam de sua sala de aula, no horário de História ou de Literatura para participar das oficinas, para construção dos personagens, fazer os ensaios, isto exigia muito do aluno, a ser sujeito da criação do seu personagem nos diferentes espaços em que se apresentava e também nas diferentes representações. Foi projeto de riqueza de conhecimento e participação, precisava ser acolhido e

entendido dentro da escola, como uma proposta interdisciplinar de um novo pensar pedagógico. Como já não havia, talvez, suporte que o sustentasse e eu fora da sala de aula, em 2008 foi a última Tertúlia no Colégio.

Marta: Eu agradeço à professora Eva Esperança por esse momento de resgate da Tertúlia nesta entrevista. Tentarei recuperar no meu trabalho de pesquisa, através de um blog, as narrativas e depoimentos dos ex-alunos do que foi esta prática cultural, tão elogiada, tão reconhecida, tão saudosa e diferenciada. A procura para fazer a Tertúlia, pelos alunos conforme a senhora disse, já demonstrava a expectativa deles serem o agente, de serem os personagens deste trabalho, no futuro, diferenciado do dia a dia da sala de aula. Agradeço a presença da professora Eva e agradeço o Sargento Rojas que fez a filmagem. Muito obrigado.

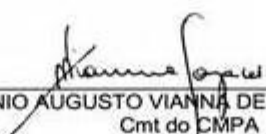
ANEXO 3 - TERMO DE CONSENTIMENTO DO CMPA

MINISTÉRIO DA DEFESA
EXÉRCITO BRASILEIRO
DECEX - DEPA
COLÉGIO MILITAR DE PORTO ALEGRE
(CMPA/1912)
COLÉGIO CASARÃO DA VÁRZEA

TERMO DE CONSENTIMENTO

O presente termo tem por objetivo autorizar a pesquisadora Marta Ivone Gonçalves da Silva, mestranda do programa de Pós Graduação em Memória Social e Bens Culturais, do Centro Universitário Unilasalle de Canoas, sob a orientação da Professora Doutora Zilá Bernd e da co-orientadora Professora Doutora Patrícia Kaiser Vargas Mangan, a pesquisa “Tertúlia Romântica: uma prática escolar no Colégio Militar de Porto Alegre”, o direito de utilizar, divulgar e publicar para fins culturais e acadêmicos. O espaço da Instituição Casarão da Várzea no que tange a pesquisa pedagógica, entrevistas, imagens fotográficas e vídeos postados no site da escola <http://www.cmpa.ensino.eb.br/> para esse fim específico.

Porto alegre, 18 de dezembro 2010;

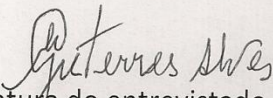

ANTÔNIO AUGUSTO VIANNA DE SOUZA – Cel Cav
Cmt do CMPA

ANEXO 4 - TERMO DE CONSENTIMENTO DA PROFESSORA EVA
GUETERRES ALVES

Termo de Consentimento

Eu, Eva Esperança Guterres Alves, professora de história do Colégio Militar de Porto Alegre, coordenadora do Projeto Cultural Tertúlia Romântica, uma prática interdisciplinar entre a literatura e a história no período entre 1999 a 2008. Autorizo ao Centro Universitário Unilasalle de Canoas e a pesquisadora Marta Ivone Gonçalves da Silva o direito de utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais e acadêmicos minhas imagens em áudio e vídeo realizada no dia 16 de dezembro de 2010 bem como todos e quaisquer depoimentos e vídeos que venha a conceder em entrevista e ou depoimento para esse fim.

Porto Alegre, 16 de dezembro de 2010.


Assinatura do entrevistado

Assinatura da Pesquisadora